

**PATRÍCIA PEDROSA BOTELHO  
JOSEANI ADALEMAR NETTO  
THUANNY DE FÁTIMA NASCIMENTO SANTOS  
ARTUR LUCINDA GONÇALVES**

**PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA E DE LITERATURA NO  
1º ANO DO ENSINO MÉDIO**



**editar**



**PATRÍCIA PEDROSA BOTELHO  
JOSEANI ADALEMAR NETTO  
THUANNY DE FÁTIMA NASCIMENTO SANTOS  
ARTUR LUCINDA GONÇALVES**

**PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA E DE LITERATURA NO  
1º ANO DO ENSINO MÉDIO**



**editar**

P234 Propostas pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura no 1º ano do ensino médio / Patrícia Pedrosa Botelho ... [et al.]. - Juiz de Fora: Editar, 2023.

158 p. : il. color.

ISBN: 978-65-00-75964-8 (Livro Digital)

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Literatura - Estudo e ensino. 3. Educação - Programas de atividades. 4. Letramento. I. Botelho, Patrícia Pedrosa. II. Adalemar Netto, Joseani. III. Santos, Thuanny de Fátima Nascimento. IV. Gonçalves, Artur Lucinda. V. Título.

CDD: 469.8

# PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LITERATURA NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

BOTELHO, Patrícia Pedrosa; ADALEMAR NETTO, J.; SANTOS, Thuanny de Fátima Nascimento; GONÇALVES, Artur Lucinda. *Propostas pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura no 1º ano do ensino médio*. Juiz de Fora: Editora Editar, 2023.

ISBN: 978-65-00-75962-4 (físico)

ISBN: 978-65-00-75964-8 (digital)

1. Ensino de Língua Portuguesa. 2. Ensino de Literatura. 3. Propostas pedagógicas. 4. Atividades para sala de aula. 5. Leitura e letramento.

---

**Capa:** Artur Lucinda Gonçalves e Thuanny de Fátima Nascimento Santos

**Diagramação:** Artur Lucinda Gonçalves

**Editores:** Patrícia Pedrosa Botelho e Artur Lucinda Gonçalves

**Revisão Linguística:** Patrícia Pedrosa Botelho

---

# AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais pelo custeio das bolsas de extensão para que o projeto pudesse ter êxito.

Agradecemos à Diretoria de Extensão do IF SUDESTE MG do campus Juiz de Fora/MG pela disponibilidade em auxiliar em todas as dificuldades que tivemos ao longo do desenvolvimento do projeto que teve como resultado a obra que aqui se apresenta.

Agradecemos à Jacqueline Rodrigues Gonçalves da Costa - responsável pela Diretoria de Extensão do *campus* Juiz de Fora - e a Fabrício Tavares de Faria - responsável pela Diretoria de Administração e Planejamento do *campus* Juiz de Fora - pelo auxílio na impressão destas obras para que possam ser disponibilizadas nas escolas parceiras.

Agradecemos aos alunos do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Juiz de Fora por auxiliarem na descoberta das necessidades dos docentes e dos discentes para que as atividades desta obra realmente fossem efetivamente aplicadas em sala de aula para ampliação de repertório linguístico, literário e cultural.

Agradecemos aos diretores da Escola Estadual Engenheiro Henrique Dumont (Polivalente) pela parceria no projeto de extensão.

Agradecemos a todos aqueles que farão uso deste material em sala de aula, almejando que seja de grande valia para um aprendizado de língua e de linguagem.

# SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Sobre os autores.....	6
Sequência didática 1: "A segunda batida do gongo" de Agatha Christie.....	7-38
Gabarito.....	39-43
Sequência didática 2: "Venha ver o pôr-do-sol" de Lygia Fagundes Telles.....	44-64
Gabarito.....	65-71
Sequência didática 3: "O gato preto" de Edgar Allan Poe.....	72-98
Gabarito.....	99-108
Sequência didática 4: "O imortal mortal" de Mary Shelley.....	109-129
Gabarito.....	130-133
Sequência didática 5: "A princesa da língua bifurcada" de Ransom Riggs.....	134-152
Gabarito.....	153-157

# APRESENTAÇÃO

Vivemos em um país carente de leitura. No Brasil, infelizmente, isso já é fato comprovado. Nossos alunos não leem por inúmeros motivos que não serão elencados aqui pelo fato de não ser o objetivo desta obra. Por conta desta carência que envolve inúmeros âmbitos - financeiro, social, econômico, geográfico, histórico, escolar, familiar -, tivemos como intento produzir ao longo de um projeto de extensão intitulado *Propostas pedagógicas para o ensino de língua portuguesa e de literatura no ensino fundamental e médio*, financiado pelo IF SUDESTE MG, obras para o ensino fundamental e médio que busquem ensinar a reflexividade linguística e literária com o intento de orientar uma prática de ensino produtiva para o desenvolvimento de habilidades linguísticas e literárias, já que a realidade escolar tem demonstrado o insucesso dos alunos no momento de ler, de interpretar e de produzir textos de diversos gêneros e tipos.

Com as sequências didáticas produzidas, temos como objetivo inserir os discentes nas diversas práticas letradas que permeiam o cotidiano, levando em consideração os aspectos linguísticos, enunciativos, cognitivos, literários e sociopolíticos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de uma língua. A criação destas propostas pedagógicas para o trabalho com Língua Portuguesa e com Literatura pretende desenvolver as competências sociodiscursivas dos alunos, possibilitando-lhes uma convivência mais inclusiva no mundo letrado.

Nenhuma língua existe em função de si mesma, desvinculada do espaço físico e cultural em que vivem seus usuários ou independente de quaisquer outros fatores situacionais. As línguas estão a serviço das pessoas, de seus propósitos interativos, conforme o contexto, os eventos e os estados em que os interlocutores se encontram. O que existe é a língua concretizada em atividades, em ações e em atuações comunicativas, como modo de ação, como forma de prática social, direcionada para determinado objetivo. Assim, os autores destas obras esperam que o material produzido possa auxiliar professores de Língua Portuguesa e de Literatura do ensino médio a ter acesso a sequências didáticas que abarquem práticas pedagógicas advindas da confluência da experiência, da vivência, da teoria linguística e literária por meio de atividades pedagógicas que podem ser aplicadas em sala de aula de modo virtual e/ou presencial. Com a elaboração destas propostas, quisemos instigar a inovação em sala de aula, trazendo à baila atividades educacionais contemporâneas, especificamente, as que envolvem práticas sociais mediadas pelas mais diferentes linguagens.

As três obras do ensino médio congregam temáticas específicas para cada ano. Para as sequências do 1º ano, trabalhamos com narrativas que versam sobre terror, suspense e medo. Para as do 2º ano, trouxemos para a sala de aula obras de autoria feminina negra. Para as do 3º ano, fizemos a escolha de temáticas relacionadas à distopia. Acreditamos que essa escolha possa auxiliar os professores a ensinarem um ensino mais capilarizado, ampliando o conhecimento dos alunos no que tange à Literatura.

As sequências didáticas foram confeccionadas para cada série do ensino médio com o objetivo de ampliar letramento e repertório linguístico e literário. Acreditamos que nenhuma obra possa abarcar de modo completo todas as necessidades do docente em sala de aula, mas, o que buscamos, foi produzir atividades que possam auxiliar nesse processo de ensino-aprendizagem. As propostas didáticas aqui presentes podem ser utilizadas com alterações pelos docentes desde que salvaguardados os direitos autorais. Esperamos que os docentes possam fazer uso deste material e se sintam confortáveis para encaminhar aos autores sugestões de melhorias para as próximas edições.

## SOBRE OS AUTORES



**Patrícia Pedrosa Botelho** tem pós-doutorado em Estudos Literários, tendo atuado em instituições de nível fundamental e médio. Atualmente, atua como professora efetiva de Língua Portuguesa e de Literaturas no IF SUDESTE MG e como professora colaboradora do Mestrado Profissional em Letras da UFJF. É pesquisadora e orientadora de trabalhos acadêmicos que tratam de temas sobre letramento literário, literatura, ensino e práticas pedagógicas no ensino fundamental e médio. É idealizadora e coordenadora deste projeto que resultou na publicação destas obras.



**Joseani Adalemar Netto** tem mestrado em Letras, especialização em Práticas Pedagógicas na Educação Contemporânea. Atualmente, atua como professora de Língua Portuguesa e de Literatura na Escola Municipal Anita Soares Dulci e no Colégio Santos Dumont na cidade de Santos Dumont, Minas Gerais. É membro efetiva da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas (SBPA) e da Academia Juiz-Forana de Letras (AJL). É colaboradora externa do projeto de extensão que resultou na publicação desta obra, co-orientando os bolsistas na construção das sequências didáticas que compõem o material final do projeto.



**Thuanny de Fátima Nascimento Santos** é estudante de Licenciatura em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola pelo IF SUDESTE MG, *campus* São João del Rei. Tem graduação em Filosofia pela UFSJ. Foi voluntária no projeto *Cri(s)e na pandemia: buscando soluções para a melhoria do comércio de livros e para a ampliação dos hábitos e índices de leitura*. É ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da área de Língua Portuguesa. Atua como bolsista no projeto de extensão que resultou na publicação desta obra e participou de outros projetos cujo intuito é focar na transformação da sociedade através da leitura e da educação.



**Artur Lucinda Gonçalves** é estudante de Licenciatura em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola pelo IF SUDESTE MG, *campus* São João del Rei. Atualmente, é bolsista do Programa de Residência Pedagógica na mesma Instituição de ensino. Atuou como voluntário no projeto de extensão que resultou na publicação desta obra e participou de outros projetos cujo intuito é focar na transformação da sociedade através da leitura e da educação. Fez a diagramação e a edição de todas as capas e sequências didáticas produzidas para as obras do ensino fundamental e do ensino médio.



# "A segunda batida do gongo"

de Agatha Christie

## Dados da aula



Público

alvo:

Alunos do 1º ano do ensino médio.

Sequência

Didática:

Esta sequência didática se divide em 4 Momentos: Motivação, Introdução, Leitura/Interpretação e Produção de Texto.

Duração das

atividades:

12 aulas.



## 1º MOMENTO



### MOTIVAÇÃO

A Motivação se divide em 2 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é induzir o pensamento dos alunos em relação a quem é a autora Agatha Christie, suas curiosidades e prepará-los para adentrarem o conto "A segunda batida do Gongo" que é o foco central desta sequência didática.

#### AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá iniciar a aula com um questionamento:

1. Vocês conhecem autores de suspense?

Logo após o pequeno debate com a opinião dos alunos, o docente deve apresentar as fotos abaixo de Agatha Christie, por meio do *datashow* ou xerox:



Fonte: <https://segredosdomundo.r7.com/livros-de-agatha-christie/>. Acesso em: 8 jul. 2022.

**Passo 2:** Após a apresentação das fotos, o professor deve projetar ou entregar xerocado para cada aluno um pequeno trecho do conto "A segunda batida do Gongo" com o nome da autora no final e ler com os discentes. A escolha do trecho fica a critério do docente, mas abaixo segue um modelo:

Finalmente a porta se abriu mais uma vez; um ar de alívio circulou pelo ambiente, combinado a uma leve ansiedade sobre como tratar a situação. Nenhum comentário que pudesse ressaltar o fato de que o próprio anfitrião transgredira a regra mais rigorosa da casa poderia ser feito.

CHRISTIE, Agatha. *Poirot Sempre Espera e Outras Histórias*. Trad. Pedro Gonzaga. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

Prosseguindo, após cada aluno ter apreciado as imagens e lido o trecho do conto apresentado, o professor deverá realizar algumas perguntas de inferência:

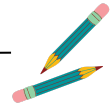
1. Após observarem as fotos e lerem o trecho apresentado, podemos depreender a quem se referem as fotos e o texto. Então, quem seria a mulher da foto?
2. Você conhece essa autora? Se a resposta for sim, diga o que sabe sobre ela (O professor poderá ampliar esse pequeno debate inserindo a informação de que Agatha Christie não é uma autora brasileira).
3. Pelo nome da autora, podemos imaginar qual o seu país de origem? Criem hipóteses.
4. Observando atentamente o trecho lido, a que gênero textual ele se refere?
  - a) narrativa de suspense
  - b) narrativa de terror
  - c) crônica

d) romance romântico

Justifique sua resposta.

5. Vocês conhecem outros autores que escrevem este mesmo gênero? Quais?

## AULA 2 - 50 MIN



**Passo 1:** Após os questionamentos realizados na Aula 1, o professor deverá projetar ou xerocar para os alunos a imagem abaixo referente ao país de Agatha Christie.



Fonte: <https://www.teclasap.com.br/big-ben/>. Acesso em: 8 jul. 2022.

Feita a apreciação, o professor deverá fazer a seguinte pergunta oralmente e na sequência dar pistas através de alternativas:

1. A que país essa foto se refere?
  - a) Reino Unido, Big Ben, Londres
  - b) Torre Eiffel, Paris, França
  - c) Taj Mahal, Angra, Índia
  - d) Basílica de São Pedro, Vaticano, Roma

**Passo 2:** Tendo em vista as respectivas discussões, o professor deverá entregar a biografia abaixo por xerox ao aluno e, se possível, projetá-la na lousa:

## Agatha Mary Clarissa Miller



*Agatha Christie (1890-1976) foi uma escritora inglesa que criou "Hercule Poirot", um detetive belga que aparece em 33 de suas obras e tornou-se um dos mais célebres da ficção policial. Agatha foi a maior escritora policial de todos os tempos. Escreveu 93 livros e 17 peças teatrais.*

*Agatha Mary Clarissa Miller, conhecida como Agatha Christie, nasceu em Torquay, condado de Devonshire, Inglaterra, no dia 15 de setembro de 1890. Era filha do americano Frederic K Miller e da inglesa Clara.*

*De família rica, Agatha estudou em casa com diversos professores particulares. Aprendeu piano e canto. Com oito anos iniciou sua educação formal. Passava a maior parte do tempo escrevendo poemas e contos.*

*Em 1912 conhece o coronel e piloto do Corpo Real de Aviadores. Em 1914, casa-se com o piloto inglês, de quem adota o sobrenome.*

*Quando começou a Primeira Guerra Mundial, Agatha alistou-se, como voluntária, no Exército da Cruz Vermelha.*

Fonte: [https://www.ebiografia.com/agatha\\_christie/](https://www.ebiografia.com/agatha_christie/). Acesso em: 8 jul. 2022.

Posteriormente à leitura, o docente deverá ler algumas curiosidades sobre Agatha Christie a fim de despertar mais um pouco o engajamento sobre quem é a autora:

## VOCÊ SABIA?

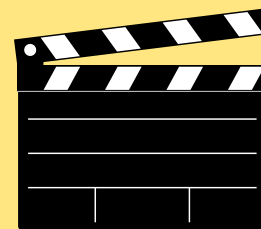
1. O primeiro policial da autora, *The Mysterious Affair at Styles*, nasceu fruto de uma aposta com a sua irmã Madge.
2. Foi a única autora de policiais a criar duas personagens igualmente famosas e adoradas pelos leitores: Hercule Poirot e Miss Marple.
3. Escreveu seis romances semiautobiográficos sob o pseudônimo Mary Westmacott.
4. Em 1922, acompanhou o primeiro marido, Archie Christie, numa viagem de negócios por todo o mundo.
5. Viajou no Expresso do Oriente pela primeira vez em 1928. Inicialmente, Christie tinha planejado ir às Caraíbas, mas mudou de ideia depois de um jantar com amigos, que estavam a viver em Bagdade.
6. Durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou como voluntária num hospital, primeiro, como enfermeira e, depois, como funcionária da farmácia e do dispensário.
7. Elizabeth Bowen e Graham Green eram os seus escritores preferidos.
8. Quando Hercule Poirot morreu, o *The New York Times* dedicou-lhe uma página inteira no obituário.
9. Inspirou-se na sua avó materna para dar vida a Miss Marple.
10. É a autora mais traduzida de sempre: os seus livros foram traduzidos para 100 línguas.

Fonte: <https://www.bertrand.pt/blogue-somos-livros/livrolicos/artigo/10-curiosidades-sobre-agatha-christie/200506>.

Acesso em: 8 jul. 2022.

A partir da leitura das curiosidades, o professor poderá aproveitar o engajamento realizado acima e projetar o episódio da série apresentada abaixo ou pedir aos alunos que assistam em casa, a fim de ampliar ainda mais os seus conhecimentos.

# ALÉM DA SALA DE AULA



**Sinopse:** O Doutor e Donna voltam no tempo até o momento em que a escritora Agatha Christie desapareceu por dez dias, em 1926. Amnésia, um ataque de nervos e até uma vespa gigante podem estar associados ao desaparecimento da famosa romancista.

Mostrar: Doctor Who

Número da temporada: 4

Número do episódio: 7

Data de emissão: 17 de maio de 2008

Escritor: Gareth Roberts

Realizador: Graeme Harper

Fonte:  
<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-225484/>.  
Acesso em: 8 jul. 2022.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Doctor\\_Who\\_\(4.%C2%AA\\_temporada\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Doctor_Who_(4.%C2%AA_temporada)). Acesso em: 8 jul. 2022.



The Unicorn and the Wasp, episódio 7, pode ser encontrado no link:  
<https://drive.google.com/file/d/1ppeqZXjGOH3DpiE7dsCVO6jiWLxgH0WA/view>

**Passo 3:** Para finalizar a motivação, o professor pedirá aos alunos que exercitem suas habilidades de escrita:

Tendo em vista o vídeo assistido, da série *The Unicorn and the Wasp*, episódio 7, que pode ser encontrado no link acima, imagine que você é um agente especialista em investigar casos de pessoas desaparecidas. Crie uma hipótese sobre o que causou o "sumiço" de Agatha Christie.

Com a atividade realizada, o professor poderá organizar a sala em formato de "U" para que você compartilhe suas hipóteses com os demais colegas.

## 2º MOMENTO



## INTRODUÇÃO

A Introdução se divide em 1 aula de 50 min. O objetivo desta aula é preparar os alunos para a leitura do conto "A segunda batida do Gongo" que é o foco central desta sequência didática.

### AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O livro *Poirot sempre espera e outras histórias*, da autora Agatha Christie, deverá ser apresentado aos alunos de duas formas:

Em *Power Point*, mostrando primeiro a capa e depois a contracapa, ou com as duas partes (capa e contracapa) xerocadas para os alunos. O professor mostrará as imagens através do *datashow* ou entregará as imagens para serem coladas no caderno dos alunos.



Fotos da capa do livro, edição de Bolso, 2008.

Em seguida, o professor dividirá os alunos em dois grupos e um representante de cada grupo deverá responder às seguintes perguntas abaixo, de forma oral:

1. Pela capa quais são as suas deduções e considerações acerca da história?
2. Vocês acham que a cor azulada na capa traz qual sensação?
3. Quem vocês pensam que seria o personagem principal deste livro?
4. Com base na motivação, qual seria o gênero a ser trabalhado neste livro?
5. O que é uma orelha? E quais são as informações contidas na orelha de um livro?
6. Quais são as informações contidas na sinopse do livro?

Com base nas perguntas, o professor deverá sanar as possíveis dúvidas dos alunos explicando e exemplificando para que não restem dúvidas.



Links de acesso úteis para a exemplificação sobre o que é uma orelha do livro:



IPEA, 2022. Manual do Editorial. In: *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. São João del Rei, 04 jul. 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/sites/manualeditorial/padroes-editoriais/estrutura-da-obra/paratexto>. Acesso em: 8 jul. 2022.



ALHANATI, Yuri. O segredo das orelhas do livro. In: *Gazeta do Povo*. Curitiba, 19 ago. 2009. Disponível em: [www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/o-segredo-das-orelhas-de-livros-bsbluy23eli867ksm36bep8we/](http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/o-segredo-das-orelhas-de-livros-bsbluy23eli867ksm36bep8we/). Acesso em: 8 jul. 2022.

**Passo 2:** O professor colocará em reprodução a música tema do filme *Halloween 1*, do diretor John Carpenter, em um aparelho de som via pendrive ou no dispositivo móvel, para que os alunos possam escutá-la. O objetivo deste momento da aula é que os alunos possam responder a duas perguntas:

1. Quais as sensações despertadas quando ouvimos essa música?
2. O que o filme em questão tem de semelhança com o conto a ser lido?

Em seguida, será apresentado o conto "A segunda batida do Gongo", de Agatha Christie (xerox), para que os discentes possam iniciar a leitura.

## 3º MOMENTO



### LEITURA/INTERPRETAÇÃO

A Leitura se divide em 5 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é realizar a leitura do conto "A segunda batida do Gongo", de Agatha Christie, e aprofundar os conhecimentos linguísticos e literários dos alunos.

#### AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor inicia a aula realizando oralmente as seguintes perguntas:

1. O que é um texto de suspense?
2. Cite um filme, série ou livro em que há suspense, mistério ou investigação criminal.

De acordo com as respostas anteriores, peça a alguns alunos para contarem brevemente a história do filme, série ou livro mencionado.

**Passo 2:** O professor apresenta em formato de xerox ou pelo *datashow* a imagem do quadro de Édouard Manet, de 1880:



Fonte: [https://artrianon.files.wordpress.com/2017/07/edouard\\_manet\\_-\\_le\\_suicide3a91.jpg](https://artrianon.files.wordpress.com/2017/07/edouard_manet_-_le_suicide3a91.jpg). Acesso em: 8 jul. 2022.

O professor deverá fazer uma análise detalhada da pintura com os alunos, levantando, oralmente, os seguintes questionamentos:

1. O que a pintura nos mostra?
2. Quais elementos comprovam a sua resposta?
3. Em sua opinião, este homem se matou ou foi assassinado? Justifique sua resposta.
4. Por que você acha que ele se matou? Comprove sua resposta com elementos presentes na pintura.
5. Por que você acha que ele foi assassinado? Comprove sua resposta com elementos presentes na pintura.

**Passo 3:** Leitura dirigida - o professor realizará a leitura oral do trecho 1 ao trecho 8 do conto "A segunda batida do Gongo" e os alunos acompanharão com uma leitura silenciosa.

## TRECHO 1

Joan Ashby saiu de seu quarto e ficou parada por um instante à frente da soleira da porta. Preparava-se para dar meia-volta para retornar ao quarto quando, debaixo dos seus pés - ao que parecia -, um gongo soou.

Imediatamente Joan disparou para frente quase em ritmo de corrida. Era tamanha a sua pressa que na parte superior da grande escada ela se chocou contra um jovem que vinha na direção contrária.

- Olá, Joan! Para que toda essa pressa?

- Desculpe-me, Harry. Eu não o vi.

- Sim, pude perceber - disse Harry Dalehouse causticamente. - Mas como eu ia dizendo, para que toda essa afobação?

- Foi o gongo.

- Eu sei. Mas foi apenas a primeira batida.

- Não, foi a segunda.

- Primeira.

- Segunda.

Enquanto discutiam, foram descendo as escadas. Agora estavam no corredor, onde o mordomo, tendo recolocado a baqueta do gongo no lugar, avançava na direção deles compassos graves e altivos.

- Foi a segunda - insistiu Joan. - Eu sei que foi. Bem, antes de mais nada, olhe a hora. Harry Dalehouse deu uma olhada no relógio de pêndulo.

- Oito horas e doze minutos - ele observou. - Joan, acho que você está certa, mas não ouvi a primeira. Digby ele se dirigiu ao mordomo -, esta foi a primeira ou a segunda batida?

- A primeira, senhor.

- Às 8h12? Digby, alguém vai ser despedido por isso.

Um leve sorriso surgiu por um instante no rosto do mordomo.

- O jantar será servido dez minutos mais tarde esta noite, senhor. Ordens do patrão.

## TRECHO 2

- Incrível! - gritou Harry Dalehouse. - As coisas estão chegando a um ponto crítico. Existem sempre novas surpresas. O que aflige meu honrado tio?

- O trem das sete, senhor, atrasou meia hora, e como...

O mordomo travou quando um som parecendo o estalo de um chicote foi ouvido.

- O que diabos... -disse Harry.-Ora, isso soou exatamente como um tiro.

Um homem moreno e atraente, de 35 anos, saiu da sala de visitas à esquerda deles.

- O que foi isso?-ele perguntou. -Soou exatamente como um tiro.

- Deve ter sido um estouro no cano de descarga de algum carro, senhor - disse o mordomo. - A estrada passa bem perto deste lado da casa, e as janelas do segundo andar estão abertas.

- Talvez - disse Joan com desconfiança. - Mas isso seria ali. - Ela indicou com a mão para a direita. - E tenho a impressão de que o barulho veio daqui. - Ela apontou para a esquerda.

O homem moreno sacudiu a cabeça.

- Eu acho que não. Eu estava na sala de visitas. Saí para este lado porque pensei que o barulho vinha desta direção.

Ele fez um sinal com a cabeça na direção do gongo e da porta da frente.

- Leste, oeste e sul, não é? - disse o irrefreável Harry. - Bem, eu vou completar o quadro, Keene. Norte para mim. Tive a impressão de que vinha de trás de nós. Alguém apresenta uma outra possibilidade?

- Bem, sempre pode-se tratar de um assassinato - disse Geoffrey Keene, sorrindo. - Como disse, srta. Ashby?

- Foi apenas um calafrio - disse Joan. - Não é nada. Aquilo que a gente chama de um frio na espinha.

- Um bom palpite: assassinato - disse Harry. - Mas, ai de mim! Sem gemidos, sem sangue? Receio que seja um caçador atrás de um coelho.

- Uma possibilidade enfadonha, mas eu suponho que acertada - concordou o outro. - Mas soou tão perto. De qualquer forma, vamos passar à sala de visitas.

- Graças a Deus não estamos atrasados - disse Joan com fervor. - Desci as escadas correndo como uma tola, pensando que era o segundo gongo.

Entre risos, todos entraram na grande sala de visitas.

### TRECHO 3

Lytcham Close era uma das casas antigas mais famosas da Inglaterra. Seu dono, Hubert Lytcham Roche, era o último descendente de uma grande linhagem, e mesmo os seus parentes mais distantes estavam prontos a advertir que "O velho Hubert, sabe, deveria ser realmente internado. Louco de atar, o pobre coitado."

Excluído o exagero natural de alguns amigos e parentes, sobrava alguma verdade. Hubert Lytcham Roche era, sem dúvida, excêntrico. Apesar de ser um excelente músico, era um homem de temperamento ingovernável e tinha uma ideia quase anormal de sua própria importância. As pessoas que frequentavam sua casa tinham que respeitar suas manias; do contrário, nunca mais eram convidadas.

### TRECHO 4

Uma dessas manias era sua música. Se tocava para os convidados, como fazia com frequência à noite, exigia-se nada menos que silêncio absoluto. Um comentário sussurrado, o ruído de um vestido, mesmo um simples movimento bastava para que ele se voltasse com um olhar feroz, e lá se ia a chance do desafortunado visitante ser novamente convidado.

Outro aspecto era a pontualidade absoluta para a principal refeição do dia. O café-da-manhã era insignificante - podia-se descer ao meio-dia se você assim desejasse. Quanto ao almoço, a mesma coisa - uma refeição simples de carnes frias e frutas em compota. Mas o jantar era um rito, um festival, preparado por um cozinheiro cordon bleu que ele havia persuadido, através de um salário fabuloso, a deixar um grande hotel.

A primeira batida do gongo soava cinco minutos antes das oito horas. Às oito e quinze a segunda batida se fazia ouvir, e imediatamente depois a porta era aberta, o jantar anunciado aos convidados reunidos, e um solene cortejo seguia até a sala de jantar. Qualquer um que tivesse a ousadia de se atrasar para a segunda batida do gongo era, daquele momento em diante, excomungado - e Lytcham Close estaria fechada para sempre para o desventurado comensal.

## TRECHO 5

Por isso a ansiedade de Joan Ashby, e também o assombro de Harry Dalehouse, ao ouvir que o evento sagrado seria atrasado em dez minutos na noite em questão. Embora não fosse muito próximo de seu tio, ele já havia ido a Lytcham Close um número suficiente de vezes para saber quão rara era essa ocorrência. Geoffrey Keene, que era o secretário de Lytcham Roche, também ficou muito surpreso.

- Extraordinário - ele comentou. - Eu nunca vi algo assim acontecer. Você tem certeza? - Foi Digby quem disse.

- Ele disse algo sobre um trem - disse Joan Ashby.

- Se não estou enganada.

- Estranho - disse Keene pensativo. - Saberemos com o desenrolar dos eventos, suponho. Mas é muito curioso.

Os dois homens ficaram em silêncio por um instante, observando a garota. Joan Ashby era uma criatura encantadora, de olhos azuis e cabelos dourados, dotada de um brilho maroto. Esta era a sua primeira visita a Lytcham Close, e o convite havia sido feito por sugestão de Harry. A porta se abriu, e Diana Cleves, a filha adotiva de Lytcham Roche, entrou na sala. Havia uma graça atrevida em Diana, uma feiticeira de olhos negros e língua insolente. Quase todos os homens se apaixonavam por Diana e ela se comprazia com suas conquistas. Uma criatura estranha, cuja sugestiva e tentadora fogsidade encobria sua completa frieza.

## TRECHO 6

- Pela primeira vez ganhei do velho - ela comentou. - É a primeira vez em semanas que ele não chega primeiro, olhando o relógio e dando passos barulhentos de um lado para o outro, como um tigre na hora da ração. Os dois jovens avançaram, ela sorriu de forma hipnótica para eles, depois se virou para Harry. As faces escuras de Geoffrey Keene ruborizaram enquanto ele recuava. Recuperou-se, no entanto, logo depois, quando a senhora Lytcham Roche entrou. Era uma mulher alta, morena, naturalmente esquiva em suas maneiras. Estava usando uma roupa esvoaçante de um tom indeterminado de verde. Com ela estava um homem de meia-idade com um nariz aquilino e um queixo destacado: Gregory Barling. Ele era uma figura proeminente no mundo das finanças, bem-nascido por parte de mãe. Havia vários anos, mantinha uma relação de íntima amizade com Hubert Lytcham Roche. Bum!

O gongo soou, imponente. Quando o som se extinguiu, a porta foi aberta, e Digby anunciou:

- O jantar está servido.

Então, apesar de ser um criado bem-treinado, um lampejo de completo espanto brotou em seus olhos.

Era evidente que o seu espanto foi compartilhado por todos. A Sra. Lytcham Roche soltou uma risada vacilante.

- É incrível. Realmente. Não sei o que fazer... Todos ficaram perplexos. Toda a tradição de Lytcham Close estava arruinada. O que poderia ter acontecido? Cessaram as conversas. Havia um tenso ar de espera.

## TRECHO 7

Finalmente a porta se abriu mais uma vez; um ar de alívio circulou pelo ambiente, combinado a uma leve ansiedade sobre como tratar a situação. Nenhum comentário que pudesse ressaltar o fato de que o próprio anfitrião transgredira a regra mais rigorosa da casa poderia ser feito.

Mas o recém-chegado não era Lytcham Roche. Ao contrário do homem grande, barbudo, com a aparência de viking, avançava em direção à longa sala de visitas um homem muito pequeno, evidentemente um estrangeiro, de cabeça oval, com um extravagante bigode e os mais irretocáveis trajes de noite.

Com os olhos brilhando, o recém-chegado avançou em direção à sra. Lytcham Roche.

- Minhas desculpas, madame - ele disse. - Creio que estou um pouco atrasado.
- Oh, de maneira alguma! - murmurou a sra. Lytcham Roche de maneira vaga. - De maneira alguma, senhor... - ela vacilou.
- Poirot, madame. Hercule Poirot.

## TRECHO 8

Ele ouviu atrás de si um suave "Oh" - mais para uma arfada do que para uma palavra articulada -, uma exclamação feminina. Talvez ele tenha se sentido lisonjeado.

- A senhora sabia que eu viria? - ele murmurou gentilmente. - N'est-ce pas, madame? O seu marido lhe disse.

- Oh, oh sim - disse a sra. Lytcham Roche, de maneira pouco convincente. - Quero dizer, acho que sim. Sou terrivelmente desajeitada às coisas práticas, sr. Poirot. Nunca me lembro de nada. Mas felizmente Digby cuida de tudo.

- Meu trem atrasou - disse o senhor Poirot. - Um acidente nos trilhos.

- Oh - exclamou Joan -, então é por isso que o jantar foi atrasado.

Seu olhar rapidamente pousou sobre ela, um olhar sinistro e perspicaz.

- Trata-se de algo incomum, então?

- Eu realmente não me lembro quando foi que... - começou a falar a sra. Lytcham Roche e depois parou.

- Quero dizer - ela continuou confusamente -, é tão estranho. Hubert nunca... Poirot passou rapidamente os olhos pelo grupo.

- O senhor Lytcham Roche ainda não desceu?

- Não, e isso é tão espantoso - ela olhou suplicante para Geoffrey Keene.

- O sr. Lytcham Roche é a pontualidade em pessoa - explicou Keene. - Ele não se atrasa para o jantar desde, bem, nunca vi ele se atrasar antes.

Para um estranho a situação deve ter sido cômica: os rostos desnorteados e a consternação geral.

- Já sei - disse a sra. Lytcham Roche, com o ar de quem está resolvendo um problema.

- Vou tocar a sineta para chamar Digby.

A ação acompanhou as palavras. O mordomo chegou prontamente.

- Digby - disse a sra. Lytcham Roche -, o seu senhor. Ele está...

Como era de costume, ela não terminou a frase. Estava claro que o mordomo não esperava que ela o fizesse. Respondeu prontamente e com simpatia.

- O sr. Lytcham Roche desceu às cinco para as oito e entrou no escritório, senhora.

- Oh! - Ela fez uma pausa. - Você não acha, quero dizer, que ele não ouviu o gongo?

- Eu acho que ele deve ter ouvido. O gongo fica muito próximo à porta do escritório.

- Sim, claro, claro - disse a sra. Lytcham Roche, mais vaga do que nunca.

- Eu devo informá-lo, senhora, de que o jantar está servido?

- Ah, obrigada, Digby. Sim, eu acho... Sim, sim, faça isso.

- Eu não sei - disse a sra. Lytcham Roche para os seus convidados enquanto o mordomo se retirava - o que eu faria sem o Digby!

Uma pausa se seguiu.

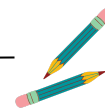
Então Digby voltou a entrar na sala. Sua respiração estava um pouco mais rápida do que o esperado para um bom mordomo.

- Desculpe-me, senhora. A porta do escritório está trancada.

**Passo 4:** Ao término da leitura, o professor deverá levantar, oralmente, os seguintes questionamentos:

1. Por que o atraso do jantar causou uma histeria coletiva?
2. Antes mesmo de saberem da morte do Sr. Lytcham Roche, os personagens já estavam inquietos. O que gerou essa inquietação?
3. Sr. Hercule Poirot não parece ser um personagem qualquer, pois já chegou assumindo a situação e recebendo um papel de destaque. Em sua opinião, qual será a importância desse personagem na história?

## AULA 2 - 50 MIN



**Passo 1:** Atividade de escrita - o professor deverá escrever as seguintes questões no quadro e pedir para os alunos copiarem e responderem no caderno:

1. Será que Sr. Lytcham Roche se matou ou foi assassinado? Comprove com elementos do texto a sua resposta.
2. Se for comprovado que a morte do Sr. Lytcham Roche seja realmente um assassinato, quem você acha que o matou? Justifique com uma investigação acerca dos personagens que nos foram apresentados e com as atividades que estavam realizando na hora que ouviram o tiro.
3. Quais personagens possuem um alibi e estão liberados da investigação?

**Passo 2:** O professor iniciará a aula apresentando a notícia abaixo: "Por herança, produtor rural é morto a mando de filha e genro, aponta polícia de MS", disponível no G1.

### Por herança, produtor rural é morto a mando de filha e genro, aponta polícia de MS

Polícia Civil realizou a prisão preventiva de seis envolvidos no crime, inclusive o genro e a filha de Paulo Sergio de Freitas Miranda, morto em setembro deste ano; motivação seria disputa pela herança da família.



Tiago e Dayane, apontados pela polícia como mandantes do assassinato de produtor rural em MS — Foto: Redes Sociais



A Polícia Civil de Mato Grosso do Sul prendeu, nesta quinta-feira (18), Dayane Claudino Miranda Marcos, filha de um produtor rural que foi assassinado no dia 23 de setembro deste ano. A investigação apontou que a mulher e o marido dela, Tiago da Rosa Marcos, foram os mandantes do crime, motivado pela herança da família. Ele foi preso no dia 20 de outubro.

O homicídio aconteceu em Naviraí, distante a 342km de Campo Grande. Segundo as investigações da Polícia Civil, Paulo Sergio de Freitas Miranda, de 57 anos, teve a morte encomendada por Dayane e Tiago, que estariam com problemas financeiros e desejavam receber a herança da família. Além de Paulo, a esposa dele e mãe da suspeita de ser mandante, também seria alvo do crime.

A investigação concluiu que o crime foi planejado pelo casal, sendo que o primo do genro da vítima teria envolvimento e foi o responsável por procurar o pistoleiro, oferecendo o valor de R\$ 20 mil para cada um pelo crime. No dia 21 de setembro, o primo trouxe os dois pistoleiros até a cidade de Naviraí que, segundo um dos acusados seria o dia em que o crime iria acontecer.

Porém, o primo teve a moto apreendida pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) e precisou encontrar uma quarta pessoa para ajudar na fuga. Já na cidade de Naviraí foi realizado contato com o responsável em dar fuga aos pistoleiros, que recebeu R\$ 5 mil pelo crime.

Para não levantar suspeitas todos passaram a noite do dia 22 para o dia 23 (dia do crime) na cidade de Itaquiraí, no interior de Mato Grosso do Sul, e esperaram o primo do genro levar o veículo da cidade de Palotina até a cidade de Itaquiraí, onde entregou os veículos aos pistoleiros, que realizaram o assassinato.

Conforme apurado pela investigação, os pistoleiros não chegaram a receber pelo crime, sendo que o único pagamento até então foram as armas usadas e um veículo, apreendido no Paraná.

Segundo outra filha da vítima, Nathaliê Claudino Miranda, 21 anos, a irmã estava afastada dos pais, desde agosto de 2020, devido a problemas familiares. "A gente já imaginava que fosse o marido da minha irmã, mas não imaginava que ela tivesse envolvimento. Só que conforme tudo foi acontecendo, quando eles chegaram no hospital, sabe quando você vai sentindo as pessoas? Eu fui observando muito minha irmã e ficamos desconfiados. E quando o marido dela foi preso, a gente achou que ela teria outra postura, mas ela continuava do lado dele", explica Nathaliê.

A família morava anteriormente em Guaíra, no estado do Paraná, onde a irmã continuava residindo, mas há 5 anos decidiram se mudar para Naviraí, no interior de Mato Grosso do Sul. "Foi um choque, porque é pai, é pai dela e meu pai, e ele sempre foi um cara maravilhoso, sempre procurou dar o melhor para a gente. Ela não viu, não deu valor. Ela tem duas filhas, e como mãe, não pensou em nenhum momento nas filhas", pontua.

Até a última atualização desta reportagem, a defesa de Dayane e Tiago não tinha sido encontrada para responder aos questionamentos do G1.



## **Investigação**

Já nos primeiros dias após o crime, os investigadores da Seção de Investigações Gerais da 1ª Delegacia de Polícia de Naviraí, apuravam o possível envolvimento do genro e filha da vítima, além de um primo do mandante. De início foi apurado que a filha mais velha da vítima e seu esposo, já não possuíam contato próximo com a vítima, devido a um desentendimento familiar.

O Inquérito policial também apurou que as terras as quais filha e genro da vítima viviam no Paraná ainda estavam em nome de Paulo Sérgio, e segundo informações, os acusados passavam por problemas financeiros.

Em 24 horas após o crime, os investigadores da PCMS já tinham conhecimento de que o veículo utilizado no crime, um GM Monza, teria passado por reparos numa oficina na cidade de Guaíra, no Paraná, e que a pessoa que teria solicitado os reparos era primo do genro da vítima.

Posteriormente, com o apoio de investigadores da Delegacia de Polícia Civil de Palotina, no Paraná, os investigadores conseguiram realizar a identificação de um dos pistoleiros contratados para realizar o crime, assim como a residência onde eles se esconderam e o veículo utilizado para dar fuga aos assassinos.

Com a identificação do veículo, os investigadores também encontraram o motorista responsável em dar fuga aos pistoleiros e, assim, em 8 de outubro, foi deflagrada a primeira fase da Operação IndignusHeres, que contou com apoio da Polícia Civil da Palotina, no Paraná, e policiais civis das delegacias de Mundo Novo e Eldorado. Foram cumpridos mandados de busca e apreensão domiciliar na cidade de Palotina.

## **Contato próximo**

Durante o curso da operação foi apurado que o genro da vítima, seu primo e um dos pistoleiros mantiveram contato telefônico antes, durante e dias após o homicídio, onde segundo o primo do genro da vítima, suspeito de ser o intermediário na contratação dos pistoleiros, chegou a ligar para o genro quando ele já estava na cidade de Naviraí, no hospital e aguardando notícias do sogro. Também foi apurado que um dos pistoleiros manteve contato telefônico com o suspeito de ser mandante do crime dois dias após o assassinado.



Filha de produtor rural morto foi presa nesta quinta-feira (18) pela polícia, no Paraná — Foto: Polícia Civil/Divulgação

Após novos indícios, em 20 de outubro, foi deflagrada a segunda fase da operação, sendo então cumprido dois mandados de busca e apreensão domiciliar na região de Maracaju dos Gaúchos em Guaíra-PR, e dois mandados de prisão temporária, em desfavor do genro da vítima e do motorista que deu fuga aos pistoleiros, sendo nesta data já considerados foragidos o primo da vítima e o pistoleiro identificado.

Com o avanço da investigação os policiais civis conseguiram descobrir que o primo do genro fugiu para a cidade de Joinville, em Santa Catarina, onde foi preso. Posteriormente, os policiais localizaram o segundo pistoleiro, que foi preso no dia 14 de novembro, no Paraná. Ele confessou o envolvimento e confirmou os indícios e provas já levantadas até então.

Por meio de novos indícios e elementos de convicção a autoridade policial representou pela prisão preventiva dos seis envolvidos no crime dentre eles o genro e a filha da vítima, que foi presa nesta quinta-feira (18), na última fase da Operação, na casa da sogra, na região de Maracaju dos Gaúchos, em Guaíra, no Paraná.

Durante a Operação foram apreendidos três veículos, aparelhos celulares dentre outros objetos. Já o último suspeito do crime, um dos pistoleiros, veio a óbito na cidade de Palotina, no Paraná, após confronto armado com policiais militares, durante o roubo de uma caminhonete Hilux em Moreira Sales (PR).

O nome da operação da polícia, Indignus Heres, faz menção ao artigo 1.814 do Código Civil Brasileiro, o qual prevê que a indignidade constitui pena civil que priva do direito de herança não só os herdeiros, bem como os legatários que cometeram os atos criminosos ou reprováveis contra o autor da herança.

Fonte: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2021/11/19/filha-e-genro-sao-presos-como-mandantes-do-assassinato-de-produtor-rural-em-ms.ghtml>. Acesso em: 8 jul. 2022.

**Passo 3:** Após a leitura da notícia, o professor faz, oralmente, os seguintes questionamentos:

1. Qual é o objetivo principal do gênero textual notícia?
2. Em qual suporte essa notícia se encontra?
3. Quem mandou matar Paulo Sérgio de Freitas Miranda?
4. Por que ele foi morto?
5. Onde ocorreu o homicídio?
6. Quem matou Paulo Sérgio de Freitas Miranda?
7. O casal, Tiago e Dayane, possuía um álibi, qual?
8. A irmã de Dayane suspeitou do envolvimento da irmã no assassinato, por quê?

AULA 3 - 50 MIN

---



**Passo 1:** Leitura dirigida: o professor realizará a leitura oral do trecho 9 ao 24 do conto "A segunda batida do Gongo" de Agatha Christie e os alunos acompanharão com uma leitura silenciosa. De acordo com os trechos abaixo:

## TRECHO 9

Foi então que o Sr. Hercule Poirot assumiu o controle da situação:

- Eu acho - ele disse - que nós deveríamos ir até o escritório.

Abriu caminho e todos o seguiram. Sua suposta autoridade parecia perfeitamente natural. Ele já não era o convidado de aparência cômica. Era uma pessoa importante e o dono da situação.

Liderou o caminho, saindo pelo corredor, passando pela escadaria, pelo grande relógio, pelo nicho no qual ficava o gongo. Exatamente em frente ao nicho havia uma porta fechada.

Ele bateu na porta, primeiro gentilmente, depois com crescente violência. Mas não houve resposta. Muito agilmente ele se ajoelhou e colocou o olho na fechadura. Levantou-se e olhou em volta.

- Messieurs - ele disse -, precisamos derrubar esta porta. Imediatamente!

## TRECHO 10

Assim como antes, ninguém questionou sua autoridade. Geoffrey Keene e Gregory Barling eram os mais fortes. Investiram contra a porta sob as instruções de Poirot. Não era uma tarefa fácil. As portas de Lytcham Close eram sólidas - nada de materiais baratos e modernos. A superfície de madeira resistiu ao ataque bravamente, mas acabou cedendo ao ataque dos homens, tombando para dentro.

O grupo hesitou na entrada da porta. Viram o que inconscientemente temiam ver. A janela estava bem à sua frente. À esquerda, entre a porta e a janela, havia uma grande escrivaninha. Sentado, não exatamente na mesa, mas à sua diagonal, estava um homem - um homem de grande porte - inclinado para frente na cadeira. Suas costas estavam voltadas para eles e seu rosto para a janela. Sua posição, porém, permitia que se visse tudo: sua mão direita a pender debilmente e, abaixo dela, no tapete, uma pistola pequena e brilhante.

## TRECHO 11

Poirot disse rapidamente a Gregory Barling:

-Tire a sra. Lytcham Roche daqui, e também as outras duas damas.

O outro acenou compreensivo com a cabeça. Ele pousou a mão sobre o braço de sua anfitriã. Ela tremia. -

Ele se matou - ela murmurou. - Horrível! - Com mais um calafrio ela se deixou levar embora. As duas meninas a seguiram. Poirot avançou para dentro do aposento, os dois jovens atrás dele.

Ele se ajoelhou ao lado do corpo, fazendo gestos para que eles ficassem um pouco afastados.

Encontrou o furo da bala no lado direito da cabeça. A bala havia atravessado o crânio e saído pelo outro lado, e havia, evidentemente, acertado um espelho que estava pendurado na parede à esquerda, visto que este estava rachado. Sobre a escrivaninha estava uma folha de papel, quase em branco, exceto pelas palavras ME DESCULPE rabiscadas numa caligrafia hesitante e irregular.

Poirot olhou subitamente para trás, em direção à porta.

- A chave não está na fechadura - ele disse. - Será... Sua mão deslizou para dentro do bolso do falecido.

- Aqui está - ele disse. - Pelo menos é o que parece. Tenha a bondade de testar, *monsieur*.

Geoffrey Keene pegou a chave da mão de Poirot e a encaixou na fechadura.

- É essa mesmo.

- E a janela?

Harry Dalehouse avançou em direção à janela.

- Fechada.
  - Você me permite?
- Rapidamente, Poirot se juntou ao outro na janela. Era uma longa janela de batentes. Poirot a abriu, ficou parado por um instante examinando a grama à frente, então voltou a fechá-la.
- Meus amigos - ele disse -, precisamos telefonar para a polícia. Até eles chegarem e se convencerem de que foi mesmo suicídio nada pode ser tocado. A morte ocorreu no máximo há quinze minutos.
  - Eu sei - disse Harry com a voz rouca. - Nós ouvimos o tiro.
  - Comment? O que você está dizendo?

## TRECHO 12

Harry explicou com a ajuda de Geoffrey Keene. Quando ele acabou de falar, Barling reapareceu. Poirot repetiu o que havia dito antes, e quando Keene saiu para telefonar, ele pediu a Barling que lhe respondesse brevemente algumas perguntas.

Eles foram para um pequeno aposento, deixando Digby de guarda do lado de fora do escritório, enquanto Harry foi procurar as senhoras.

- O senhor era, pelo que sei, um amigo íntimo do sr. Lytcham Roche - começou Poirot.
  - É por essa razão que eu recorro primeiramente ao senhor. De acordo com a etiqueta, talvez eu devesse falar primeiro com a senhora Lytcham Roche, mas no momento isso não me parece *pratique*.
- Ele fez uma pausa.

- Eu estou, como senhor pode ver, numa situação muito delicada. Vou expor os fatos francamente para o senhor. Sou um detetive particular.

O financista sorriu de leve.

- Não é necessário que o senhor me diga isso, sr. Poirot. O seu nome, a essas alturas, já é parte desta casa.
- *Monsieur* é muito amável - disse Poirot se curvando. - Vamos em frente, então. Recebo, em meu endereço em Londres, uma carta deste sr. Lytcham Roche. Nessa carta ele diz que tem uma razão para acreditar que está sendo fraudado em grandes somas de dinheiro. Por razões familiares, como ele mesmo colocou, não quer envolver a polícia no assunto, mas deseja que eu venha até sua casa e investigue o caso para ele. Bem, eu concordo. Venho. Não tão rápido quanto o senhor Lytcham Roche deseja, pois, afinal, tenho outros afazeres, e o senhor Lytcham Roche não é exatamente o rei da Inglaterra, apesar de ele parecer acreditar que é. Barling deu um sorriso oblíquo.

- Ele de fato se via dessa maneira.

- Exatamente. Oh, o senhor compreende, a carta dele revelou de modo bastante claro que ele era o que se poderia chamar de um homem muito original. Ele não era louco, mas desequilibrado, *n'est-ce pas*?

- O que ele acaba de fazer deve mostrar isso.

- Oh, *monsieur*, mas o suicídio nem sempre é um ato de desequilibrados. Um júri investigativo poderia assim considerar, mas apenas para poupar os sentimentos dos que ficam.

- Hubert não era um sujeito normal - disse Barling, decidido. - Era dado a furores ingovernáveis, era monomaníaco no que dizia respeito ao orgulho familiar, e tinha mais idéias fixas do que qualquer um. Mas apesar de tudo, era um homem muito astuto.

- Precisamente. Ele era astuto o suficiente para descobrir que estava sendo roubado.

- Um homem comete suicídio porque está sendo roubado? - perguntou Barling.

- Exato, *monsieur*. É ridículo. E isso me leva à necessidade de pressa no caso. Por razões familiares, essa foi a frase que ele utilizou na carta. Eh, *bien, monsieur*, o senhor é um homem vivido, o senhor sabe que é precisamente por isto, por razões familiares, que um homem, de fato, comete suicídio.

- O senhor quer dizer...?
  - Que parece, à primeira vista, que *ce pauvre monsieur* havia descoberto algo mais e não foi capaz de encarar o que descobrira. Mas entenda, eu tenho um dever. Eu já estou empregado, encarregado do caso, pois aceitei a tarefa. O falecido não queria que essas "razões familiares" chegassem à polícia. Então devo agir rapidamente. Tenho que descobrir a verdade.
  - E quando o senhor vai descobrir?
  - Então... Bem, terei de usar minha discricção. Farei o que for possível.
  - Entendo - disse Barling. Ele fumou em silêncio por um ou dois minutos, depois disse: - Ainda assim não creio que possa ajudá-lo. Hubert nunca me confidenciou nada. Eu não sei de nada.
  - Mas diga-me, *monsieur*, quem, em sua opinião, teria chance de roubar esse pobre homem?
  - Difícil dizer. Claro, há o corretor de imóveis. Trata-se de um novo funcionário.
  - O corretor?
  - Sim. Marshall. Capitão Marshall. Um sujeito muito simpático, perdeu um braço na guerra. Veio para cá há um ano. Mas Hubert gostava dele, eu sei, e também confiava nele.
  - Se era o capitão Marshall que o estava enganando, não haveria razão para o silêncio. - Não... não mesmo.
- A hesitação não escapou aos olhos de Poirot.
- Fale, *monsieur*. Fale claramente. Eu lhe suplico.
  - Pode ser apenas intriga. - Por favor, fale.
  - Pois bem. Vou falar. O senhor reparou numa jovem muito atraente na sala de visitas?
  - Reparei em duas.

### TRECHO 13

- Ah, sim, a senhorita Ashby. Uma gracinha de menina. É a sua primeira visita. Harry Dalehouse pediu para a sra. Lytcham Roche convidá-la. Não, eu me refiro a uma garota morena: Diana Cleves.
  - Ela me chamou a atenção - disse Poirot. - É do tipo que chamaria a atenção de qualquer homem, creio.
  - Ela é o diabo em pessoa - explodiu Barling. - Ela já se comportou de maneira leviana com todos os homens num raio de trinta quilômetros. Alguém vai assassiná-la qualquer dia desses.
- Ele enxugou a testa com um lenço, sem se dar conta do aguçado interesse que o outro lhe votava.
- E essa jovem é...
  - É a filha adotiva de Lytcham Roche. Sofreram uma grande decepção quando descobriram que não poderiam ter filhos. Então adotaram Diana Cleves, que era uma espécie de prima deles. Hubert era muito dedicado a ela, simplesmente a idolatrava.
  - Sem dúvida ele não ia gostar da ideia de ela se casar? - sugeriu Poirot.
  - A menos que ela se casasse com a pessoa certa.
  - E a pessoa certa seria... o senhor, *monsieur*? Barling arregalou os olhos e ruborizou.
  - Em nenhum momento eu disse...
  - Mais non, mais non! O senhor não disse nada. Mas era isso mesmo, não era?
  - Sim, eu me apaixonei por ela. Lytcham Roche estava feliz com a ideia. Isso estava de acordo com os planos que ele tinha para ela.
  - E quanto à *mademoiselle*?
  - Eu já lhe disse: ela é o demônio encarnado.
  - Compreendo. Ela tem suas próprias ideias do que é se divertir, não é verdade? Mas e o capitão Marshall, onde ele entra?

- Bem, os dois têm se encontrado. As pessoas comentam. Não que eu pense que haja alguma coisa aí. Puro falatório. Só isso.

Poirot concordou com a cabeça:

- Mas supondo que tenha havido mesmo algo... Bem, então talvez isso possa explicar por que o senhor Lytcham Roche desejava proceder cautelosamente.

- O senhor entende, não entende, que não há nenhuma razão visível para suspeitar que Marshall tenha sido o responsável pelo desfalque?

- Oh, parfaitement, parfaitement! Pode ser um caso de falsificação de cheque em que alguém da casa está envolvido. E esse jovem sr. Dalehouse, quem é?

- Um sobrinho.

- Será o herdeiro, não é?

- Ele é o filho de uma irmã. É provável que vá assumir o nome: não há mais nenhum Lytcham Roche.

- Entendo.

- A propriedade não está exatamente vinculada, apesar de sempre ter passado de pai para filho. Sempre imaginei que ele deixaria a casa para a esposa enquanto ela vivesse e depois talvez para Diana, se ele aprovasse seu casamento. O senhor vê, o marido poderia assumir o nome.

Compreendo - disse Poirot. - O senhor foi muito gentil e útil para mim, *monsieur*. Posso lhe pedir mais uma coisa? Para explicar à Sra. Lytcham Roche tudo o que eu lhe disse e suplicar a ela que me conceda um minuto?

## TRECHO 14

Mais rápido do que ele esperava, a porta se abriu e a Sra. Lytcham Roche entrou. Ela andou suavemente até uma cadeira.

- O Sr. Barling me explicou tudo - ela disse. - Não há necessidade de fazer escândalo, não é mesmo? Embora eu sinta realmente que foi obra do destino, o senhor não acha?

Quero dizer, por causa do espelho e tudo mais.

- Comment? O espelho?

- No momento em que o vi... aquilo parecia um símbolo. De Hubert! Uma maldição, sabe. Acho que famílias antigas frequentemente têm maldições. Hubert sempre foi muito estranho. Ultimamente andava mais estranho do que nunca.

- A senhora me perdoe a pergunta, madame, mas a senhora não está, sob nenhum aspecto, mal de dinheiro?

- Dinheiro? Eu nunca penso em dinheiro.

- A senhora sabe o que dizem por aí, madame? Aqueles que nunca pensam em dinheiro normalmente são os que mais precisam dele.

Ele arriscou uma pequena risada. Ela não correspondeu. Os olhos dela miravam algum ponto ao longe.

- Muito obrigado, senhora - ele disse, e a entrevista chegou ao fim. Poirot tocou a sineta e Digby atendeu.

## TRECHO 15

- Pedirei que o senhor me responda algumas perguntas - disse Poirot. - Sou um detetive particular contratado pelo seu patrão antes de ele morrer.

- Um detetive! - o mordomo disse ofegante. - Como assim?

- Por favor, responda às minhas perguntas. Quanto ao tiro...

Ele ouviu o relato do mordomo.

- Então havia quatro pessoas no saguão?

- Sim, senhor; o sr. Dalehouse e a srta. Ashby, e o sr. Keene, que veio da sala de visitas.

- E onde estavam os outros?

- Os outros, senhor?

- Sim, a sra. Lytcham Roche, a srta. Cleves e o sr. Barling.

- A sra. Lytcham Roche e o sr. Barling desceram mais tarde, senhor.

- E a srta. Cleves?

- Eu acho que a senhorita Cleves estava na sala de visitas, senhor. Poirot fez mais algumas perguntas, depois dispensou o mordomo com a ordem de que pedisse à srta. Cleves que viesse vê-lo.

## TRECHO 16

Ela atendeu imediatamente à convocação, e ele a estudou atentamente tendo em vista as revelações de Barling. Era mesmo bela, em seu vestido branco de cetim com o botão de rosa no ombro.

Ele explicou as circunstâncias que o haviam trazido a Lytcham Close, examinando-a cuidadosamente, mas ela demonstrou apenas o que parecia ser genuína surpresa, sem nenhum sinal de inquietação. Ela falou sobre Marshall com indiferença ainda que num tom de aprovação. Apenas com a menção do nome de Barling ela demonstrou certa animação.

- Aquele homem é um vigarista - ela disse categoricamente. - Eu disse isso ao Velho, mas ele não quis me escutar: continuou colocando dinheiro nos negócios podres dele.

- A senhorita está triste, *mademoiselle*, que o seu pai esteja morto? Ela o encarou.

- É claro. Sou moderna, sabe, sr. Poirot. Não sou de ficar choramingando ou coisas do tipo. Mas eu gostava do velho. Embora, sem dúvida, tenha sido melhor para ele.

- Melhor para ele?

- Sim. Qualquer dia desses ele teria de ser internado. Estava crescendo dentro dele essa crença de que o último Lytcham Roche de Lytcham Close era onipotente. Poirot concordou com a cabeça.

- Entendo, entendo sim... sinais evidentes de perturbação mental. A propósito, a senhorita permite que eu observe a sua bolsinha? É encantadora, todos esses botões de rosa de seda... O que eu estava dizendo? Ah, sim, a senhorita ouviu o disparo?

- Oh, sim! Mas pensei que fosse um carro ou um caçador, ou algo assim.

- A senhorita estava na sala de visitas?

- Não, eu estava no jardim.

- Muito bem. Obrigado, *mademoiselle*. Agora eu gostaria de ver o senhor Keene, é isso?

- Geoffrey? Vou dizer a ele que venha.

## TRECHO 17

Keene entrou no aposento, alerta e interessado.

- O sr. Barling estava me contando sobre a razão que o trouxe aqui. Não sei se há algo que eu possa lhe contar, mas se eu puder...

Poirot o interrompeu.

- Só quero saber uma coisa, *monsieur* Keene. O que foi o que o senhor parou para juntar do chão, pouco antes de chegarmos à porta do escritório há pouco?

- Eu... - Keene deu um pequeno pulo da cadeira, depois voltou a se acomodar. - Não sei do que o senhor está falando - ele disse de modo fraco.

- Ah, eu acho que o senhor sabe, *monsieur*. O senhor estava atrás de mim, eu sei, mas tenho um amigo que diz que eu tenho olhos atrás da cabeça. O senhor pegou alguma coisa e colocou no bolso direito de seu paletó. Houve uma pausa. Podia-se ler claramente a indecisão no atraente rosto de Keene.

Finalmente ele se decidiu.

- Pode escolher, senhor Poirot - ele disse e, inclinando-se para frente, virou os bolsos do avesso. Havia uma piteira, um lenço, um pequeno botão de rosa de seda e uma pequena caixa de fósforos dourada.

## TRECHO 18

Após um momento de silêncio, Keene disse:

- Para falar a verdade foi isso - ele pegou a caixa de fósforos. - Devo tê-la deixado cair, mais cedo.

- Acho que não - disse Poirot.

- O que o senhor quer dizer com isso?

- Aquilo que estou dizendo. Eu, *monsieur*, sou um homem meticoloso, metódico, ordeiro. Uma caixa de fósforos no chão, eu a teria visto e juntado. Uma caixa de fósforos deste tamanho, com certeza eu a teria visto! Não, *monsieur*, eu acho que foi uma coisa muito menor, como isto, talvez.

Ele pegou o pequeno botão de rosa de seda.

- Da bolsa da srta. Cleves, eu suponho?

Houve um momento de hesitação, então Keene admitiu com uma risada.

- Sim, é isso mesmo. Ela me deu ontem à noite.

- Muito bem - disse Poirot, e neste momento a porta se abriu, e um homem alto, de cabelos claros, vestido com um traje de passeio, avançou para dentro do aposento.

- Keene! O que é isso? Lytcham Roche se matou? Nossa, não posso acreditar. É incrível.

- Deixe-me apresentá-lo - disse Keene - ao senhor Hercule Poirot. Ele vai lhe contar tudo - e saiu da sala batendo a porta.

- Sr. Poirot - John Marshall estava ávido -, muitíssimo prazer em conhecê-lo. Foi um pouco de sorte eu ter encontrado o senhor aqui. Lytcham Roche não me disse que o senhor viria. Sou um grande admirador do seu trabalho.

## TRECHO 19

"Um jovem fascinante", pensou Poirot - mas nem tão jovem, pois tinha cabelos grisalhos nas têmporas e finas rugas na testa. Eram sua voz e suas maneiras que lhe davam um certo ar juvenil.

- A polícia...

- Eles estão aqui, senhor. Subi com eles enquanto ouvia as notícias. Não pareciam particularmente surpresos. Claro que ele era louco de atar, mas mesmo assim...

- Mesmo assim o senhor está surpreso com o fato de ele ter cometido suicídio?

- Para falar a verdade, sim. Jamais teria pensado que... bem, que Lytcham Roche pudesse imaginar que o mundo sem ele continuaria a girar.

## TRECHO 20

- Ele teve problemas financeiros recentemente, não é?

Marshall concordou com a cabeça.

- Ele especulava. Os esquemas arriscados de Barling. Poirot disse calmamente:

- Serei muito franco. O senhor tinha alguma razão para supor que o Sr. Lytcham Roche suspeitasse que o

senhor estava manipulando indevidamente suas contas?

Marshall fitou Poirot com uma espécie de perplexidade cômica. Tão cômica que Poirot teve que sorrir.

- Vejo que o senhor está totalmente perplexo, capitão Marshall.

- Sim, naturalmente. Essa é uma idéia ridícula.

- Ah! Uma outra pergunta. Ele não suspeitava que o senhor estivesse prestes a lhe tomar a filha adotiva?

- Oh, então o senhor sabe sobre mim e Di? - ele riu de maneira embaraçada.

- É verdade, então? Marshall assentiu com a cabeça.

- Mas o velho não sabia de nada. Di não permitiria que lhe contassem. Acho que ela estava certa. Ele teria ficado uma fera. Eu teria sido escorraçado do meu emprego e ficaria tudo por isso mesmo.

- E, em lugar disso, qual era o seu plano?

- Bem, palavra de honra, senhor, nem eu sei. Deixei que Di cuidasse disso. Ela disse que daria um jeito. Na verdade, eu já estava procurando um emprego. Se encontrasse, deixaria este.

- E *mademoiselle* teria se casado com o senhor? Mas o sr. Lytcham Roche poderia ter cortado a pensão dela. *Mademoiselle* Diana, pelo que pude perceber, é apaixonada por dinheiro.

Marshall pareceu um tanto constrangido.

- Eu tentaria compensá-la de alguma maneira, senhor.

## TRECHO 21

Geoffrey Keene entrou na sala.

- Os policiais já estão de saída e gostariam de vê-lo, Sr. Poirot.

- Merci. Já vou.

No escritório estavam um robusto inspetor e o médico da polícia.

- Sr. Poirot? - disse o inspetor. - Ouvimos falar do senhor. Eu sou o inspetor Reeves.

- O senhor é muito gentil - disse Poirot, enquanto trocavam um aperto de mãos. - O senhor não precisa da minha colaboração, não é? - ele deu uma risadinha.

- Desta vez não, senhor. Tudo está correndo sem maiores dificuldades.

- O caso está perfeitamente esclarecido, então? - perguntou Poirot.

- Absolutamente. Porta e janela fechadas, chave da porta no bolso do falecido. Comportamento estranho nos últimos dias. Nenhuma dúvida.

- Tudo muito... natural?

O médico resmungou.

- Ele devia estar sentado num ângulo muito incomum para que a bala pudesse atingir aquele espelho. Mas suicídio é mesmo um negócio incomum.

- O senhor encontrou a bala?

- Sim, aqui está. - O médico mostrou a bala. - Perto da parede abaixo do espelho. A arma pertencia ao Sr. Roche. Ele a guardava na gaveta da escrivaninha. Tem alguma coisa por trás disso, eu diria, mas o quê, nós nunca saberemos. Poirot assentiu com a cabeça.

## TRECHO 22

O corpo havia sido levado para um quarto. A polícia agora se despedia. Poirot ficou parado na porta, observando-os partir. Um ruído fez com que ele se virasse. Harry Dalehouse estava atrás dele, muito próximo.

- O senhor tem, por acaso, uma lanterna potente, meu amigo? - perguntou Poirot.

- Sim, vou buscá-la para o senhor.

Quando voltou com a lanterna, Joan Ashby estava com ele. - Vocês podem me acompanhar se quiserem - disse Poirot cortesmente.

Ele saiu pela porta da frente e virou à direita, parando diante da janela do escritório. Pouco menos de dois metros de gramado a separavam da passagem pavimentada. Poirot se agachou, iluminando a grama com a lanterna. Ele se levantou e balançou a cabeça.

- Não - ele disse -, ali não.

## TRECHO 23

Então ele parou e lentamente seu corpo endureceu. Em cada lado do gramado havia um enorme canteiro de flores. A atenção de Poirot estava focada no canteiro do lado direito, cheio de ásteres silvestres e dalias. O facho estava direcionado para a frente do leito. Nítidas na terra macia, havia pegadas.

- Quatro pegadas - murmurou Poirot. - Duas na direção da janela, duas em sentido contrário.

- Um jardineiro - sugeriu Joan.

- Não, *mademoiselle*, não. Olhe bem. Estes sapatos são pequenos, delicados, de salto alto, sapatos femininos. *Mademoiselle* Diana mencionou ter estado no jardim. A senhorita sabe se ela desceu antes da senhorita, *mademoiselle*?

- Não me lembro. Eu estava com muita pressa porque o gongo tinha soado, e pensava já ter ouvido o primeiro. Acho que a porta do quarto dela estava aberta quando passei pelo corredor, mas não tenho certeza. A da sra. Lytcham Roche estava fechada, isso eu sei.

- Muito bem.

Alguma coisa em sua voz fez com que Harry levantasse os olhos repentinamente, mas Poirot estava apenas franzindo de leve as sobrancelhas para si mesmo.

## TRECHO 24

Na porta de entrada, encontraram Diana Cleves.

- A polícia já foi - ela disse. - Está tudo terminado. Ela suspirou profundamente.

- Posso pedir que a senhorita me conceda um dedo de prosa, *mademoiselle*?

Ela seguiu até um pequeno aposento e Poirot a seguiu, fechando a porta.

- E então? - ela parecia um pouco surpresa.

- Uma perguntinha, *mademoiselle*. A senhorita esteve esta noite, em algum momento, no canteiro de flores do lado de fora da janela do escritório?

- Sim - ela acenou com a cabeça. - Por volta das sete horas e mais uma vez quase na hora do jantar.

- Não estou entendendo - ele disse. - Não creio que haja nada para "entender", como o senhor diz - ela disse friamente. - Estava colhendo uns ásteres para a mesa. Sempre faço o arranjo de flores. Isso foi por volta das sete.

- E depois? O que mais fez depois?

- Ah, sim! O que aconteceu foi que derrubei uma gota de óleo para o cabelo no meu vestido, bem aqui no ombro. Foi quando eu estava prestes a descer. Eu não queria trocar de vestido. Lembrei-me que tinha visto um botão de rosa no canteiro. Então fui correndo até lá, colhi-o e o preendi com um alfinete. Está vendo? Ela chegou perto dele e levantou a rosa. Poirot viu a minúscula mancha de óleo. Ela permaneceu perto dele, seu ombro quase roçando no dele.

- E a que horas foi isso?

- Oh, por volta das oito e dez, acho.

- A senhorita não tentou entrar pela janela?

-Acho que tentei. Sim, pensei que seria mais rápido entrar pela janela. Mas estava trancada.

- Entendo - Poirot respirou profundamente. - E o tiro - ele disse -, onde a senhorita estava quando o ouviu? Ainda no canteiro de flores?

- Oh, não, isso foi uns dois ou três minutos depois, logo antes de eu entrar pela porta do lado.

- A senhorita sabe o que é isto, *mademoiselle*?

Na palma da mão de Poirot estava o pequeno botão de rosa de seda. Ela o examinou tranqüilamente.

- Parece com um dos botões de rosa da minha bolsinha. Onde o senhor o achou?

- Estava no bolso do Sr. Keene - disse Poirot cáusticamente. - A senhorita deu isso a ele, *mademoiselle*?

- Ele lhe disse que eu dei isso para ele?

Poirot sorriu.

- Quando foi que a senhorita deu isso para ele?

- Ontem à noite.

- Ele a advertiu para dizer isso, *mademoiselle*?

- O que o senhor quer dizer com isso? - ela perguntou furiosamente.

Mas Poirot não respondeu. Saiu da sala a passos largos e entrou na sala de visitas. Barling, Keene e Marshall estavam lá. Ele foi diretamente até eles. Messieurs - ele disse bruscamente -, os senhores podem me seguir até o escritório?

Saiu em direção ao saguão e se dirigiu a Joan e Harry.

- Vocês também, por favor. E alguém pode pedir para a madame descer? Muito obrigado. Ah! E aqui está o excelente Digby. Digby, uma perguntinha, uma perguntinha muito importante. A Srta. Cleves fez um arranjo de ásteres antes do jantar?

O mordomo parecia espantado.

- Sim, senhor, fez.

- Você tem certeza?

- Certeza absoluta, senhor.

- *Três bien*. Agora, venham todos.

Dentro do escritório, ele os encarou.

- Pedi para que viessem aqui por uma razão. O caso está encerrado, a polícia já veio e já partiu. Eles disseram que o Sr. Lytcham Roche se suicidou. Está tudo terminado - ele fez uma pausa. - Mas eu, Hercule Poirot, digo que não está terminado.

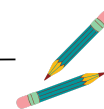
Enquanto os olhos chocados se voltavam para ele, a porta se abriu e a Sra. Lytcham Roche entrou no aposento.

- Eu estava dizendo, madame, que este caso não está encerrado. É uma questão de psicologia. O Sr. Lytcham Roche sofria de manie de grandeur, tinha para si que era um rei. Um homem assim não se mata. O Sr. Lytcham Roche não se matou. - Fez uma nova pausa. - Ele foi assassinado.

CHRISTIE, Agatha. *Poirot Sempre Espera e Outras Histórias*. Trad. Pedro Gonzaga. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

**Passo 2:** Ao término da leitura, o professor deverá levantar, oralmente, os seguintes questionamentos:

1. Por que Poirot analisou a janela e a grama?
2. Poirot conta que é um detetive particular e que tem certeza de que o Sr. Hubert foi assassinado. O que o leva a apostar nisso?
3. Poirot começa a investigar a morte do Sr. Hubert e entrevista todos os presentes. Após essa investigação e as novas informações apresentadas, você ainda continua achando que o personagem que matou o Sr. Hubert é o mesmo que você acusou na aula passada? Por quê?
4. Se a resposta do aluno for "não", perguntar: quem você acha que é o novo assassino?
5. Por que ele mataria o Sr. Hubert?



**Passo 1:** O professor iniciará a aula lendo, em voz alta, os trechos 25 e 26 do conto "A segunda batida do Gongo" de Agatha Christie.

## TRECHO 25

- Assassinado? - Marshall deu uma risada curta.
  - Sozinho, numa sala com a porta e a janela trancadas?
  - Ainda assim - disse Poirot resolutamente -, ele foi assassinado.
  - E depois se levantou para trancar a porta ou fechar a janela, suponho - disse Diana sarcasticamente.
  - Vou lhes mostrar uma coisa - disse Poirot, indo em direção à janela. Ele girou o trinco da janela de batentes e depois a puxou suavemente.
  - Estão vendo, está aberta. Agora vou fechá-la, mas sem girar o trinco. Agora a janela está fechada, mas não trancada. Agora!
- Ele deu um pequeno golpe e o trinco foi acionado, lançando o pino para dentro de seu buraco.
- Estão vendo? - disse Poirot suavemente. - Este mecanismo é muito fraco. Isso poderia ter sido feito pelo lado de fora facilmente.
- Ele se virou de maneira austera.
- Quando o tiro foi disparado, às 8h12, havia quatro pessoas no saguão. Quatro pessoas têm um álibi. Onde estavam as outras três? A senhora, madame? Em seu quarto. E o senhor, *monsieur* Barling? Também estava em seu quarto?
  - Estava.
  - E a senhorita, *mademoiselle*, estava no jardim, como já admitiu.
  - Eu não vejo... - começou Diana.
  - Espere - ele se voltou para a sra. Lytcham Roche.
  - Diga-me, madame, a senhora tem alguma idéia de como o seu marido dividiu o dinheiro dele no testamento?
  - Hubert o leu para mim. Ele disse que eu deveria saber. Ele me deixou três mil por ano, taxáveis sobre o espólio, e a casa de meu dote ou nossa casa na cidade, a que eu preferisse. Todo o resto ele deixou para Diana, na condição de que se ela se casasse o marido teria que assumir o nome da família.
  - Ah!
  - Mas depois ele acrescentou uma nova cláusula, algumas semanas atrás.
  - Sim, madame?
  - Ele ainda deixava tudo para Diana, mas com a condição de que ela se casasse com o sr. Barling. Se ela se casasse com qualquer outra pessoa, tudo ficaria para o seu sobrinho, Harry Dalehouse.
  - Mas a cláusula adicional foi feita há poucas semanas - murmurou Poirot. - *Mademoiselle* pode não ter tomado conhecimento disso. - Ele avançou na direção dela de forma acusativa. - *Mademoiselle* Diana, a senhorita quer se casar com o capitão Marshall, não é? Ou com o sr. Keene?
- Ela atravessou o ambiente e deu seu braço ao leal Marshall.
- Continue - ela disse.

## TRECHO 26

- Erguerei o caso contra a senhorita, *mademoiselle*. A senhorita amava o capitão Marshall. A senhorita também ama o dinheiro. Seu pai adotivo jamais consentiria que a senhorita se casasse com o capitão Marshall, mas se ele morresse a senhorita estaria absolutamente certa de que herdaria tudo. Então a senhorita sai, caminha sobre o canteiro de flores até a janela que está aberta, leva consigo a arma que havia pegado de dentro da gaveta da escrivaninha. A senhorita vai até a sua vítima falando amavelmente. Atira. Deixa a arma perto da mão dele, depois de tê-la limpado e pressionado os dedos da vítima contra o cabo da mesma. A senhorita sai de novo, sacudindo a janela até que o pino caia. Entra em casa. Não foi isso o que aconteceu, *mademoiselle*?

- Não! - gritou Diana. - Não, não!

**Passo 2:** Ao término da leitura, o professor pedirá para os alunos escreverem um final para o conto, no qual eles solucionarão o mistério. Sugestão: máximo duas páginas.

AULA 5 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor iniciará a aula pedindo para que os alunos leiam os seus finais alternativos.

**Obs.:** Ao término da leitura dos finais alternativos escritos pelos alunos, o professor lerá em voz alta o restante do conto de Agatha Christie e pedirá aos alunos para acompanharem silenciosamente.

## TRECHO 27

- Ele a olhou e depois sorriu.

- Não - ele disse -, não foi assim. Poderia até ter sido, é plausível, é possível, mas não foi o que ocorreu por duas razões. A primeira é que a senhorita colheu os ásteres às sete horas; e a segunda razão deriva de algo que *mademoiselle* me disse há pouco. Ele se virou para Joan, que o fitou espantada. Ele acenou com a cabeça para encorajá-la.

- Sim, *mademoiselle*. A senhorita me disse que desceu correndo as escadas porque pensou que o gongo soava pela segunda vez, visto que acreditava já ter ouvido a primeira batida. Ele deu uma rápida olhadela ao redor do ambiente.

- Os senhores não vêem o que isso significa? - ele gritou. - Os senhores não vêem? Olhem! Olhem! - Ele foi num salto até a cadeira onde a vítima havia sentado. - Os senhores notaram como estava o corpo? Não estava posicionado corretamente em relação à mesa. Não. Estava de lado para ela, de frente para a janela. Essa é uma maneira natural de se cometer suicídio? Jamais, jamais! Você escreve o seu bilhete, "me desculpe", num pedaço de papel, abre a gaveta, tira a pistola, segura-a contra a sua cabeça e atira. É assim que se comete suicídio. Mas agora pensem em assassinato! A vítima está sentada em sua escrivaninha, o assassino está ao seu lado, conversando. E ainda conversando, atira. Para onde vai a bala? - Ele fez uma pausa. - Atravessa a cabeça, atravessa a porta se estiver aberta e, então, atinge o gongo.

"Ah! Os senhores começam a enxergar? Essa foi a primeira batida do gongo, que só foi ouvida pela *mademoiselle*, pois o seu quarto fica logo acima.

"O que o nosso assassino faz na seqüência? Fecha a porta, e a tranca, coloca a chave no bolso do falecido, vira o corpo para o lado na cadeira, pressiona os dedos do falecido na arma e depois a posiciona sob sua mão, racha o espelho na parede como o grandioso toque final. Em resumo, 'constrói' o suicídio. Então sai pela janela, o pino é sacudido e volta para o seu lugar; o assassino pisa não na grama, onde as pegadas seriam evidentes, mas no canteiro de flores, onde elas podem ser aplainadas, eliminando os rastros.

Depois volta para dentro de casa e, às 8h12, quando está sozinho na sala de visitas, dá um tiro de revólver pela janela da sala de visitas e corre para o saguão.

## TRECHO 28

Foi assim que o senhor agiu, Sr. Geoffrey Keene?"

Fascinado, o secretário encarou o acusador que se aproximava dele. Então, com um grito rouco, ele desabou no chão.

- Creio que aí está a minha resposta - disse Poirot.

- Capitão Marshall, o senhor poderia ligar para a polícia?

- Ele se inclinou sobre a figura prostrada. - Acho que ele ainda estará inconsciente quando eles chegarem.

-Geoffrey Keene - murmurou Diana. - Mas que motivo ele poderia ter?

## TRECHO 29

- Acho que como secretário ele tinha certas oportunidades, certo controle sobre as contas. Alguma coisa despertou as suspeitas do sr. Lytcham Roche. Ele mandou me chamar.

- Por que o senhor? Por que não a polícia?

- Eu creio, *mademoiselle*, que a senhorita pode responder a esta pergunta. *Monsieur* suspeitava que havia algo entre a senhorita e o Sr. Keene. Para que seu pai não desconfiasse do seu relacionamento com o capitão Marshall, a senhorita flertava descaradamente com Geoffrey Keene. Tudo bem, a senhorita não precisa negar! O Sr. Keene é informado sobre a minha vinda e resolve agir de imediato. A essência do seu plano é que o crime precisa ter ocorrido aparentemente às 8h12, quando ele tem um álibi. O único perigo é a bala, que deve estar caída em algum lugar perto do gongo e a qual ele não teve tempo de recolher. Quando estamos todos a caminho do escritório, ele a junta. O momento é tão tenso que ele acha que ninguém vai reparar. Mas eu, eu reparo em tudo! Pergunto a ele sobre isso. Ele reflete por um minuto e resolve fazer teatro! Ele insinua que o que ele havia pegado era o botão de rosa de seda, interpreta o papel do jovem apaixonado protegendo a mocinha que ama. Oh, ele foi muito esperto, e se a senhorita não tivesse colhido os ásteres...

- Eu não entendo, o que as flores têm a ver com isso?

## TRECHO 30

- A senhorita não entende? Veja, havia apenas quatro pegadas no canteiro, mas quando a senhorita estava colhendo as flores deve ter feito muito mais que isso. Logo, entre o momento em que a senhorita estava colhendo as flores e o momento em que desceu para pegar o botão de rosa, alguém deve ter encoberto o canteiro. Não pode ter sido o jardineiro, nenhum jardineiro trabalha depois das sete. Então teria de ser alguém que tinha culpa no cartório. Só podia ser o assassino... Afinal, o assassinato foi cometido antes de o tiro ser ouvido pelos outros.

- Mas então por que ninguém ouviu o tiro de fato? - perguntou Harry.

## TRECHO 31

- Um silenciador. Eles o encontrarão junto com o revólver, jogado no meio dos arbustos.
  - Mas que enorme risco!
  - Por que risco? Todos estavam no andar de cima se arrumando para o jantar. Era um ótimo momento. A bala era o único contratempo, e até isso, pensava ele, ninguém tinha percebido.
- Poirot pegou a bala.
- Ele a jogou para perto do espelho quando eu estava examinando a janela com o Sr. Dalehouse.

## TRECHO 32

- Oh! - Diana voltou-se para Marshall. - Case-se comigo, John, e me leve embora.
- Barling tossiu.
- Minha querida Diana, segundo os termos do testamento do meu amigo...
  - Eu não me importo! - gritou a garota. - Nem que tenhamos que pintar calçadas.
  - Não há necessidade de fazer isso - disse Harry.
  - Dividiremos tudo meio a meio, Di. Eu não vou embolsar tudo só porque o tio era maluco.
- De repente, ouviu-se um grito. A Sra. Lytcham Roche levantou-se de um salto.
- Sr. Poirot, o espelho... ele, ele deve tê-lo quebrado de propósito.
  - Sim, madame.
  - Oh! - ela o fitou. - Mas quebrar um espelho traz má sorte.
  - De fato, trouxe má sorte ao Sr. Geoffrey Keene - disse Poirot alegremente.

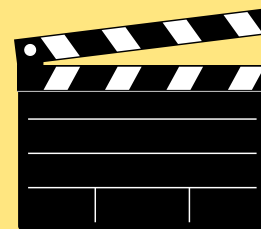
**Passo 2:** Atividade de escrita - o professor deverá escrever as seguintes questões no quadro e pedir para os alunos copiarem e responderem no caderno:

1. O que despertou as suspeitas do Sr. Lytcham Roche?
2. O que teria acontecido se Diana Cleves não tivesse colhido os ásteres?
3. No início do conto, somente a senhorita Joan Ashby ouviu a primeira batida do gongo. No final do conto descobrimos o porquê de o gongo ter soado a primeira vez e o porquê de ter sido a senhorita Ashby a única pessoa a ouvi-lo. Leia novamente o trecho 27 e transcreva a parte em que o detetive Poirot dá a explicação de tudo.
4. A Sra. Lytcham Roche diz que "quebrar um espelho traz má sorte" e Poirot responde que "De fato, trouxe má sorte ao Sr. Geoffrey Keene": o que ele quis dizer com isso?

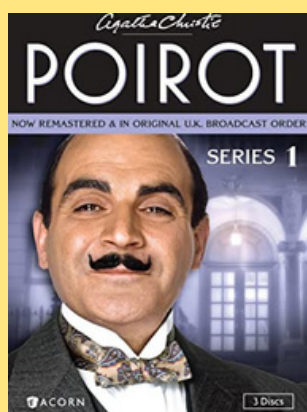
**Passo 3:** Após terminar a correção das questões do "Passo 2", o professor deverá perguntar oralmente:

1. Qual dos finais alternativos você acha que mais se assemelhou ao final original?
2. Você esperava por esse desfecho?
3. Você acertou quem era o assassino?
4. O gênero suspense prende a atenção do leitor, pois queremos descobrir a solução de todos os mistérios que nos são apresentados. Sendo assim, conte como foi para você ter que realizar a leitura desse texto em etapas.
5. De que maneira a leitura do conto "A segunda batida do Gongo", de Agatha Christie, ampliou seu conhecimento sobre o gênero investigativo?

# ALÉM DA SALA DE AULA



AGATHA CHRISTIE'S POIROT



Fonte: amazon.com.br. Acesso em: 8 jul. 2022.

**Sinopse:** Baseada nos contos e romances que Agatha Christie escreveu protagonizados por Hercule Poirot (vivido por David Suchet). O lendário detetive belga parece estar sempre envolvido em mistérios, geralmente com o seu ajudante Capitão Hastings (Hugh Fraser) ou com o Inspetor Chefe da Scotland Yard, Japp (Philip Jackson).

## Indicação dos filmes baseados nas obras de Agatha Christie:

O site "Omelete" reuniu em uma matéria intitulada "Conheça todos os filmes baseados em obras de Agatha Christie" todos os filmes que são adaptações das obras da autora de "A Segunda Batida do Gongo". Entre no link abaixo e escolha o filme que mais lhe agrada e assista com sua família, amigos ou sozinho. Divirta-se!

Fonte: <https://www.adorocinema.com/series/serie-501/>. Acesso em: 8 jul. 2022.



Acesse o link ou o QR code:



Fonte: <https://www.omelete.com.br/filmes/conheca-todos-os-filmes-baseados-em-obras-de-agatha-christie#1>

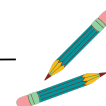
## 4º MOMENTO



### PRODUÇÃO TEXTUAL

A Produção Textual se divide em 4 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é exercitar a escrita dos alunos a partir da leitura do conto "A segunda batida do Gongo", de Agatha Christie, e a notícia de jornal que servirá como modelagem para a redação dos alunos, trabalhada na Aula 2, passo 2 do 3º Momento (Leitura/Interpretação).

#### AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** Relembrar a notícia "Por herança, produtor rural é morto a mando de filha e genro" que se encontra no passo 2 da segunda aula, 3º Momento (Leitura/Interpretação). Se necessário, reler a notícia.

**Passo 2:** Identificar com os alunos as partes integrantes da notícia lida.

1. Manchete
2. Lide
3. Autor da notícia
4. Data de publicação
5. Suporte do texto
6. Corpo do texto
7. Subtítulos
8. Imagens
9. Legendas

**Passo 3:** Após identificadas as partes que compõem a notícia lida, o professor deverá pedir aos alunos que construam a sua própria notícia a partir da manchete abaixo:



**Após 10 dias de sumiço, Agatha Christie, escritora inglesa, do conto "A segunda batida do Gongo", foi encontrada em um hotel de luxo.**

**Obs.:** O aluno poderá terminar a escrita da notícia em classe na aula seguinte.

## AULA 2 - 50 MIN

---



**Passo 1:** Os alunos continuarão a escrita da notícia em sala de aula com a orientação do professor.

**Passo 2:** O professor recolherá as produções textuais para revisão e correção.

## AULA 3 - 50 MIN

---



**Passo 1:** O professor devolverá as produções textuais revistas e corrigidas aos alunos.

**Passo 2:** Os alunos deverão observar o que foi assinalado pelo professor na escrita de sua notícia e fazer a primeira reescrita do texto, em sala de aula, com orientação do professor. Após a primeira reescrita, os alunos devolvem o texto ao professor para uma revisão final.

## AULA 4 - 50 MIN

---



**Passo 1:** O professor entregará as reescritas revisadas aos alunos para que registrem o texto em uma folha A4 que também será dada pelo professor.

**Passo 2:** Após passarem seus textos para a folha A4, o professor recolherá as produções e fará uma exposição em algum mural que a escola possua, compartilhando essa atividade com toda a comunidade escolar.



### AULA 1 - 50 MIN

---



#### **Passo 1**

1. Resposta pessoal.

#### **Passo 2**

1. Agatha Christie.
2. Resposta pessoal.
3. A autora Agatha Christie não é uma autora nacional. É possível perceber através da grafia de seu nome, incomum para nomes em Língua Portuguesa.
4. Alternativa A - Narrativa de suspense.
5. Resposta pessoal. Edgar Allan Poe, Sidney Sheldon, Gilian Flynn.

### AULA 2 - 50 MIN

---



#### **Passo 1**

1. Alternativa A - Reino Unido, Big Ben, Londres.

# INTRODUÇÃO

AULA 1 - 50 MIN

---

## **Passo 1**

1. Conforme a análise da capa, infere-se que o livro possivelmente trata de temáticas como mistério, suspense e talvez até de detetives conforme observa-se através de uma pessoa caminhando pela neblina à noite.
2. A cor azulada presente na capa traz a sensação de frieza, medo do desconhecido e mistério.
3. O personagem principal deste livro é o detetive Hercule Poirot.
4. O gênero a ser trabalhado neste livro é o conto.
5. A orelha do livro é o local em que estão reunidas informações sobre o autor bem como características de sua escrita. Ela pode ou não possuir comentários de outros escritores/jornais/revistas sobre a obra. O segundo fato depende muito da editora na qual o livro fora produzido bem como o estilo de que aquele autor especificamente possui.
6. A sinopse de um livro contém informações essenciais à leitura e à compreensão prévia da obra. Pode conter trechos do livro, uma sequência de informações sobre a obra (de forma que não revele spoilers) ou até mesmo frases ditas por outros veículos de informação.

## **Passo 2:**

1. As sensações despertadas após ouvir a música são as de agonia, medo do desconhecido e angústia.
2. O filme em questão tem de semelhança com o conto a ser lido a presença de um aura de suspense, de agonia e de terror, ou seja, é uma boa forma de induzi-los ao clímax do conto.

# LEITURA/ INTERPRETAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN



## Passo 1

1. É um texto que prende a atenção do leitor e o deixa surpreso com as situações inesperadas que acontecem. Além disso, o texto de suspense provoca sustos e tensão, deixando quem está lendo inquieto e ansioso para resolver o mistério, solucionando-o ou desvendando os enigmas.
2. Resposta pessoal.
3. Resposta pessoal.

## Passo 2

Análise oral da imagem. Respostas possíveis:

1. Um quarto, um homem caído sobre uma cama com uma arma de fogo na mão e, aparentemente, com um ferimento na barriga possivelmente feito pela arma.
2. A arma na mão do homem, o vermelho sobre a camisa branca sugerindo sangue, a posição do corpo na cama que sugere que ele não está dormindo e, sim, caído.
3. Resposta pessoal.
4. Resposta pessoal.
5. Resposta pessoal.

## Passo 4

1. Porque o Sr. Lytcham Roche possuía algumas manias, como a pontualidade absoluta para a principal refeição do dia: o jantar. Ele levava tão a sério essa pontualidade que, aqueles que não estivessem na sala de jantar às oito e quinze, quando soasse a segunda batida do gongo, era "daquele momento em diante, excomungado – e Lytcham Close estaria fechada para sempre para o desventurado comensal." Esse é o motivo de a histeria coletiva ao ouvirem que o jantar atrasaria.
2. O fato de o Sr. Lytcham Roche atrasar para descer para o jantar, visto que era um homem extremamente pontual e nunca havia se atrasado antes. Além disso, o jantar, evento sagrado que era sempre servido às oito e quinze da noite, também estava atrasado, arruinando toda a tradição de Lytcham Close.
3. Resposta pessoal.



### Passo 1

1. Até esta etapa, tudo indica que ele se matou, pois a descrição que temos é a de uma pessoa que foi encontrada morta com uma pistola caída logo embaixo de onde sua mão direita pendia debilmente.
2. Resposta pessoal.

Acerca da investigação dos personagens:

- Joan Ashby, Harry Dalehouse e o mordomo Digby, estavam juntos no corredor conversando se aquela havia sido a primeira ou a segunda batida do gongo.
- O homem moreno, Geoffrey Keene, veio correndo de um lugar suspeito e não possui um álibi.

3. Joan Ashby, Harry Dalehouse e o mordomo Digby, pois estavam juntos no corredor conversando.

### Passo 3

1. Informar ao leitor sobre um acontecimento.
2. Na internet, mais especificamente no site de notícias da Globo, o G1.
3. Dayane Claudino Miranda Marco, filha do Paulo Sérgio de Freitas Miranda e o marido de Dayane, Tiago da Rosa Marcos.
4. O casal, Dayane e Tiago, estava com problemas financeiros e desejava receber a herança da família. Mandaram matar Paulo Sérgio de Freitas Miranda para que pudesse receber a herança mais rapidamente.
5. O homicídio aconteceu em Naviraí, distante a 342km de Campo Grande.
6. Dois pistoleiros que foram contratados pelo primo do genro da vítima.
7. O casal havia passado a noite do dia 22 para o dia 23 (dia do crime) na cidade de Itaquiraí, no interior de Mato Grosso do Sul.
8. Porque Dayane, ao chegar ao hospital, estava com um comportamento suspeito que fez a sua irmã ficar desconfiada; além disso, quando Tiago foi preso, Dayane ficou ao lado dele.



### Passo 2:

1. Para descobrir se a janela estava aberta ou fechada e também para saber se alguém havia entrado ou saído por ela, visto que havia pegadas no jardim, duas na direção da janela e duas em sentido contrário.
2. Poirot havia recebido uma carta do Sr. Lytcham Roche que dizia que ele tinha razões para acreditar que estava sendo fraudado em grandes somas de dinheiro e pedia a Poirot que viesse até sua casa investigar o caso para ele. Poirot acredita que o Sr. Lytcham

- Roche descobriu quem estava lhe roubando e foi morto por conta disso.
3. Resposta pessoal.
  4. Resposta pessoal.
  5. Resposta pessoal.

#### AULA 5 - 50 MIN

---



#### **Passo 2:**

1. Não é comprovado no conto, mas tudo indica que o Sr. Lytcham Roche suspeitou de Geoffrey Keene porque, como ele era secretário, tinha certas oportunidades, certo controle sobre as contas, o que facilitaria se ele roubasse grandes somas de dinheiro do Sr. Lytcham Roche.
2. Poirot não teria solucionado o mistério, pois ele não saberia que alguém encobriu as pegadas no canteiro. No momento que Diana diz que havia ido até o canteiro de flores colher uns ásteres para mesa, Poirot percebe que se ela havia colhido flores, deveria ter feito mais pegadas no canteiro e não apenas quatro. Consequentemente, alguém as havia encoberto.
3. "A vítima está sentada em sua escrivaninha, o assassino está ao seu lado, conversando. E ainda conversando, atira. Para onde vai a bala? - Ele fez uma pausa. - Atravessa a cabeça, atravessa a porta se estiver aberta e, então, atinge o gongo. "Ah! Os senhores começam a enxergar? Essa foi a primeira batida do gongo, que só foi ouvida pela *mademoiselle*, pois o seu quarto fica logo acima."
4. Que o Sr. Geoffrey Keene seria preso, pois após desvendarem o mistério por trás do assassinato, descobriram que foi ele quem matou o Sr. Lytcham Roche.

# 2

## "Venha ver o pôr-do-sol"

de Lygia Fagundes Telles

### Dados da aula



Público

alvo: Alunos do 1º ano do ensino médio.

Sequência

Didática:

Esta sequência didática se divide em 5 Momentos: Motivação, Introdução, Leitura, Interpretação e Produção de Texto.

Duração das  
atividades: 12 aulas.



## 1º MOMENTO



## MOTIVAÇÃO

A Motivação pode ser feita em 1 aula de 50 min. O objetivo desta aula é gerar a reflexão e a conscientização nos alunos acerca do tema feminicídio e também prepará-los para a leitura do conto "Venha ver o pôr-do-sol" de Lygia Fagundes Telles que é o foco central desta sequência didática.

AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá iniciar a aula entregando para cada aluno uma folha A4, com a letra da música *Saturday Night*, da banda norte-americana *Misfits*, impressa ou xerocada. De acordo com o modelo abaixo:

### Saturday Night

There's 52 ways to murder anyone  
One and two are the same  
And they both work as well  
I'm coming clean for Amy  
Julie doesn't scream as well  
And the cops won't listen all night  
And so maybe (maybe)  
I'll be over  
Just as soon as I fill them all in  
And I can remember when I saw her last  
We were running all around and having a blast  
(having a blast)  
But the back seat of the drive-in  
Is so lonely without you  
I know when you're home  
I was thinking about you  
There was something I forgot to say  
I was crying on Saturday night  
I was out cruising without you  
They were playing our song  
Crying on Saturday night  
As the moon becomes the night time  
You go viciously, quietly away  
I'm sitting in the bedroom  
Where we used to sit and smoke cigarettes  
Now I'm watching, watching you die  
I can remember when I saw her last  
We were running all around and having a blast  
But the back seat of the drive-in  
Is so lonely without you  
I know when you're home  
I was thinking about you  
There was something I forgot to say  
I was crying on Saturday night  
I was out cruising without you  
They were playing our song  
Crying on Saturday night

### Sábado à Noite

Existem 52 modos de assassinar qualquer pessoa  
Um ou dois são iguais  
E ambos funcionam igualmente bem  
Eu vou confessar tudo para Amy  
A Julie também não grita  
E os policiais não ouvirão a noite toda  
Então, talvez (talvez)  
Eu vou ter terminado  
Logo quando eu ensacar todas elas  
E eu posso me lembrar quando eu te vi pela última  
vez  
Nós estávamos correndo por aí e nos divertindo (nos  
divertindo)  
Mas o banco de trás do drive-in  
É tão solitário sem você  
Eu sei quando você está em casa  
Eu estava pensando em você  
Havia algo que eu esqueci de lhe dizer  
Eu estava chorando num sábado à noite  
Eu estava dirigindo por aí sem você  
Eles estavam tocando a nossa canção  
Chorando num sábado à noite  
Enquanto a Lua traz a noite  
Você vai maliciosamente, calmamente embora  
Estou sentado no quarto  
Onde nós costumávamos sentar e fumar cigarros  
E agora eu estou vendo, vendo você morrer  
E eu posso me lembrar quando eu te vi pela última  
vez  
Nós estávamos correndo por aí e nos divertindo  
Mas o banco de trás do drive in  
É tão solitário sem você  
Eu sei quando você está em casa  
Eu estava pensando em você  
Havia algo que eu esqueci de lhe dizer  
Eu estava chorando num sábado à noite  
Eu estava dirigindo por aí sem você  
Eles estavam tocando a nossa canção  
Chorando num sábado à noite



Fonte: <https://www.lettras.mus.br/misfits/26389/traducao.html>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Em seguida, o professor deverá colocar a música para reproduzir em uma caixinha de som ou no celular e pedir para os alunos ouvirem a música e acompanharem a tradução, com uma leitura silenciosa.

Ao término da música, o professor deverá levantar os seguintes questionamentos de forma oral:

1. *Misfits* é uma banda de punk rock que utiliza em suas músicas temas e imagens relacionadas a filmes de terror, mistério e suspense. Quais elementos desses gêneros foram possíveis de notar na letra dessa música?
2. A música fala sobre alguns assuntos bem importantes, um deles é o término de um relacionamento. O eu lírico aceitou bem este término? Comprove com passagens da letra da música.
3. A música inicia com o eu lírico falando sobre maneiras de assassinar uma pessoa, porém, ele cita apenas nomes de mulheres que ele matou ou pretende matar e complementa dizendo "logo quando eu ensacar todas elas". Há um nome para o crime que os homens cometem apenas contra as mulheres, seja motivado por violência doméstica ou discriminação de gênero. Qual o nome deste homicídio?
4. O eu lírico diz amar a mulher, divertir-se com ela e chorar quando não estão juntos. Então, por que a matou? Registre sua opinião.

**Passo 2:** Ao término da discussão sobre a letra da música, o professor compartilhará com os alunos, por meio do *datashow* ou de forma impressa a imagem abaixo:



Após a partilha da imagem, o professor deverá realizar algumas perguntas de inferência, de forma oral, sobre o texto motivacional, como por exemplo:

1. Qual a relação entre a música e a imagem?
2. Qual o tema abordado na imagem?
3. Essa imagem faz parte de uma campanha de combate ao feminicídio que possui imagens com mensagens e questionamentos muito importantes, como o direito de a mulher ir e vir em segurança; de ela poder sair sozinha; usar a roupa que quiser; dançar ao som da música que quiser; amar outra mulher, entre outras mensagens. De acordo com os exemplos mencionados, qual a mensagem e o questionamento que esta imagem está passando?

4. Infelizmente, na maioria das vezes, o homicida é alguém que faz ou já fez parte do convívio familiar ou afetivo da vítima, como podemos comprovar por meio do questionamento presente na imagem. Sendo assim, é possível dizermos que muitas das vezes é alguém que conhece a rotina daquela mulher e seus horários. Na música do *Misfits*, há uma passagem que também fala sobre isso. Qual passagem é essa?
5. De acordo com a Lei Maria da Penha, os abusos contra a mulher são classificados em cinco categorias: violência patrimonial, violência sexual, violência física, violência moral e violência psicológica. Em qual dessas categorias o abuso sofrido pelas mulheres da imagem e da música se encaixam? Justifique sua resposta.



Fonte: [http://www.lourivalserejo.com.br/paginas.php?id\\_post=200](http://www.lourivalserejo.com.br/paginas.php?id_post=200). Acesso em: 15 jul. 2022.

## 2º MOMENTO



## INTRODUÇÃO

A introdução se dá em 2 aulas de 50 minutos, cujo objetivo é conduzir o pensamento de cada aluno sobre quem é Lygia Fagundes Telles, apresentar aos discentes os elementos que estarão presentes na narrativa e um pouco das características do ambiente citado no texto.

AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deve começar a aula com algumas imagens sombrias de cemitérios, portões, catacumbas, xerocadas e coladas no quadro ou projetadas por meio do *datashow* caso a escola o tenha:



Fonte: <https://images.app.goo.gl/SojJ1NfqPnLL4Bp87>. Acesso em: 15 jul. 2022.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/tCd2bxHCQ8LAV4KV8>. Acesso em: 15 jul. 2022.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/QMWuP3iFNXsJmwar7>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Estes tipos de imagens geram aos alunos um conhecimento prévio sobre a temática morte, visto que os cemitérios, as árvores sem folhas e catacumbas são cenários deste ambiente sem vida. Após a apreciação, o docente deverá questionar os alunos sobre as imagens:

1. O que você vê nestas imagens?
2. As cores utilizadas remetem a quê? Um cenário frio e sombrio ou somente um ambiente à noite? Quais aspectos levam a essa conclusão?
3. Que sensações são despertadas em você por essas imagens?

Tendo em vista as discussões geradas, o docente deverá apresentar a autora do conto que será trabalhado, mas sem falar por enquanto o título da obra.

**Passo 2:** Para a realização desta etapa, cabe ao professor, por meio de folhas xerocadas ou pelo *datashow*, apresentar a biografia resumida de Lygia Fagundes Telles e acrescentar oralmente outras informações que achar necessário, a fim de que despertem nos discentes os conhecimentos sobre quem é a autora, já que seu conto é o foco central da aula.

No link ou QR code abaixo é possível encontrar mais informações sobre a autora:



<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/lygia-fagundes-telles.htm>

## Lygia Fagundes Telles



*Lygia Fagundes Telles nasce na cidade da garoa, São Paulo, no dia 19 de abril de 1923. Sua mãe, pianista, Maria do Rosário Silva Jardim de Moura e, seu pai, advogado e promotor, Durval de Azevedo Fagundes. Por causa da atividade do pai, a menina passou grande parte da infância e da adolescência em diferentes cidades do interior.*

*A paulistana era amiga dos escritores Carlos Drummond de Andrade e Érico Veríssimo. Provavelmente a convivência com dois grandes nomes da literatura brasileira tenha colaborado para que, desde cedo, Lygia tivesse muito interesse pelos escritos literários. Aos 15 anos, com a ajuda de seu pai, ela publica o seu primeiro livro de contos intitulado Porão e Sobrado.*

*Contudo, é a publicação do romance Ciranda de Pedra, em 1954, que eleva a jovem escritora, ao patamar da notoriedade do público e da crítica literária. Antonio Cândido, um dos grandes nomes da crítica literária no Brasil, identifica o amadurecimento da escritura literária da autora, a partir desse livro. Em 1958, o seu livro Histórias do Desencontro é agraciado com o Prêmio do Instituto Nacional do Livro.*

Fonte: <https://www.infoescola.com/escritores/lygia-fagundes-telles/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

**Passo 3:** Após a leitura da biografia, o professor iniciará uma discussão através das perguntas abaixo:

1. A autora Lygia Fagundes Telles faleceu em 2022. Vocês conhecem algum texto desta autora? Se sim, quais?
2. Lygia era muito amiga de dois autores importantes da literatura brasileira, Carlos Drummond de Andrade e Érico Veríssimo. Conheça também sobre esses autores nos links ou QR codes abaixo.



<https://www.todamateria.com.br/carlos-drummond-de-andrade/>  
<https://www.todamateria.com.br/erico-verissimo/>



**Observação:** Para essa questão, como sugestão, o professor pode pedir uma pesquisa a fim de que desperte interesse nos alunos para outras obras e autores.

3. Uma frase conhecida de Lygia Fagundes Telles é: "Sou como escritora, uma testemunha desse nosso tempo e dessa nossa sociedade." O que se pode esperar de suas obras a partir dessa declaração?

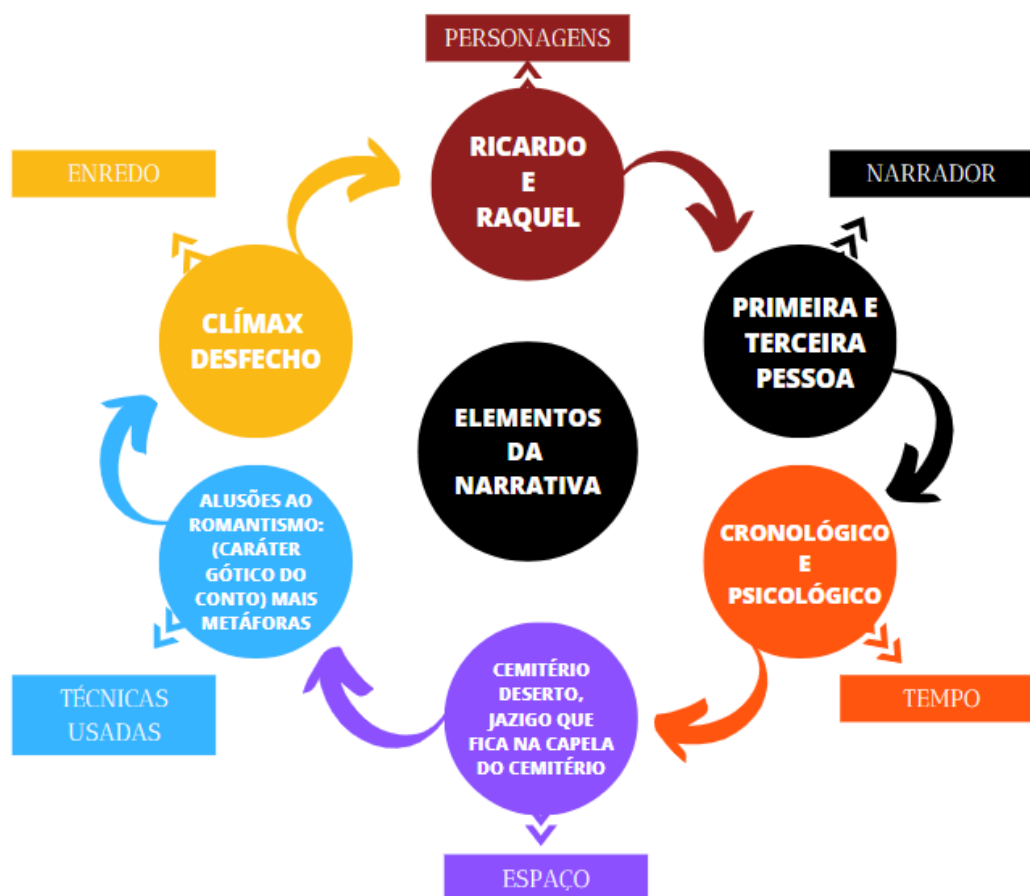
4. Assim como Drummond e Veríssimo, Lygia faz parte da 3ª Geração do Modernismo, considerada por muitos estudiosos como a última fase desse movimento literário, sendo a prosa o tipo de texto mais explorado entre os autores. A prosa modernista da terceira fase se divide em urbana, regionalista e intimista. Considerando estas afirmativas e a declaração feita pela autora (questão 3), em qual ou quais tipos de prosa as obras de Lygia poderiam se enquadrar?

Após estes questionamentos, o professor deve preparar o aluno para adentrar no conto a ser trabalhado: "Venha ver o pôr do sol".

AULA 2 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá entregar aos alunos, de forma impressa, o mapa mental a seguir e, a partir dele, discutir alguns elementos da narrativa, ativando conhecimentos prévios acerca do assunto e ampliando-os para que os alunos percebam esses mesmos elementos no conto que será lido "Venha ver o pôr-do-sol" de Lygia Fagundes Telles.



Fonte: <https://pt.slideshare.net/ma.no.el.ne.ves/anlise-de-venha-ver-o-pr-do-sol>. Acesso em: 15 jul. 2022. Adaptado.

**Passo 2:** Após discussão sobre os elementos da narrativa e anotações feitas no caderno de aula, o professor poderá dar sequência à leitura do conto.

## 3º MOMENTO



### LEITURA

A Leitura se divide em 2 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é o de realizar a leitura do conto "Venha ver o pôr do sol" da escritora Lygia Fagundes Telles. A estratégia de leitura utilizada será a de Pausa Protocolada.

#### AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O docente deverá apresentar o conto "Venha ver pôr-do-sol" fatiado em pausas, nas quais questões serão apresentadas aos alunos com o objetivo de levantar expectativas e inferências no decorrer da leitura. Isto poderá ser realizado, preferencialmente, através de *Power Point* ou, se não for possível, fazer xerox das partes do texto e distribuí-las aos alunos, na medida em que a leitura for sendo feita.

**Passo 2:** Dar início à leitura do conto, a partir do título seguido da primeira pausa protocolada.



### VENHA VER O PÔR-DO-SOL

#### PAUSA 1

**O que vocês pensam ao ler este título? Ele remete a que ideias? Como pensam que será o caráter dessa história tendo em vista a motivação estudada nas últimas aulas?**

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio das ruas em calçamento, cobertas aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

#### PAUSA 2

**Este ambiente remete a qual lugar? Será que ela encontrará alguém no caminho?**

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.

- Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

- Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele riu entre malicioso e ingênuo.

- Jamais? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância! Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?

- Foi para me dizer isso que você me fez subir até aqui? – perguntou ela, guardando as luvas na bolsa. Tirou um cigarro. - Hein?!

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

### PAUSA 3

**Com base na leitura até agora, o que vocês pensam que irá acontecer?**

- Ah, Raquel... - e ele tomou-a pelo braço. Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado... Juro que eu tinha que ver ainda uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume. Então? Fiz mal?

- Podia ter escolhido um outro lugar, não? - Abrandara a voz. - E que é isso aí? Um cemitério?

Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.

- Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo- acrescentou apontando as crianças na sua ciranda.

Ela tragou lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro.

- Ricardo e suas ideias. E agora? Qual o programa? Brandamente ele a tomou pela cintura.

- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr-do-sol mais lindo do mundo.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

### PAUSA 4

**Será que Ricardo é confiável? Que pistas do texto lhe ajudaram em sua dedução?**

Ela encarou-o um instante. E vergou a cabeça para trás numa risada.

- Ver o pôr-do-sol!... Ali, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr-do-sol num cemitério...

Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

- Raquel, minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura...

- E você acha que eu iria?

- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada... – disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento. – Você fez bem em vir.

- Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

- Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.

- Mas eu pago.

- Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver um passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico.

Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.

- Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero só ver se alguma das suas fabulosas ideias vai me consertar a vida.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

## PAUSA 5

**Ricardo e Raquel tiveram algum tipo de relacionamento? Quais as pistas que o texto ofereceu para vocês pensarem assim? Será que esse relacionamento era de alguma forma abusivo?**

- Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado – prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos gemeram. - Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.

- É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros.

- Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo.

O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito deter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos medalhões de retratos esmaltados.

- É imenso, hein? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, que deprimente - exclamou ela, atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada. – Vamos embora, Ricardo, chega.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

## PAUSA 6

### O que levaria Raquel a querer ir embora?

- Ali, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambiguidade. Estou-lhe dando um crepúsculo numa bandeja, e você se queixa.

- Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre.

Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

- Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo.

- É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

- Ele é tão rico assim?

- Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro...

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

## PAUSA 7

### O que levaria Ricardo a mudar repentinamente sua expressão facial?

- Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra? Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.

- Sabe, Ricardo, acho que você é mesmo meio tantã... Mas apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Quando penso, não entendo como aguentei tanto, imagine, um ano!

- É que você tinha lido *A Dama das Camélias*, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora? Que romance você está lendo agora?

- Nenhum – respondeu ela, franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: minha querida esposa, eternas saudades - leu em voz baixa. - Pois sim. Durou pouco essa eternidade.

Ele atirou o pedregulho num canteiro ressequido.

- Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja – disse apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda -, o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso.

Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

- Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim. - Deu-lhe um rápido beijo na face.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

## PAUSA 8

### Que sentimentos Raquel demonstra ter neste momento por Ricardo?

- Chega, Ricardo, quero ir embora.
- Mais alguns passos...
- Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! – Olhou para trás. - Nunca andei tanto, Ricardo, vou ficar exausta.
- A boa vida te deixou preguiçosa? Que feio - lamentou ele, impelindo-a para a frente. - Dobrando esta alameda, fica o jazigo da minha gente, é de lá que se vê o pôr-do-sol. Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.
- Sua prima também?
- Também. Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso agora que toda a beleza dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, como os seus.
- Vocês se amaram?

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

## PAUSA 9

### Ricardo teria tido um amor platônico pela prima? Explique sua resposta.

- Ela me amou. Foi a única criatura que... Fez um gesto. - Enfim, não tem importância. Raquel tirou-lhe o cigarro, trouxe e depois devolveu-o.
  - Eu gostei de você, Ricardo.
  - E eu te amei.. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?
- Um pássaro rompeu o cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu.
- Esfriou, não? Vamos embora.
  - Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos.
- Pararam diante de uma capelinha coberta: de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapos de um manto que alguém colocara sobre os ombros do Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra, descendo em caracol para a catacumba.
- Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naqueles restos da capelinha.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

Após respostas, o professor suspenderá a leitura para retomá-la na aula seguinte.

AULA 2 - 50 MIN

---



**Passo 1:** O professor deverá retomar a leitura das demais partes abaixo:

### PAUSA 10

**Essa parte do cemitério teria provocado que tipo de sentimentos em Raquel?**

- Que triste é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui?

Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu, melancólico.

- Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão. As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.

Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semiobscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

- E lá embaixo?

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

### PAUSA 11

**Será que Raquel acompanhará Ricardo? O que leva você a pensar isso?**

- Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó - murmurou ele. Abriu a portinhola e desceu a escada. Aproximou-se de uma gaveta no centro da parede, segurando firme na alça de bronze, como se fosse puxá-la. - A cômoda de pedra. Não é grandiosa?

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se mais para ver melhor.

- Todas essas gavetas estão cheias?

- Cheias?... Só as que têm o retrato e a inscrição, está vendo? Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe - prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado embutido no centro da gaveta.

Ela cruzou os braços. Falou baixinho, um ligeiro tremor na voz.

- Vamos, Ricardo, vamos.

- Você está com medo.

- Claro que não, estou é com frio. Suba e vamos embora, estou com frio!

Ele não respondeu. Adiantara-se até um dos gavetões na parede oposta e acendeu um fósforo. Inclinou-se para o medalhão frouxamente iluminado.

- A priminha Maria Emília. Lembro-me até do dia em que tirou esse retrato, duas semanas antes de morrer... Prendeu os cabelos com uma fita azul e veio se exhibir, estou bonita? Estou bonita?... - Falava agora consigo mesmo, doce e gravemente. - Não é que fosse bonita, mas os olhos... Venha ver, Raquel, é impressionante como tinha olhos iguais aos seus.

Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.

- Que frio faz aqui. E que escuro, não estou enxergando! Acendendo outro fósforo, ele ofereceu-o à companheira.

- Pegue, dá para ver muito bem... - Afastou-se para o lado. - Repare nos olhos.

- Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... - Antes da chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. - Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... - Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel. - Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos ! Seu menti...

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso – meio inocente, meio malicioso.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

## PAUSA 12

### **O que estaria por trás do sorriso malicioso de Ricardo?**

- Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso! Brincadeira mais cretina! - exclamou ela, subindo rapidamente a escada. - Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

- Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! - ordenou, torcendo o trinco. - Detesto este tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

## PAUSA 13

### **Ricardo estaria brincando com Raquel? Que pistas o texto trouxe que permite uma dedução?**

- Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr-do-sol mais belo do mundo.

Ela sacudia a portinhola.

- Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente! – Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaçou um sorriso. - Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

## PAUSA 14

### Qual a reação de Ricardo mediante o apelo de Raquel?

Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque.

- Boa noite, Raquel..

- Chega, Ricardo! Você vai me pagar!... - gritou ela, estendendo os braços por entre as grades, tentando agarrá-lo. - Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos! - exigiu, examinando a fechadura nova em folha.

- Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Esbugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorregando. - Não, não...

Voltado ainda para ela, ele chegara até a porta e abriu os braços. Foi puxando, as duas folhas escancaradas.

- Boa noite, meu anjo.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

## PAUSA 15

### O que Ricardo estaria pensando ao dizer "Boa noite, meu anjo" para Raquel?

Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se, entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.

- Não.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

## PAUSA 16

### O que Raquel compreendeu nesse momento?

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrecrocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano:

- NÃO!

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar mortiço. Ficou atento. Nenhum ouvido humano escutaria agora, qualquer chamado. - Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015, p. 33-44.

## INTERAGINDO COM O TEXTO



O momento Interagindo com o texto tem por objetivo proporcionar aos alunos, através de uma leitura dramatizada do conto "Venha ver o pôr-do-sol", de Lygia Fagundes Telles, a socialização entre eles, além de estimular a interpretação textual, o desenvolvimento da percepção estética e do senso crítico. Esse momento terá a duração de 3 aulas de 50 min. cada.

### AULA 1 - 50 MIN

---



**Passo 1:** Após a leitura do conto, o professor proporá aos discentes que um aluno se apresente para representar o narrador do conto, um aluno para ser Ricardo e um outro aluno para representar Raquel.

**Passo 2:** O professor dará aos alunos voluntários 20 minutos para se prepararem e apresentarem à turma a teatralização do conto, usando não só a oralidade, através dos diálogos e da narrativa, mas também as ações indicadas pelo texto.

**Passo 3:** Após a leitura dramatizada, os demais alunos se organizarão para recriarem em sala de aula um júri simulado. Juntos decidirão qual dos personagens será o réu e qual deles será a vítima. Para compor o júri, será necessário também que os alunos se dividam em Defesa e Acusação, Juiz e Jurados.

**Passo 4:** O professor pedirá aos alunos que encenarão o papel dos Advogados que preparem seus argumentos tanto para a defesa quanto para a acusação dos personagens escolhidos, como atividade extraclasse, e se apresentem na próxima aula. É importante que, mesmo sendo uma tarefa para casa, o professor possa orientar os alunos quanto às dúvidas ou sugestões para a defesa de seus argumentos. Para tanto, a criação de um grupo de trabalho no *WhatsApp* torna-se interessante nesse momento para a comunicação entre os envolvidos nesta tarefa. Uma observação relevante é que os alunos que compuserem a banca de jurados e o juiz não façam parte do grupo criado através da ferramenta *WhatsApp* para que, assim, se possa compôr um ambiente mais próximo possível de um ambiente jurídico.

### AULA 2 - 50 MIN

---



**Passo 1:** Nesta aula, o professor pedirá aos alunos que arrumem a sala, simulando um júri para a concretização da atividade pedida.

**Passo 2:** Assim que a sala estiver arrumada, cada aluno responsável por um dos papéis do Júri Simulado tomam seus lugares e revezam o turno de fala de acordo com as determinações do aluno que encenará o papel de juiz.

### AULA 3 - 50 MIN

---



**Passo 1:** Esta aula tem por objetivo, em uma roda de conversa, discutir a experiência vivida por todos os alunos durante os momentos da atividade Júri Simulado. Além disso, o professor poderá resgatar a temática desenvolvida em todas as atividades e passos até este momento, preparando os alunos para o 4º Momento, a Interpretação.

## 4º MOMENTO

### INTERPRETAÇÃO

Esse momento será dividido em Interpretação 1 e Interpretação 2 e se efetivarão em 3 aulas de 50 minutos.

### 1º INTERPRETAÇÃO

A Interpretação 1 se dividirá em 2 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é levar o aluno à compreensão do conto "Venha ver o pôr-do-sol", da escritora Lygia Fagundes Telles, aprofundando a leitura feita.

AULA 1 - 50 MIN

---



**Passo 1:** O professor pedirá aos alunos que anotem e respondam às questões abaixo em seus cadernos de aula.

1. O texto lido é uma narrativa. A que gênero ela pertence? Explique.
2. Vocês conhecem algum outro conto de suspense e de mistério? Compartilhem sua experiência de leitura com os colegas.
3. Atualmente, as mídias têm dado destaque a várias mulheres que passaram ou passam por abusos em seus relacionamentos, assim como aconteceu com Raquel, personagem do conto lido. Comentem algum caso de violência contra a mulher que vocês conheçam ou que tenha sido assunto de algum noticiário.

**Passo 2:** Após respondidas as questões, fazer a correção oral de cada uma delas.

AULA 2 - 50 MIN

---



**Passo 1:** O docente deverá entregar as seguintes questões em uma folha em branco para que os alunos possam discutir e registrar suas respostas em duplas.

1. Após a leitura do conto, escreva se as suas expectativas em relação ao final se concretizaram ou não e por quê.
2. Aponte características dos personagens Ricardo e Raquel completando o quadro abaixo:

RICARDO		RAQUEL	
CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS

3. As aulas anteriores trouxeram à discussão algumas temáticas muito presentes no dia de hoje. Em que medida podemos afirmar que o conto de Lygia Fagundes Telles, apesar de ter sido publicado em 1988, é ainda atual e pode ser associado à temática "violência contra a mulher"?
4. Leia o trecho a seguir e responda ao que se pede:

"O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos, medalhões de retratos esmaltados."

As descrições são sempre muito importantes em narrativas. De que maneira o trecho acima contribui para construir um clima de suspense e de mistério? Explique.

## 2º INTERPRETAÇÃO

A Interpretação 2 se fará em 1 aula de 50 min. O objetivo é que os alunos possam, com base nos paratextos a serem utilizados, consolidar seu aprendizado e relacionar a série *You* e o conto no viés da temática violência contra a mulher.

AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor proporá aos alunos que formem um círculo em sala de aula e entregará aos alunos o xerox da sinopse da série *You* para leitura e questões a serem respondidas oralmente.

1. Leia a informação abaixo.

*You* é uma série de TV norte-americana produzida originalmente para a *Netflix*. A história acompanha Joe, um gerente de livrarias que conhece uma aspirante a escritora e usa a internet e as mídias sociais como ferramentas para reunir as informações pessoais para se aproximar dela e também para fazer a mulher dos seus sonhos se apaixonar por ele.

A estranha paixão rapidamente se torna obsessão, ao mesmo tempo em que ele passa a eliminar silenciosa e estrategicamente todos os obstáculos – e pessoas – que aparecem no seu caminho. A série é baseada no livro de mesmo nome da autora Caroline Kepnes.

Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/you-2018>. Acesso em: 15 jul. 2022.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/717620521855051495/>. Acesso em: 1 jul. 2022.

2. Após a leitura da sinopse do seriado *You*, relacione o personagem Joe com o protagonista de "Venha ver o pôr-do-sol". Que características podem ser comparadas entre esses personagens?
3. O que é possível pensar como motivo principal para que Raquel não desconfiasse por quase todo o decorrer do conto das verdadeiras intenções de Ricardo?
4. O que torna um relacionamento abusivo?

## 5º MOMENTO



### PRODUÇÃO TEXTUAL

O objetivo da produção textual é que os alunos exercitem sua capacidade autoral em texto do gênero campanha publicitária em 1 aula.

AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá iniciar a aula apresentando para os alunos o cartaz abaixo. Em sequência, discutirá com eles onde os cartazes e as campanhas publicitárias são geralmente veiculadas, qual a sua finalidade, as características principais entre outras que achar viável sintetizar. Para isso, ele poderá utilizar o link ou QR code abaixo para nortear sua explicação:



<https://leadster.com.br/blog/campanha-publicitaria/>

**Passo 2:** Leia o cartaz abaixo:



Fonte:  
[https://marchavadiascampinas.milharal.org/files/2017/03/Cartaz-Feminicidio\\_Rua.jpg](https://marchavadiascampinas.milharal.org/files/2017/03/Cartaz-Feminicidio_Rua.jpg). Acesso em: 15 jul. 2022.

O professor fará algumas perguntas, oralmente, para os alunos:

1. O que é uma campanha publicitária?
2. Qual o objetivo das campanhas?
3. O que mais chamou a sua atenção no cartaz acima?
4. Quais são os elementos importantes que estão presentes nesse cartaz e que não podem faltar em uma campanha publicitária?
5. Qual o significado da palavra inglesa *slogan*?

6. Explique a importância do uso de imagens, desenhos ou fotos em um cartaz.
7. Além de imagens, desenhos ou fotos, um cartaz é composto também por outros elementos multimodais como cores, fonte para as letras e os espaçamentos. Explique a importância desses elementos na composição do gênero campanha publicitária.
8. Qual o público-alvo da campanha publicitária expressa no cartaz lido? Justifique com elementos do texto.

**Passo 3:** Após a compreensão dos gêneros cartaz e campanha publicitária, o professor dividirá a turma em grupos e pedirá para cada grupo criar um cartaz para uma campanha publicitária, tendo como tema "O Combate ao Femicídio".

**Passo 4:** Com os cartazes prontos, a sugestão é que eles sejam expostos nos espaços coletivos da escola.



AULA 1 - 50 MIN

**Passo 1**

1. Assassinato; ensacar corpos; gritos; polícia; noite e morte.
2. Não, pois o eu-lírico diz que é solitário estar no banco de trás do drive-in sem ela e que se lembra de como eles se divertiam juntos. Além disso, ele diz que chorou quando ouviu a canção dos dois e finaliza a música falando que está sentado no quarto vendo ela morrer, ou seja, tudo indica que ele não aceitou o término do relacionamento e matou a mulher, visto que ele inicia a canção falando sobre maneiras de assassinar alguém e também sobre ensacar corpos.
3. Femicídio.
4. Possível resposta: Porque a mulher terminou o relacionamento que havia entre os dois e ele não aceitou o término.

**Passo 2**

1. Ambas tratam da violência que ocorre contra a mulher, quando esta não está mais satisfeita em um relacionamento e decide terminar. Então, o homem não aceita bem e prefere matar a mulher a vê-la sendo feliz com outro. É aquela famosa frase machista: "Se não será minha, não será de mais ninguém."
  2. Combate ao feminicídio.
  3. "Me apaixonei por outra pessoa. Não te quero mais. Mereço ser morta?"
  4. "É tão solitário sem você"; "Eu sei quando você está em casa."
  5. Violência física e psicológica.
- Violência física: as mulheres são mortas, então a integridade ou saúde de seus corpos está sendo atingida.
  - Violência psicológica: a mulher se sente constantemente ameaçada, com medo, é vigiada e perseguida causando dano emocional e prejudicando a saúde mental.

# INTRODUÇÃO

AULA 1 - 50 MIN

---



## **Passo 1**

1. Resposta pessoal.
2. Remetem a um cenário frio e sombrio (O professor pode fazer uma discussão com a turma sobre isso).
3. Possível resposta: Nas imagens apresentadas podemos ver que a tonalidade da paleta de cor é fria, o que faz com que essa conclusão seja tomada. O uso do azul e o preto.
4. Resposta pessoal (O professor pode fazer uma discussão com a turma).
5. Resposta pessoal (O professor pode fazer uma discussão com a turma).

## **Passo 3**

1. Resposta pessoal (O professor pode fazer uma discussão com a turma).
2. Pesquisa a ser realizada (A critério do professor).
3. Resposta pessoal.
4. Prosa urbana.



### Passo 2

**Pausa 1-** O título remete a uma história de mistério, pois "Venha ver o pôr-do-sol" pode ser tanto um conto sobre a admiração ao pôr do sol quanto um conto de terror, dependendo da interpretação do aluno.

**Pausa 2-** O ambiente descrito remete a um lugar isolado, sem proximidade com quase nenhuma civilização. De acordo com a descrição, é provável que a personagem encontre alguém ou esteja apenas passeando.

**Pausa 3-** Com base na leitura, pensa-se que irá ocorrer um diálogo entre Raquel e Ricardo, provavelmente um que talvez possa revelar as verdadeiras intenções dele ou uma conversa sobre o passado de ambos.

**Pausa 4-** Ricardo não é confiável pelo jeito como se comporta perto de Raquel de forma maliciosa e ardilosas. Suas falas, a exemplo de: "Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo- acrescentou apontando as crianças na sua ciranda."

**Pausa 5-** Sim. Pelos diálogos dos dois infere-se que eles tiveram um relacionamento amoroso no passado. Na frase dita por Raquel "Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero só ver se alguma das suas fabulosas ideias vai consertar a vida." Pode-se pensar que talvez o relacionamento entre os dois era abusivo, mas nesse trecho não há nenhuma evidência que nos comprove.

**Pausa 6-** A personagem poderia querer ir embora devido à sua aversão por cemitérios e possivelmente porque começasse a desconfiar do comportamento de Ricardo. Mas provavelmente pela aversão por cemitérios. Como pode ser comprovado nesta frase "É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros."

**Pausa 7-** Ricardo muda sua expressão facial devido ao ciúme que sente da ex-namorada com outro homem que a faz feliz, como ele nunca pôde ou nunca conseguiu fazer.

Como pode ser comprovado no seguinte trecho.

"Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram."

**Pausa 8-** Ela demonstra ter extrema confiança e até mesmo um resquício de afeição por ele, pois foi ao cemitério encontrá-lo, mesmo depois das entrelinhas percebidas sobre o passado do ex-casal, como pode ser percebido no fragmento que se segue:

"- Sabe, Ricardo, acho que você é mesmo meio tantã... Mas apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Quando penso, não entendo como aguentei tanto, imagine, um ano!

Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

- Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim. -Deu-lhe um rápido beijo na face."

**Pausa 9-** Sim. Isso se comprova no trecho:

- "[...] Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas."

---

## AULA 2 - 50 MIN



**Pausa 10-** O mausoleu provoca em Raquel os sentimentos de repulsa e nojo, como se comprova na sentença: "Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naqueles restos da capelinha."

**Pausa 11-** Possivelmente sim, como pode ser percebido neste trecho. Raquel exprime sentimento de curiosidade e interesse em descobrir o que estava além das enferrujadas barras de ferro da portinhola. "Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semiobscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

- E lá embaixo?"

**Pausa 12-** O sorriso malicioso de Ricardo ocultava a sua verdadeira intenção de levá-la ao cemitério. Não era um simples encontro de despedida, como pode ser comprovado no trecho: "Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso— meio inocente, meio malicioso."

**Pausa 13-** Sim, na sentença a seguir se comprova esse fato: "Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás."

**Pausa 14-** Silêncio absoluto.

**Pausa 15-** Provavelmente ele estaria se despedindo dela para sempre, pois usou "boa noite" e "meu anjo" referindo-se a ela de uma forma resquiciosamente carinhosa e irônica, visto que Raquel era vista por ele como uma mulher inocente, deveras angelical.

**Pausa 16-** Provavelmente Raquel percebeu que Ricardo não estava de brincadeira e que a deixaria ali, de verdade, trancafiada.

# INTERPRETAÇÃO

## 1º INTERPRETAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN

---



### Passo 1

1. O conto lido pertence ao gênero suspense/mistério. É uma narrativa relativamente curta, pois há apenas dois personagens interagindo na história que se passa em apenas um ambiente. O tom de mistério e suspense está na maneira como são feitas as descrições do ambiente e também no comportamento do personagem Ricardo que, em um dado momento, se mostra dissimulado, fazendo com que o leitor suspeite de suas intenções. Também a ingenuidade da personagem Raquel que se deixa envolver por Ricardo.
2. Resposta pessoal.
3. Resposta pessoal.

AULA 2 - 50 MIN

---



### Passo 1

1. Resposta pessoal.
2. Ricardo - Características físicas: é alto, magro, usa blusão azul-marinho, cabelos compridos e desalinhados, aparenta ser jovem. Características psicológicas: malicioso, dissimulado.
3. Raquel - Características físicas: jovem, bonita, elegante, perfumada, usa luvas e uma bolsa, faz uso de cigarros. Características psicológicas: parece ser ingênua e acreditar em Ricardo.
3. Hoje em dia ainda é comum casos de violência contra a mulher. Assim como no conto, é possível ter conhecimento de casos em que o homem não aceita o fim de um relacionamento e, a partir daí, torna a vida da mulher insustentável através de ameaças físicas e psicológicas, podendo chegar às vias de fato, ou seja, ao feminicídio.
4. O trecho faz uma descrição minuciosa do espaço. Essa descrição faz com que o leitor imagine cada elemento da cena e cada passo dado pelos personagens, causando no leitor sensações como medo, angústia e até mesmo curiosidade em saber como termina toda a história, levando-o a momentos de tensão.

## 2º INTERPRETAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN

---



### Passo 1

1. Leitura.
2. Assim como Ricardo, Joe é um homem que possui traços psicopatas, ou seja, ambos possuem a vontade de matar outras pessoas sem apresentar nenhuma emoção. Joe e Ricardo não aceitam que suas namoradas tenham outro relacionamento que não seja com eles, o que revela traços de ciúme e de posse. Por último, possuem aquele lema " se não for comigo, não será com ninguém", pois ambos assassinam as namoradas no fim da trama.
3. Raquel não desconfiou das intenções de Ricardo pelo fato de eles já terem sido namorados, ou seja, ela o conhecia e não imaginava que seu antigo namorado pudesse fazer o que fez.
4. Um relacionamento abusivo é aquele em que um dos sujeitos envolvidos se sobrepõe ao outro através de atitudes que chegam a anular a individualidade de quem está sofrendo o abuso. Essas atitudes acontecem de forma paulatina, nem sempre quem sofre o abuso percebe. São falas depreciativas, comentários que subjagam, "cuidados" que, na verdade, revelam um ciúme exagerado etc.

# PRODUÇÃO TEXTUAL

AULA 1 - 50 MIN



## Passo 2

1. As campanhas publicitárias são um conjunto de ações e recursos de *marketing* e publicidade que estabelecem uma interação com o receptor da mensagem; por meio delas se comunica algo a alguém; convence-se alguém a adquirir algum produto ou até mesmo gera uma conscientização, como a promoção de apoio a iniciativas de solidariedade e de promoção à vida.
2. O objetivo das campanhas publicitárias é informar o público sobre uma ideia, uma conscientização, uma marca, serviço ou um produto.
3. Resposta pessoal.
4. O *slogan*, a imagem, o texto e a autoria.
5. Slogan é uma frase, geralmente de efeito, que se liga a uma marca ou produto para representá-lo diante do leitor/consumidor.
6. As imagens e fotos em um cartaz corroboram a mensagem que se quer passar e chama a atenção para a leitura.
7. Os elementos multimodais ajudam o leitor a compreender melhor a mensagem que está sendo transmitida além de tornar o texto mais interessante.
8. O público alvo desta campanha é a mulher. Uma forma de a mulher se proteger quando sai para se divertir é ligar para o número 180 que se encontra no cartaz. Além disso, a figura de uma mulher jovem no centro do cartaz indica o público que se quer atingir.

# "O gato preto"

de Edgar Allan Poe

## Dados da aula



Público

alvo:

Alunos do 1º ano do ensino médio.

Sequência

Didática:

Esta sequência didática se divide em 5 Momentos: Motivação, Introdução, Leitura, Interpretação e Produção de Texto.

Duração das

atividades:

22 aulas.



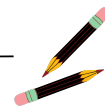
## 1º MOMENTO



## MOTIVAÇÃO

A Motivação se divide em 6 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é fazer com que os discentes conheçam o autor Edgar Allan Poe e sejam introduzidos à temática do conto "O Gato Preto" que é o foco desta sequência didática.

### AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O docente deverá iniciar a aula com o exercício abaixo:

1. Você conhece contos de mistério? Marque como verdadeiras as assertivas que caracterizam os contos de mistério e como falsas as alternativas que não os caracterizam.
  - a. Contos densos que procuram despertar sensações de medo, de terror e de angústia no leitor.
  - b. Narração de fatos inexplicáveis: o desconhecido que atenta contra a vida ou contra a sanidade do protagonista.
  - c. A hesitação do personagem ou a incredulidade dele ajudam a compor o clima de suspense e de mistério.
  - d. Contos de leitura leves que não despertam sensações no leitor.
  - e. O narrador em primeira pessoa é comum e pode dar um tom confessional à história.
  - f. Em um conto de mistério, o suspense não é uma característica importante.
  - g. A descrição do ambiente em um conto de mistério é superficial e dispensável na narrativa.
  - h. Quem narra a história pode também se perguntar se o fato está acontecendo realmente, duvidar de seu próprio raciocínio.
  - i. As descrições do ambiente ajudam a despertar o medo latente na alma do leitor, daí a recorrência de casas abandonadas, cemitérios e outros cenários parecidos.

**Passo 2:** A partir das alternativas verdadeiras presentes no exercício anterior, sistematize o conceito de conto de mistério em forma de verbete de dicionário, conforme o modelo abaixo adaptado.

Modelo de verbete de dicionário:

**romance (s. m)**  
[ro.man.ce]  
1.  
LITERATURA gênero narrativo ficcional em prosa, mais longo que a novela e o conto, em que os personagens são apresentadas com maior densidade psicológica, e o tempo e o espaço são categorias mais elaboradas  
2.  
LITERATURA poema de versos simples e curtos, de assunto comovedor e próprio para ser cantado; rímance  
3.  
relacionamento amoroso; caso  
4.  
figurado fantasia; fábula; invenção

Adaptado de <https://www.meudicionario.org/romance>

Fonte:  
<https://www.meudicionario.org/romance>.  
Acesso em: 7 ago. 2022.

**Passo 3:** Utilizando a ferramenta *Power Point*, o professor deverá apresentar a pintura feita pelo artista Giovanni Boldini (Itália, 1842 – França, 1931) intitulada "Moça com Gato Preto". Caso a escola não possua *datashow* para reproduzir a obra, o professor deverá compartilhar a pintura com os alunos através do xerox.



**Passo 4:** Em seguida, o professor fará as seguintes perguntas oralmente:

1. O quadro de Boldini traz a imagem de uma moça com um gato preto no colo. Há pessoas que são supersticiosas, o que você sabe sobre superstições relacionadas a gatos pretos?
2. Ainda sobre superstição, responda:
  - a. Você tem alguma superstição? Comente.
  - b. Perceba que na pintura de Boldini a moça está à vontade com o gato preto no colo. E você, como se sente diante de um gato preto? Justifique sua resposta.
3. Uma característica de Boldini é o tom sofisticado de suas pinturas. Além disso, retratos de mulheres são temas recorrentes em sua obra como podemos confirmar na imagem acima. Diante destas afirmativas, descreva o quadro de forma a comprovar estas afirmações.

AULA 2 - 50 MIN

---



**Passo 1:** A partir das respostas dos alunos acerca das questões acima, o professor contextualizará historicamente as superstições sobre gatos pretos a partir da matéria jornalística "Por que o gato preto é considerado como mau agouro?".

"A superstição teve origem na Idade Média, quando se acreditava que os felinos, devido a seus hábitos noturnos, tinham parte com o demônio - e se o bichano era da cor negra, habitualmente associada às trevas, pior ainda para ele. Assim, o gato preto na Idade Média foi associado à figura da feiticeira. Historicamente, o Papa Inocêncio VIII chegou a incluir o animal em sua lista de perseguidos pela Inquisição, uma campanha que tinha como objetivo assassinar pessoas que fossem consideradas bruxas ou hereges pela Igreja Católica. Há ainda uma história de uma mulher que abrigou um gato preto e depois apareceu machucada, o que faz com que as pessoas acreditassem que ela era uma bruxa e, o gato, seu disfarce. Foi uma tentativa de a Igreja Católica inverter uma tradição milenar, pois os gatos no Egito Antigo eram reverenciados como divindades".

Fonte: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-o-gato-preto-e-considerado-mau-agouro/>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

Vamos refletir:

1. A que hábitos noturnos o trecho da matéria jornalística se refere? Comente.
2. Todos os gatos, segundo a matéria, eram considerados como animais que "tinham parte com o demônio". Em sua opinião, por que para o gato preto essa associação com as trevas foi mais intensa? Justifique.
3. Hoje em dia, o gato preto ainda é considerado um mau agouro. Como você explicaria a permanência dessa superstição ao longo do tempo?
4. Os gatos já foram considerados como divinos no Antigo Egito. Eram tratados como deuses e, para eles, construíam altares e prestavam até reverências. Como você vê, atualmente, o tratamento que se dá aos felinos, principalmente àqueles chamados de "gatos de rua"?
5. Se você fosse um gato e pudesse se expressar através das palavras, qual recado você daria para conscientizar os humanos de que você merece respeito e cuidados como todos os outros animais? Escreva um pequeno texto de, no máximo 10 linhas, defendendo-se. Compartilhe seu texto com os colegas.

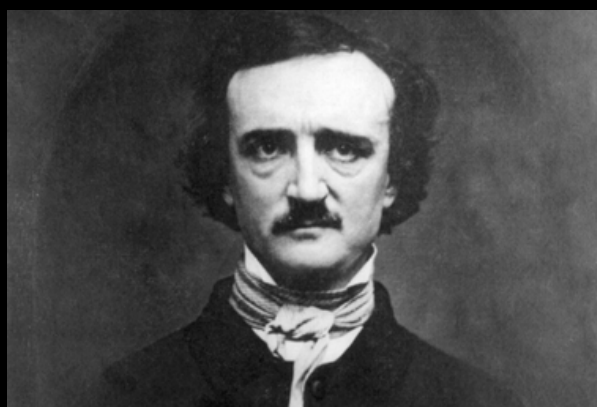
AULA 3 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá apresentar as imagens abaixo em *Power Point* ou fotocópia para os alunos sem revelar a identidade da pessoa retratada (Edgar Allan Poe, também conhecido como "Mestre do Mistério"). Deverá conduzir o olhar dos alunos a partir de perguntas que os levem a observar semelhanças e diferenças entre as fotografias (a segunda imagem é uma releitura da primeira, na qual se destaca a presença de dois elementos que remetem à temática de terror e de mistério: um corvo e um gato preto, personagens recorrentes nas obras do autor).

Sugestão de perguntas:

1. As imagens abaixo se referem à mesma pessoa, porém a forma de retratá-la mostra algumas diferenças. O que há de diferente nas fotos?
2. Qual o efeito de sentido que se obtém com o acréscimo de um corvo e de um gato na imagem 2? Explique.
3. Que relação entre a pessoa retratada e os animais acrescentados na segunda imagem podemos construir?



Fonte: <https://darkside.blog.br/7-curiosidades-sobre-edgar-allan-poe/>. Acesso em: 7 ago. 2022.



Fonte: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/escritores-como-personagens-3-edgar-allan-poe-o-insuspeito-de-cj-oliveira-354172/>. Acesso em: 7 ago. 2022.



**Passo 1:** Para compor a biografia do autor Edgar Allan Poe, o professor deverá propor aos alunos a atividade abaixo:

1. Com a turma dividida em grupos, o professor entregará um envelope para cada grupo contendo trechos da biografia de Edgar Allan Poe.
2. Cada grupo organizará os fragmentos recebidos para formar um texto completo, reescrevendo-os de forma coerente e coesa.

Com os textos organizados e reescritos pelos grupos, o professor pedirá que os compartilhem através da leitura oral.

O enigmático olhar de Edgar Allan Poe parece habitar todas as suas obras. Nascido em Boston, no dia 19 de janeiro de 1809, Poe viveu em um família de atores, perdeu sua mãe com apenas 3 anos, foi adotado por um casal de Richmond, e, ao longo da vida, escreveu inúmeros contos e poesias tornando-se um dos maiores nomes da literatura gótica.

Com a morte de sua mãe, vítima de tuberculose, e o abandono do pai, Poe foi criado pelo casal John e Frances Allan antes dos 3 anos de idade, mas sua educação foi cercada de rigidez pela nova família. Após o episódio, o pequeno Edgar Poe, passou a se chamar Edgar Allan Poe.

Graças à família, Poe pôde estudar na Europa e tentar uma carreira acadêmica. Apesar de pertencer à família Allan, o autor terminou sem herança ou vínculo amoroso com seus pais adotivos.

POE NUNCA FOI ADOTADO OFICIALMENTE

POE FOI CASADO COM A PRIMA VIRGINIA CLEMM

Algo considerado comum à época em que viveu, Poe se casou aos 27 anos com sua prima Virginia Clemm, de 13, em 1835. Ela morreu aos 24 anos, vítima de tuberculose, mesma doença que matou sua mãe, Eliza Poe.

OS ASSASSINATOS DA RUA MORGUE É A PRIMEIRA HISTÓRIA MODERNA DE DETETIVES

BIOGRAFIA

Antes mesmo de Sherlock Holmes e Hercule Poirot, Poe escreveu a primeira história moderna de detetives. Os Assassinatos da Rua Morgue e o Mistério de Marie Roget marcam a criação do estilo detetive literário que foi amplamente explorado na literatura. A primeira aparição do detetive Auguste Dupin, criado por Poe, foi em 1841.

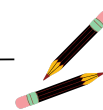
Em seu clássico retrato, Poe aparece com olhos complacentes e, ao mesmo tempo, entristecidos, como se quisesse que seus leitores, ao se depararem com a profundidade de suas histórias e poesias perfeitamente amarradas, adivinhassem o que se passava em sua mente perturbada e sombria naquele momento.



**Passo 1:** O professor pedirá aos grupos que juntem suas partes constituindo um único texto biográfico.

**Passo 2:** Após a junção dos trechos de cada grupo, o professor fará a correção para última reescrita. Interessante fazer a correção em sala de aula com os alunos, levando-os a perceber os elementos que tornam um texto coeso e coerente.

**Sugestão:** Criar um mural para a biografia do autor em sala de aula em que o professor e os alunos poderão apresentar algumas curiosidades sobre Edgar Allan Poe.



**Passo 1:** A aula 6 deverá começar a partir da exibição e leitura da notícia jornalística abaixo:

Apesar de ser um problema que se estende por todo o ano, em datas como a sexta-feira 13 e o Halloween, os gatos pretos são alvo de maus-tratos, pois há a associação desses felinos ao azar e a superstições que se tornam cruéis para suas vidas.

LEIA TAMBÉM:

### Sexta-feira 13 e gatos pretos: animais correm perigo por superstição

*Halloween* exige atenção aos gatos pretos ainda vítimas de maus-tratos nessa época do ano.

Segundo dados da ONG brasileira *Catland*, especializada no resgate e adoção de gatos, dos 300 animais atualmente que estão à espera de um lar, cerca de 60% têm o pelo na cor escura.

"Vem ninhadas de todas as cores, os outros são adotados e eles encalham. Já ouvi histórias de pessoas que não adotam por não sair bem em foto, por conta de os pelos pretos serem mais vistos pela casa", conta Perla Poltronieri, fundadora e presidente da ONG.

Ela diz que é nítido o preconceito por conta da cor do gato e há quem acredite em boatos como, por exemplo, que eles seriam mais suscetíveis à transmissão de doenças.

Além disso, Perla chama atenção para a necessidade de mudar esses pensamentos para garantir a segurança dos animais. "Azar vem de escolhas ruins e não de um gato que cruza na sua frente".

"Um gato preto pode sim trazer amor, alegria, cumplicidade e lealdade para sua vida", completa. Para ela, a informação é a saída para desvincular o animal dessas crendices.

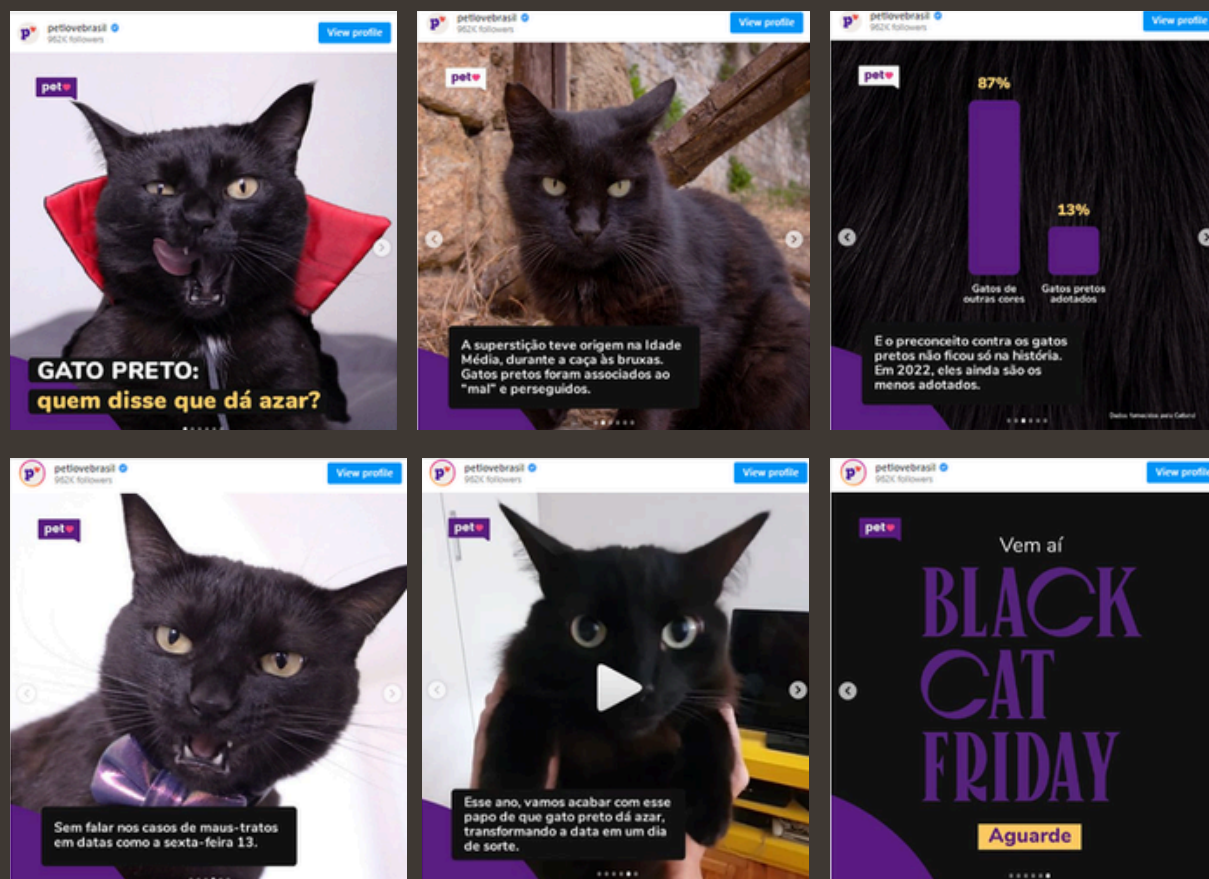
### Combate à desinformação

Para tentar incentivar a adoção e acabar com a desinformação em relação aos felinos pretos, a *Petlove* iniciou uma campanha chamada *Black Cat Friday*.

gatos pretos sofrem principalmente em datas ligadas ao mau agouro, como a sexta-feira 13", comenta Filipe Botton, *head* de marca e comunicação da *Petlove*.

Sempre que houver uma sexta-feira 13, a empresa vai oferecer 50% de desconto em produtos para os felinos nessa data e 100% de desconto na primeira mensalidade do plano de saúde.

Além disso, nas redes sociais, a campanha irá desmitificar a conotação negativa associada aos animais por meio de curiosidades.



Fonte: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,gatos-pretos-sexta-feira-13,70004064656>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

**Passo 2:** O professor entregará aos alunos ou passará na lousa o exercício abaixo para ser respondido no caderno de aula.

1. De acordo com as notícias jornalísticas, com a pintura e com a biografia, marque Verdadeiro ou Falso e reescreva as alternativas falsas de modo a torná-las verdadeiras.

- ( ) "Uma mulher que não abrigou um gato preto e depois apareceu machucada, o que fez com que as pessoas acreditassem que ela era uma bruxa e, o gato, seu disfarce."
- ( ) "Para tentar não incentivar a adoção e acabar com a desinformação em relação aos felinos pretos, a *Petlove* iniciou uma campanha chamada *Black Cat Friday*."
- ( ) "Sempre que houver uma sexta-feira 13, a empresa vai oferecer 50% de desconto em produtos para os felinos nessa data e 100% de desconto na primeira mensalidade do plano de saúde."

# ALÉM DA SALA DE AULA



Leia mais contos de Edgar Allan Poe

Algumas sugestões são:



"A Queda da Casa de Usher" (The Fall of the House of Usher, 1839)

"A Máscara da Morte Rubra" (The Masque of the Red Death, 1842)

"O Retrato Ovalado" (The Oval Portrait, 1842)



Acesse pelo link ou pelo QR code:

<https://redeblast.com/post/top-literario-10-contos-do-edgar-allan-poe-que-voce-precisa-conhecer>



Leia um pouco sobre a Campanha de conscientização sobre adoção de gatos pretos realizada por *Pet Love Brasil* em 2022.



Acesse pelo link ou pelo QR code:

<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,gatos-pretos-sexta-feira-13,70004064656>



Para saber sobre Giovanni Boldini, pintor de "Moça com Gato Preto", visite o site pelo link ou pelo QR code:



<https://www.giovanniboldini.org/>

## 2º MOMENTO



### INTRODUÇÃO

A Introdução se divide em 2 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é preparar os alunos para a leitura do conto "O Gato Preto" de Edgar Allan Poe que é o foco central desta sequência didática.

#### AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá iniciar a aula entregando, de forma impressa ou projetando no *datashow*, a biografia e a curiosidade que seguem abaixo:



Fonte: <https://anticariatlogos.ro/wp-content/uploads/2021/01/poe.jpg>. Acesso em: 7 ago. 2022.

### Edgar Allan Poe



Edgar Allan Poe (1809-1849) foi um poeta, escritor, crítico literário e editor norte-americano. Autor do famoso poema "O Corvo" (1845) e do conto "O Gato Preto" (1843). Escreveu contos sobre mistério, inaugurando um novo gênero e estilo na literatura. Até os dias de hoje não se sabe ao certo qual foi a razão de sua morte. Segundo relatos de biógrafos, ele agonizou durante 4 dias até morrer.

Allan Poe deixou poemas, contos, romance com temas de mistério e de horror. Muitas de suas obras exploram a temática do sofrimento causado pela morte. O poeta acreditava que nada seria mais romântico que um poema sobre a morte de uma mulher bonita.

É considerado o criador do conto policial, seus poemas mergulham na tristeza e as narrativas em temas de morte, que refletiam os tormentos do autor. Por outro lado, possuía grande capacidade analítica sendo considerado o pai das modernas histórias de detetive. Sua primeira novela policial foi *Assassinatos na Rua Morgue* (1841).

Suas obras foram um marco para a literatura norte-americana contemporânea, com destaque para *Contos do Grotesco e Arabesco* (1837), contos que influenciaram diversas gerações de escritores de livros de suspense e terror.

Fonte: [https://www.ebiografia.com/edgar\\_allan\\_poe/#:~:text=Edgar%20Allan%20Poe%20\(1809-1849,19%20de%20janeiro%20de%201809](https://www.ebiografia.com/edgar_allan_poe/#:~:text=Edgar%20Allan%20Poe%20(1809-1849,19%20de%20janeiro%20de%201809). Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

## CURIOSIDADE EXISTE UM MUSEU SOBRE POE EM RICHMOND



Em Richmond, no Estado da Virgínia, há um museu inteiramente dedicado à vida e à obra do mestre. Idealizado por James Howard Whitty e um grupo de pesquisadores das obras de Poe, o Museu de Poe tem vários gatinhos pretos soltos pelo local que ajudam a compor a atmosfera sombria de Poe e, claro, encantam os visitantes.

Fonte: <https://darkside.blog.br/7-curiosidades-sobre-edgar-allan-poe/>. Acesso em: 7 ago. 2022.

**Passo 2:** Após a leitura, o professor deverá apresentar para os alunos, em formato de xerox ou projetado no *datashow*, as imagens abaixo. A imagem 1 é referente a uma campanha de prevenção a maus tratos contra os animais, especificamente, o gato preto. A imagem 2 é uma ilustração do conto "O Gato Preto" de Edgar Allan Poe. Contudo, seria interessante que o professor não compartilhasse com os alunos essas informações sobre as imagens.

### Sexta-feira 13

PROTEJA  
SEU GATINHO!

A IGNORÂNCIA  
AINDA EXISTE.



Fonte: <https://darkside.blog.br/7-curiosidades-sobre-edgar-allan-poe/>. Acesso em: 7 ago. 2022.

Fonte: <https://www.duofox.com.br/o-gato-preto-mitologia-e-misticismo-na-obra-de-edgar-allan-poe/>. Acesso em: 7 ago. 2022.

Após os alunos analisarem as imagens acima, o professor deverá realizar as seguintes perguntas oralmente:

1. Qual o intuito da imagem 1?
2. Popularmente, a sexta-feira 13 não é bem-vista pela sociedade, por quê?
3. Qual a ligação entre um gato preto e uma sexta-feira 13?
4. Como a nossa cultura ocidental lida com a figura de um gato preto?
5. Em algumas culturas, o gato preto é um animal venerado, pois é visto como um sinal de extrema sorte. Já em outras, é tido como um símbolo de grande azar. Analisando a imagem 2, o gato preto está parecendo ser mais um símbolo de sorte ou azar? Justifique sua resposta com elementos presentes na imagem.
6. Quais emoções são ativadas a partir da imagem 2?
7. Há semelhanças e diferenças entre a imagem 1 e 2. Quais são essas semelhanças e diferenças?

## AULA 2 - 50 MIN

---



**Passo 1:** Após a análise oral acerca das imagens da aula 1 acima, o professor deverá pedir aos alunos para criarem, por escrito, uma teoria que explique o porquê de o gato da imagem 2 ter apenas um olho.

**Passo 2:** Ao término da atividade de escrita, o professor deverá pedir aos alunos para lerem suas teorias. Após terminarem, o professor poderá dizer que a imagem 2 é uma ilustração de um conto que será trabalhado nas próximas aulas. Nesta etapa, não é interessante o professor falar o nome do conto ou do autor para que os alunos não pesquisem em casa.

**Passo 3:** O professor poderá finalizar a aula instigando a curiosidade dos alunos, por meio do seguinte questionamento: será que alguém acertou o motivo de o gato preto ter apenas um olho? Vamos descobrir nas próximas aulas.

## 3º MOMENTO



### LEITURA

A Leitura se divide em 8 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é realizar a leitura do conto de Edgar Allan Poe usando o texto de forma compartimentada para aprofundá-lo.

#### AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor iniciará a aula reproduzindo o áudio abaixo do início até os 3 min e 30 seg. Após ouvirem o áudio, os alunos receberão o texto reproduzido em xerox e responderão às perguntas que seguem no passo 2:



Link ou QR code de acesso ao áudio:  
<https://www.youtube.com/watch?v=N97Zq4ormFQ>



### TRECHO 1

#### O GATO PRETO

Não espero nem solicito o crédito do leitor para a tão extraordinária e, no entanto, tão familiar história que vou contar. Louco seria esperá-lo, num caso cuja evidência até os meus próprios sentidos se recusam a aceitar. No entanto não estou louco, e com toda a certeza que não estou a sonhar. Mas porque posso morrer amanhã, quero aliviar hoje o meu espírito. O meu fim imediato é mostrar ao mundo, simples, sucintamente e sem comentários, uma série de meros acontecimentos domésticos. Nas suas consequências, estes acontecimentos aterrorizaram-me, torturaram-me, destruíram-me. No entanto, não procurarei esclarecê-los. O sentimento que em mim despertaram foi quase exclusivamente o de terror; a muitos outros parecerão menos terríveis do que extravagantes. Mais tarde, será possível que se encontre uma inteligência qualquer que reduza a minha fantasia a uma banalidade. Qualquer inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que a minha encontrará tão somente nas circunstâncias que relato com terror uma sequência bastante normal de causas e efeitos.

Já na minha infância era notado pela docilidade e humanidade do meu caráter. Tão nobre era a ternura do meu coração, que eu acabava por tornar-me num brinquedo dos meus companheiros. Tinha uma especial afeição pelos animais e os meus pais permitiam-me possuir uma grande variedade deles. Com eles passava a maior parte do meu tempo e nunca me sentia tão feliz como quando lhes dava de comer e os acariciava. Esta faceta do meu caráter acentuou-se com os anos, e, quando homem, aí achava uma das minhas principais fontes de prazer. Quanto àqueles que já tiveram uma afeição por um cão fiel e sagaz, escusado será preocupar-me com explicar-lhes a natureza ou a intensidade da compensação que dá se pode tirar. No amor desinteressado de um animal, no sacrifício de si mesmo, alguma coisa há que vai direito ao coração de quem tão frequentemente pôde comprovar a amizade mesquinha e a frágil fidelidade do homem.

Casei jovem e tive a felicidade de achar na minha mulher uma disposição de espírito que não era contrária à minha. Vendo o meu gosto por animais domésticos, nunca perdia a oportunidade de me proporcionar alguns exemplares das espécies mais agradáveis. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um lindo cão, coelhos, um macaquinho, e um gato. Este último era um animal notavelmente forte e belo, completamente preto e excepcionalmente esperto. Quando falávamos da sua inteligência, a minha mulher, que não era de todo impermeável à superstição, fazia frequentes alusões à crença popular que considera todos os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas. Não quero dizer que falasse deste assunto sempre a sério, e se me refiro agora a isto não é por qualquer motivo especial, mas apenas porque me veio à ideia. Plutão, assim se chamava o gato, era o meu amigo predileto e companheiro de brincadeiras. Só eu lhe dava de comer e seguia-me por toda a parte, dentro de casa. Era até com dificuldade que conseguia impedir que me seguisse na rua.

A nossa amizade durou assim vários anos, durante os quais o meu temperamento e o meu carácter sofreram uma alteração radical - envergonho-me de o confessar - para pior, devido ao demônio da intemperança. De dia para dia me tornava mais taciturno, mais irritável, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Permitia-me usar de uma linguagem brutal com minha mulher. Com o tempo, cheguei até a usar de violência. Evidentemente que os meus pobres animaizinhos sentiram a transformação do meu carácter.

POE, Edgar Allan. "O gato preto". Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

**Passo 2:** O professor deverá propor as seguintes questões para serem respondidas no caderno de aula:

1. O trecho apresentado no áudio e no xerox recebido por você é o início do conto de Allan Poe. Em que pessoa ele é narrado? Que elementos textuais levam você a essa conclusão?
2. Qual a principal diferença que você nota entre o narrador de primeira pessoa e o narrador de terceira pessoa? Explique.
3. Que efeito de sentido é causado pela escolha do autor ao eleger o narrador de primeira pessoa?
4. Percebe-se pela leitura do trecho que há uma mudança de comportamento do narrador-personagem. Comprove esta afirmativa com um fragmento do trecho lido.

**Passo 3:** Após respondidas e corrigidas as perguntas do passo 2 da aula 1, o professor instigará a curiosidade dos alunos para a leitura do próximo fragmento do texto a partir da questão proposta abaixo:

1. Como será que os animais de estimação do personagem sentiram sua transformação? Crie hipóteses.

AULA 2 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor reproduzirá o áudio a partir de 3 min. e 30 seg. até 4 min. e 18 seg., referente ao segundo trecho abaixo que será entregue aos alunos.



Link ou QR code de acesso ao áudio:  
<https://www.youtube.com/watch?v=N97Zq4ormFQ>



## TRECHO 2

Não só os desprezava como os tratava mal.

Por Plutão, porém, ainda nutria uma certa consideração que me não deixava maltratá-lo. Quanto aos outros, não tinha escrúpulos em maltratar os coelhos, o macaco e até o cão, quando por acaso ou por afeição se atravessavam no meu caminho.

Mas a doença tomava conta de mim - pois que doença se assemelha à do álcool? - e, por fim, até o próprio Plutão, que estava a ficar velho e, por consequência, um tanto impertinente, até o próprio Plutão começou a sentir os efeitos do meu caráter perverso.

Certa noite, ao regressar a casa, completamente embriagado, de volta de um dos tuguórios da cidade, pareceu-me que o gato evitava a minha presença. Apanhei-o, e ele, horrorizado com a violência do meu gesto, feriu-me ligeiramente na mão com os dentes. Uma fúria dos demônios imediatamente se apossou de mim. Não me reconhecia. Dir-se-ia que a minha alma original se evolará do meu corpo num instante e uma ruindade mais do que demoníaca, saturada de genebra, fazia estremecer cada uma das fibras do meu corpo.

POE, Edgar Allan. "O gato preto". Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

**Passo 2:** Oralmente, o professor fará a seguinte pergunta:

1. O que se pode esperar da continuação deste trecho? Crie hipóteses.

**Passo 3:** O professor entregará a continuação do trecho 2 do conto "O gato preto" para que os alunos leiam e confirmem ou refutem suas hipóteses.

## CONTINUAÇÃO

Tirei do bolso do colete um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pelo pescoço e, deliberadamente, arranquei-lhe um olho da órbita! Queima-me a vergonha e todo eu estremeço ao escrever esta abominável atrocidade.

Quando, com a manhã, me voltou a razão, quando se dissiparam os vapores da minha noite de estúrdia, experimentei um sentimento misto de horror e de remorso pelo crime que tinha cometido. Mas era um sentimento frágil e equívoco e o meu espírito continuava insensível. Voltei a mergulhar nos excessos, e depressa afoguei no álcool toda a recordação do ato.

Entretanto, o gato curou-se lentamente. A órbita agora vazia apresentava, na verdade, um aspecto horroroso, mas o animal não aparentava qualquer sofrimento. Vagueava pela casa como de costume, mas, como seria de esperar, fugia aterrorizado quando eu me aproximava. Porém, restava-me ainda o suficiente do meu velho coração para me sentir agravado por esta evidente antipatia da parte de um animal que outrora tanto gostara de mim.

Em breve este sentimento deu lugar à irritação. E para minha queda final e irrevogável, o espírito da PERVERSIDADE fez de seguida a sua aparição.

Deste espírito não cura a filosofia. No entanto, não estou mais certo da existência da minha alma do que do fato que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano; uma dessas indivisas faculdades primárias, ou sentimentos, que deu uma direção ao caráter do homem.

Quem se não surpreendeu já uma centena de vezes cometendo uma ação néscia ou vil, pela única razão de saber que a não devia cometer? Não temos nós uma inclinação perpétua, pese ao melhor do nosso juízo, para violar aquilo que constitui a Lei, só porque sabemos que o é? E digo que este espírito de perversidade surgiu para minha perda final. Foi este anseio insondável da alma por se atormentar, por oferecer violência à sua própria natureza, por fazer o mal só pelo mal, que me forçou a continuar e, finalmente, a consumir a maldade que infligi ao inofensivo animal.

POE, Edgar Allan. "O gato preto". Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

Após conferirem as hipóteses criadas, o professor deverá questionar os alunos a que final estaria se referindo o narrador do conto. E, após as respostas, seguir para o passo 4.

**Passo 4:** O professor, ao final das discussões, preferencialmente ao final da aula, entregará o restante do trecho 2 para leitura como tarefa de casa e pedirá aos alunos para criarem hipóteses de como o desenho do gato apareceu no reboco da parede do quarto.

#### CONTINUAÇÃO

Certa manhã, a sangue-frio, passei-lhe um nó corredio ao pescoço e enforquei-o no ramo de uma árvore; enforquei-o com as lágrimas a saltarem-me dos olhos e com o mais amargo remorso no coração; enforquei-o porque sabia que me tinha tido afeição e porque sabia que não me tinha dado razão para a torpeza; enforquei-o porque sabia que ao fazê-lo estava cometendo um pecado, um pecado mortal que comprometia a minha alma imortal a ponto de a colocar, se tal fosse possível, mesmo para além do alcance da infinita misericórdia do Deus Mais Piedoso e Mais Severo.

Na noite do próprio dia em que este acto cruel foi perpetrado, fui acordado do sono aos gritos de «Fogo!». As cortinas da minha cama estavam em chamas; toda a casa era um braseiro. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi completa. Todos os meus bens materiais foram destruídos, e daí em diante mergulhei no desespero.

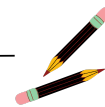
Sou superior à fraqueza de procurar estabelecer uma sequência de causa a efeito entre a atrocidade e o desastre. Limito-me, porém, a narrar uma cadeia de acontecimentos e não quero deixar nem um elo sequer incompleto. Nos dias que se sucederam ao incêndio, visitei as ruínas. As paredes, à exceção de uma, tinham abatido por completo. Esta exceção era constituída por um tabique interior, não muito espesso, que estava sensivelmente a meio da casa, e de encontro ao qual antes ficava a cabeceira da minha cama. O reboco resistira em grande parte à ação do fogo, fato que atribuo a ter sido pouco antes restaurado.

Próximo desta parede juntara-se uma densa multidão e muitas pessoas pareciam estar a examinar certa zona em particular, com minúcia e grande atenção. A minha curiosidade foi despertada pelas palavras «estranho», «singular» e outras expressões semelhantes. Aproximei-me e vi, como se fora gravado em baixo revelo, sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem estava desenhada com uma precisão realmente espantosa. Em volta do pescoço do animal estava uma corda.

Mal vi a aparição, pois nem podia pensar que doutra coisa se tratasse, o meu assombro e o meu terror foram imensos. Por fim, a reflexão veio em meu auxílio. Lembrei-me que o gato fora enforcado num jardim junto à casa.

POE, Edgar Allan. "O gato preto". Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

#### AULA 3 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor começará a aula corrigindo a tarefa de casa (Passo 4, Aula 2).

**Passo 2:** O professor entregará o trecho 3 do conto para leitura dos alunos e conferência das hipóteses por eles criadas fazendo alguns questionamentos:

#### TRECHO 3

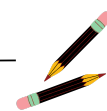
Após o alarme de incêndio, O dito jardim fora imediatamente invadido pela multidão e por alguém que deve ter cortado a corda do gato e o deve ter lançado para dentro do meu quarto, por uma janela aberta. Isto deve ter sido feito, provavelmente, com a intenção de me acordar. A queda das outras paredes tinha comprimido a vítima da minha crueldade na substância do reboco recentemente aplicado e cuja cal, combinada com as chamas e o amoníaco do cadáver, tinha produzido a imagem tal como eu a via.

Tendo assim satisfeito prontamente a minha razão - que não totalmente a minha consciência - sobre o fato extraordinário atrás descrito, não deixou este, no entanto, de causar profunda impressão na minha imaginação. Durante meses não consegui libertar-me do fantasma do gato, e, durante este período, voltou-me ao espírito uma espécie de sentimento que parecia remorso, mas que o não era. Cheguei ao ponto de lamentar a perda do animal e a procurar à minha volta, nos sórdidos tugúrios que agora frequentava com assiduidade, um outro animal da mesma espécie e bastante parecido que preenchesse o seu lugar.

POE, Edgar Allan. "O gato preto". Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

1. O narrador justifica a imagem do gato na parede dizendo que alguém poderia ter jogado o animal pela janela. Pode-se acreditar nesta hipótese? Justifique.
2. Apesar da justificativa dada pelo narrador para a imagem do gato na parede, quais sentimentos ainda afligem o narrador?

#### AULA 4 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor dividirá a turma em grupos e entregará o trecho 4 do conto pedindo aos grupos que façam uma primeira leitura do trecho.

### TRECHO 4

Uma noite, estava eu sentado meio aturdido num antro mais do que infamante, a minha atenção foi despertada por um objeto preto que repousava no topo de um dos enormes tonéis de gin ou de rum que constituíam o principal mobiliário do compartimento. Havia minutos que olhava para a parte superior do tonel, e o que agora me causava surpresa era o fato de não me ter apercebido mais cedo do objeto que estava em cima. Aproximei-me e toquei-lhe com a mão. Era um gato preto, um gato enorme, tão grande como Plutão e semelhante a ele em todos os aspectos menos num. Plutão não tinha sequer um único pêlo branco no corpo, enquanto este gato tinha uma mancha branca, grande, mas indefinida, que lhe cobria toda a região do peito. Quando lhe toquei, imediatamente se levantou e ronronou com força, roçou-se pela minha mão, e parecia contente por o ter notado. Era este, pois, o animal que eu procurava. Imediatamente propus a compra ao dono, mas este nada tinha a reclamar pelo animal, nada sabia a seu respeito, nunca o tinha visto até então. Continuei a acariciá-lo, e quando me preparava para ir para casa, o animal mostrou-se disposto a acompanhar-me. Permiti que o fizesse, inclinando-me de vez em quando para o acariciar enquanto caminhava. Quando chegou a casa, adaptou-se logo e logo se tornou muito amigo da minha mulher. Pela minha parte, não tardou em surgir em mim uma antipatia por ele. Era exatamente o reverso do que eu esperava, mas, não sei como nem o porquê, a sua evidente ternura por mim desgostava-me e aborrecia-me.

Lentamente, a pouco e pouco, esses sentimentos de desgosto e de aborrecimento transformaram-se na amargura do ódio. Evitava o animal; um certo sentimento de vergonha e a lembrança do meu anterior ato de crueldade impediram-me de o maltratar fisicamente. Abstive-me, durante semanas, de o maltratar ou exercer sobre ele qualquer violência, mas, gradualmente, muito gradualmente, cheguei a nutrir por ele um horror indizível e a fugir silenciosamente da sua odiosa presença como do bafo da peste.

O que aumentou, sem dúvida, o meu ódio pelo animal foi descobrir, na manhã do dia seguinte a tê-lo trazido para casa, que, tal como Plutão, tinha também sido privado de um dos seus olhos. Esta circunstância, contudo, mais afeição despertou na minha mulher, que, como já disse, possuía em alto grau aquele sentimento de humanidade que fora em tempos característica minha e a fonte de muitos dos meus prazeres mais simples e mais puros. Com a minha aversão pelo gato parecia crescer nele a sua preferência por mim. Seguia os meus passos com uma pertinácia que seria difícil fazer compreender ao leitor. Sempre

que me sentava, enroscava-se debaixo da minha cadeira ou saltava-me para os joelhos, cobrindo-me com as suas repugnantes carícias. Se me levantava para caminhar, metia-se-me entre os pés e quase me fazia cair ou, fincando as suas garras compridas e aguçadas no meu roupão, trepava-me até ao peito. Em tais momentos, embora a minha vontade fosse matá-lo com uma pancada, era impedido de o fazer, em parte pela lembrança do meu crime anterior mas, principalmente, devo desde já confessá-lo, por um verdadeiro medo do animal. Este medo não era exatamente o receio de um mal físico; no entanto, é-me difícil defini-lo de outro modo. Quase me envergonhava admitir - sim, mesmo aqui, nesta cela de malfeitor, eu me envergonho de admitir - que o terror e o horror que o animal me infundia se viam acrescidos de uma das fantasias mais perfeitas que é possível conceber.

POE, Edgar Allan. "O gato preto." Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

**Passo 2:** Após a leitura, o professor entregará a ficha abaixo para que os alunos, em grupo, possam preenchê-la.

A leitura do trecho 4 do conto deixa entrever dois momentos diferentes em relação à personalidade do narrador. Preencha a ficha dividindo o trecho nestes dois momentos distintos.

MOMENTO 1	MOMENTO 2



**Passo 1:** O professor deverá corrigir com os alunos a ficha oralmente e, após a correção, lançar os seguintes questionamentos:

1. Ao longo da leitura feita até agora, podemos observar a mudança de temperamento do narrador? Em que trechos? Retire do texto alguns fragmentos para comprovar sua resposta e registre-os em seu caderno.

**Passo 2:** O professor irá corrigir as respostas dadas e lançará para os alunos novos questionamentos:

1. No final do trecho 4, o narrador diz estar em uma "cela de mau feitor". O que isto significa?
2. O que teria levado o narrador à prisão? Explique sua resposta.

**Passo 3:** O professor entregará o trecho 5 para a leitura silenciosa e individual em sala de aula.

## TRECHO 5

Minha mulher tinha-me chamado várias vezes a atenção para o aspecto da mancha de pêlo branco de que já falei, e que era a única diferença aparente entre o estranho animal e aquele que eu tinha eliminado. O leitor lembrar-se-á que esta marca, embora grande, era, originariamente, bastante indefinida, mas, gradualmente, por fases quase imperceptíveis e que durante muito tempo a minha razão lutou por rejeitar como fantasiosas, assumira, finalmente, uma rigorosa nitidez de contornos. Era agora a imagem de um objeto que me repugna mencionar, e por isso eu o odiava e temia acima de tudo, e ter-meia visto livre do monstro se o ousasse. Era agora a imagem de uma coisa abominável e sinistra: a imagem da forca!, oh!, lúgubre e terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte. Por essa altura, eu era, na verdade, um miserável maior do que toda a miséria humana. E um bruto animal cujo semelhante eu destruíra com desprezo, um bruto animal a comandar-me, a mim, um homem, feito à imagem do Altíssimo - oh!, desventura insuportável. Ah, nem de dia nem de noite, nunca, oh!, nunca mais, conheci a bênção do repouso! Durante o dia o animal não me deixava um só momento. De noite, a cada hora, quando despertava dos meus sonhos cheios de indefinível angústia, era para sentir o bafo quente daquela coisa sobre o meu rosto e o seu peso enorme, encarnação de um pesadelo que eu não tinha forças para afastar, pesando-me eternamente sobre o coração. Sob a pressão de tormentos como estes, os fracos resquícios do bem que havia em mim desapareceram. Só os pensamentos pecaminosos me eram familiares - os mais sombrios e os mais infames dos pensamentos. A tristeza do meu temperamento aumentou até se tornar em ódio a tudo e à humanidade inteira. Entretanto, a minha dedicada mulher era a vítima mais usual e paciente das súbitas, frequentes e incontroláveis explosões de fúria a que então me abandonava cegamente.

Um dia acompanhou-me, por qualquer afazer doméstico, à cave do velho edifício onde a nossa pobreza nos forçava a habitar. O gato seguiu-me nas escadas íngremes e quase me derrubou, o que me exasperou até à loucura. Apoderei-me de um machado, e desvanecendo-se na minha fúria o receio infantil que até então tinha detido a minha mão, desferi um golpe sobre o animal, que seria fatal se o tivesse atingido como eu queria. Mas o golpe foi sustido diabolicamente pela mão da minha mulher.

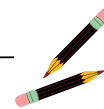


O professor começará a aula a partir da leitura feita na aula anterior do trecho 5.

**Passo 1:** O professor pedirá aos alunos que falem sobre as impressões causadas neles pela leitura feita e se o que pensaram sobre a expressão "cela de mau feitor" continuava tendo o mesmo sentido dado por eles na aula anterior.

**Passo 2:** Feitas as discussões do passo 1, o professor pedirá aos alunos que busquem na leitura:

1. As diferenças e semelhanças de características do gato Plutão e do segundo gato adotado do narrador.
2. Se não fosse pela mancha branca do segundo gato, poderíamos pensar na hipótese de que o narrador estivesse diante do próprio Plutão? Por quê?
3. Se sua resposta foi positiva para questão 2, como explicar a mancha branca do segundo gato? Use fragmentos do texto para respaldar sua resposta.
4. O que poderemos esperar com a leitura do trecho 6?



**Passo 1:** O professor começará a aula com perguntas de antecipação e depois entregará o trecho 6 para leitura.

### TRECHO 6

Enraivecido pela sua intromissão, libertei o braço da sua mão e enterrei-lhe o machado no crânio. Caiu morta, ali mesmo, sem um queixume. Consumado este horrível crime, entreguei-me de seguida, com toda a determinação, à tarefa de esconder o corpo. Sabia que não o podia retirar de casa, quer de dia quer de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos. Muitos projetos se atropelaram no meu cérebro. Em dado momento, cheguei a pensar em cortar o corpo em pequenos pedaços e destruí-los um a um pelo fogo. Noutro, decidi abrir uma cova no chão da cave. Depois pensei deitá-lo ao poço do jardim, ou metê-lo numa caixa como qualquer vulgar mercadoria e arranjar um carregador para o tirar de casa. Por fim, detive-me sobre o que considere a melhor solução de todas.

POE, Edgar Allan. "O gato preto". Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

1. Das alternativas criadas pelo narrador para esconder o corpo da esposa, qual delas você acha que foi considerada como a melhor solução? Comente.

**Passo 2:** Após o debate, o professor entregará a continuação do trecho 6 para conferência das hipóteses discutidas.

### CONTINUAÇÃO

Decidi emparedá-lo na cave como, segundo as narrativas, faziam os monges da Idade Média às suas vítimas. A cave parecia convir perfeitamente aos meus intentos. As paredes não tinham sido feitas com os acabamentos do costume e, recentemente, tinham sido todas rebocadas com uma argamassa grossa que a umidade ambiente não deixara endurecer. Além do mais, numa das paredes havia uma saliência causada

por uma chaminé falsa ou por uma lareira que tinha sido entaipada para se assemelhar ao resto da cave. Não duvidei que me seria fácil retirar os tijolos neste ponto, meter lá dentro o cadáver e tornar a pôr a taipa como antes, de modo que ninguém pudesse lobrigar qualquer sinal suspeito. Não me enganei nos meus cálculos. Com o auxílio de um pé-de-cabra retirei facilmente os tijolos, e depois de colocar cuidadosamente o corpo de encontro à parede interior, mantive-o naquela posição ao mesmo tempo que, com um certo trabalho, devolvia a toda a estrutura o seu aspecto primitivo. Usando de toda a precaução, procurei argamassa, areia e fibras com que preparei um reboco que se não distinguia do antigo e, com o maior cuidado, cobri os tijolos. Quando terminei, vi com satisfação que tudo estava certo. A parede não denunciava o menor sinal de ter sido mexida.

Com o maior escrúpulo, apanhei do chão os resíduos. Olhei em volta, triunfante, e disse para comigo: «Aqui, pelo menos, não foi infrutífero o meu trabalho.» A seguir procurei o animal que tinha sido a causa de tanta desgraça, pois que, finalmente, tinha resolvido matá-lo. Se o tivesse encontrado naquele momento, era fatal o seu destino. Mas parecia que o astuto animal se alarmara com a violência da minha cólera anterior e evitou aparecer-me na frente, dado o meu estado de espírito.

É impossível descrever ou imaginar a intensa e aprazível sensação de alívio que a ausência do detestável animal me trouxe. Não me apareceu durante toda a noite, e deste modo, pelo menos por uma noite, desde que o trouxera para casa, dormi bem e tranquilamente; sim, dormi, mesmo com o crime a pesar-me na consciência. Passaram-se o segundo e terceiro dias e o meu verdugo não aparecia. Mais uma vez respirei como um homem livre. O monstro, aterrorizado, tinha abandonado a casa para sempre! Nunca mais voltaria a vê-lo! Suprema felicidade a minha! A culpa da ação tenebrosa inquietava-me pouco.

Fizeram-se alguns interrogatórios que colheram respostas satisfatórias. Fez-se inclusivamente uma busca, mas, naturalmente, nada se descobriu. Dava como certa a minha felicidade futura. No quarto dia após o crime, surgiu inesperadamente em minha casa um grupo de agentes da Polícia que procederam a uma rigorosa busca.

POE, Edgar Allan. "O gato preto". Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

**Passo 3:** Depois de conferirem as hipóteses, o professor entregará o trecho 7 do conto para os alunos e pedirá que um dos alunos faça a leitura em voz alta.

## TRECHO 7

Eu, porém, confiado na impenetrabilidade do esconderijo, não sentia qualquer embaraço. Os agentes quiseram que os acompanhasse na sua busca. Não deixaram o mínimo escaninho por investigar. Por fim, pela terceira ou quarta 10 vez, desceram à cave. Nem um músculo me tremeu. O meu coração batia calmamente como o coração de quem vive na inocência. Percorri a cave de ponta a ponta. De braços cruzados no peito, andava descontraído de um lado para o outro. Os agentes estavam completamente satisfeitos e prontos para partir. O júbilo do meu coração era demasiado intenso para que o pudesse sustentar.

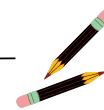
Ansiava por dizer pelo menos uma palavra à guisa de triunfo e para tornar duplamente evidente a sua convicção da minha inocência. - Senhores - disse por fim, quando iam a subir os degraus. - Estou satisfeito por ter dissipado as vossas suspeitas. Desejo muita saúde para todos, e um pouco mais de cortesia. A propósito, esta casa está muito bem construída (e no meu furioso desejo de dizer qualquer coisa com à-vontade, mal sabia o que estava a dizer). Direi, até, que é uma casa excelentemente construída. Estas paredes... vão-se já embora, meus senhores?... Estas paredes estão solidamente ligadas. - E neste momento, por uma frenética fanfarronice, bati com força, com uma bengala que tinha na mão, na parede atrás da qual se encontrava o cadáver da minha querida esposa.

POE, Edgar Allan. "O gato preto". Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

**Passo 4:** O professor deverá levantar a questão de inferência para o trecho lido:

1. Que sensações do narrador observamos a partir de seu comportamento diante dos policiais?

AULA 8 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor entregará o trecho 8 para leitura em voz alta por parte de um aluno e fará, após a leitura, o seguinte questionamento:

1. Quais foram as sensações que este trecho despertou em vocês? Explique-as.

### TRECHO 8

Ah! Que Deus me livre das garras do arquidemônio! Mal tinha o eco das minhas pancadas mergulhado no silêncio, quando uma voz lhes respondeu de dentro do túmulo: um gemido, a princípio abafado e entrecortado como o choro de uma criança, que depois se transformou num prolongado grito sonoro e contínuo, extremamente anormal e inumano. Um bramido, um uivo, misto de horror e de triunfo, tal como só do inferno poderia vir, provindo das gargantas conjuntas dos condenados na sua agonia e dos demônios no gozo da condenação. Seria insensato falar dos meus pensamentos. Senti-me desfalecer e encostei-me à parede da frente.

POE, Edgar Allan. "O gato preto". Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

**Passo 2:** Após a leitura do trecho 8 do conto de Poe, o professor entregará aos alunos o trecho 9 e fará a leitura.

### TRECHO 9

Tolhidos pelo terror e pela surpresa, os agentes que subiam a escada detiveram-se por instantes. Logo a seguir, doze braços vigorosos atacavam a parede. Esta caiu de um só golpe. O cadáver, já bastante decomposto e coberto de pastas de sangue, apareceu ereto frente aos circunstantes.

POE, Edgar Allan. "O gato preto". Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

**Passo 3:** O professor deverá realizar algumas perguntas após a leitura dos trechos:

1. Qual o sentido da expressão "doze braços vigorosos atacavam a parede" no trecho lido?
2. A expressão acima é uma metonímia. A partir dos seus conhecimentos sobre figuras de linguagem, responda o que é uma metonímia e qual o efeito de sentido o uso dessa metonímia causa no texto?

**Passo 4:** Após os debates gerados, o docente deverá entregar o último trecho do texto, trecho 10, e reproduzir a última parte do áudio durante a leitura dos alunos, a partir dos 20 min. e 14 seg. até o final. Link ou QR code de acesso ao áudio:



Link de acesso ao áudio:

<https://www.youtube.com/watch?v=N97Zq4ormFQ>



Após audição e leitura, o professor pedirá para que os alunos discutam com os colegas o desfecho do conto, as impressões causadas, as hipóteses levantadas durante todas as leituras. Exemplos:

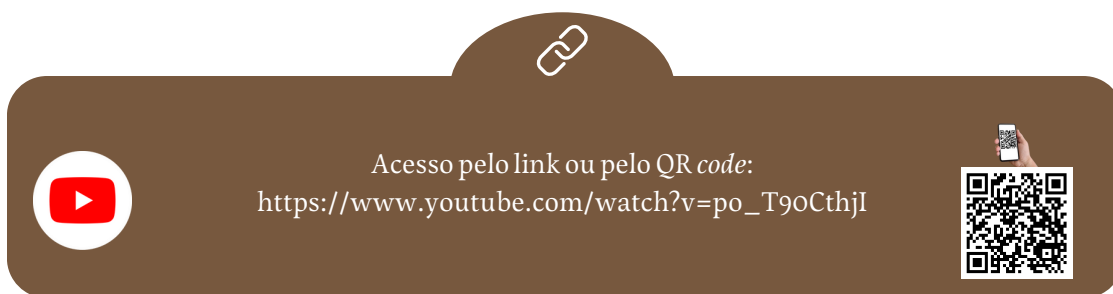
1. Qual parte do conto causou mais impacto em você? Por quê?
2. A partir de qual momento do conto vocês perceberam que a história não teria um final feliz?

### TRECHO 10

Sobre a cabeça, com as vermelhas fauces dilatadas e o olho solitário chispando, estava o odioso gato cuja astúcia me compelira ao crime e cuja voz delatora me entregava ao carrasco. Eu tinha emparedado o monstro no túmulo!

POE, Edgar Allan. "O gato preto". Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 7 ago. 2022. Adaptado.

**Passo 5:** Com a leitura do conto realizada, para encerrar de forma ilustrativa todos os passos, o docente deverá passar através do projetor ou *notebook* o vídeo abaixo:



Acesso pelo link ou pelo QR code:  
[https://www.youtube.com/watch?v=po\\_T9oCthjI](https://www.youtube.com/watch?v=po_T9oCthjI)

## 4º MOMENTO



## INTERPRETAÇÃO

A Interpretação se divide em 2 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é analisar a capacidade de interpretação textual dos alunos por meio de uma atividade de escrita.

### AULA 1 - 50 MIN

---



**Passo 1:** Atividade de escrita. O professor deverá escrever as seguintes questões no quadro ou entregar impresso aos alunos e pedir para que eles copiem e respondam no caderno:

1. O narrador-personagem diz que a esposa era supersticiosa em relação ao gato preto. A qual ou a quais superstições ele se refere?
2. Quais motivos levaram o narrador a enforcar o primeiro gato?
3. Por que o narrador-personagem ficou assombrado e aterrorizado ao ver a figura do gato enforcado na parede após o incêndio?
4. O que poderíamos imaginar que aconteceu ao narrador-personagem para que ele passasse de uma pessoa que amava animais a alguém que os maltratava?
5. Explique a razão que levou o narrador a procurar um gato parecido com o que ele havia matado.
6. Em um primeiro momento, quando o narrador-personagem leva o gato preto que achou no topo do tonel de bebida para sua casa, ele o trata bem, não o maltrata fisicamente, mas, com o tempo, começa a ter antipatia do animal e a evitá-lo. Apesar da antipatia que começa a nutrir pelo gato, comente o motivo que impedia o homem de maltratá-lo.
7. Mais adiante descobrimos que o narrador-personagem não matou o segundo gato porque tinha medo dele. Explique o que causava esse medo no homem.
8. Depois que o narrador-personagem notou que a mancha branca que o gato possuía no peito assemelhava-se à imagem da forca, ele diz que nunca mais conheceu a "benção do repouso" e nos apresenta algumas razões que comprovam isso. Quais são essas razões?

### AULA 2 - 50 MIN

---



**Passo 1:** Depois das questões da aula anterior terem sido respondidas e corrigidas oralmente pelo professor e pelos alunos, continuar a interpretação a partir das questões abaixo:

9. Ao longo do conto vamos percebendo uma drástica mudança na personalidade do narrador-personagem. Descreva como ele era no início, meio e término do texto.
10. Com o passar do tempo, o narrador-personagem vai se tornando um homem cheio de ódio por tudo e por todos. Se não fosse pelo medo do gato, o narrador-personagem teria descontado todo esse ódio no animal, mas como ele o temia, acabou descontando em outra pessoa. Em quem? Como ele fez isso?
11. O narrador-personagem pensou em várias formas de esconder ou eliminar o corpo de sua esposa. Quais foram elas?

12. Quando a polícia chega à casa do narrador-personagem, ele estava bem descontraído e até mesmo sendo um pouco vaidoso e, agir assim, foi o seu maior erro. Por quê?
13. O que você achou que havia acontecido com o gato quando ele sumiu ao final do conto?
14. Ao término do conto a polícia encontra o corpo da mulher e isso só foi possível graças ao miado do gato que respondeu à batida do narrador-personagem à parede, o que nos leva a crer que o gato também foi emparedado. Em sua opinião, como o gato sobreviveu há tantos dias preso dentro da parede?
15. Quais semelhanças podemos estabelecer entre os dois felinos, Plutão e o gato levado para a casa do narrador-personagem? Qual é ou quais são as diferenças entre eles?
16. Qual foi o momento de maior tensão ao longo do conto para você? Justifique.
17. O conto faz um jogo com os tempos verbais, pois há passagens que ocorrem no presente e passagens que acontecem no pretérito. Cite um exemplo dos momentos em que a narrativa evidencia esse jogo verbal.
18. O uso dos tempos presente e pretérito ao longo do conto é uma estratégia muito interessante para a narrativa. O que essa estratégia evidencia ao longo do enredo?
19. Caso não fosse apresentado a você o final do conto, como você o terminaria? Escreva um outro parágrafo de desfecho para o conto.

**Passo 2:** Após respondidas as questões, o professor deverá fazer a correção da Interpretação com os alunos para aprofundamento da história lida.

## 5º MOMENTO



### PRODUÇÃO TEXTUAL

A Produção Textual se divide em 4 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é exercitar a escrita dos alunos a partir da leitura do conto "O Gato Preto" de Edgar Allan Poe ampliando os conhecimentos para um outro gênero também narrativo, o microconto.

AULA 1 - 50 MIN



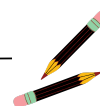
**Passo 1:** Após a leitura e interpretação textual do conto de Edgar Allan Poe, o professor lançará a seguinte proposta aos alunos:



**Crie um diálogo póstumo entre Pluto e seu algoz no qual o felino indaga os motivos pelos quais ele fora assassinado.**

**Passo 2:** Após a criação do diálogo (passo 1), o professor fará a correção e entregará aos alunos para reescrita.

AULA 2 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor entregará o texto explicativo abaixo e um microconto para leitura e reflexão.

#### A onda dos microcontos

Carlos Seabra\*

Micronarrativa tem ingredientes do nosso tempo, como a velocidade e a condensação, a veiculação em celulares e painéis eletrônicos. O precursor e talvez o mais famoso microconto já produzido, do guatemalteco Augusto Monterroso, "Cuando despertó, el dinosaurio todavía estaba allí" (Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá), consolidou uma vertente de microliteratura, o desafio de contar algo em pouquíssimas palavras de contados toques.

Autores conceituam e estipulam limites precisos, nascendo assim algumas classificações: nanocontos (até 50 letras, sem contar espaços e acentos), microcontos (até 150 toques, contando letras, espaços e pontuação) e minicontos (alguns estipulando 300 palavras; outros, 600 caracteres). Nada disso é muito rigoroso e depende de critérios editoriais de quem os adotou. O limite de 150 toques cabe no formato de envio de texto pelo celular, o chamado "torpedo". Hoje se usa muito o limite de 140 toques do Twitter - cada vez mais um difusor da microliteratura, que, provavelmente, acabará impondo este limite como padrão.

## Elo forte

Escritores já brincaram nessa seara, como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Millôr Fernandes, Dalton Trevisan, ainda que sem pensar no conceito de "microcontos". Literatura de alta velocidade? Drummond já antecipava que "escrever é cortar palavras", Hemingway sugeriu "corte todo o resto e fique no essencial" e João Cabral proclamou "enxugar até a morte". Sônia Bertocchi diz, no blog Lousa digital: "Seguindo à risca a lição dos mestres, chegamos aos microcontos: 'miniaturas literárias' que cabem em panfletos, filipetas, camisetas, adesivos, postes, muros, tatuagens, cartão postal, hologramas, desenhos animados, arquitetura, instalação, música [...] e que podem ser lidas no ônibus, no metrô e [...] nas telas do computador (cá entre nós, um prato cheio para propostas atrativas de ensino de literatura e integração de novas tecnologias)".

De certa forma, o microconto tem outra dimensão: ele é como uma ligação muito forte através de um furinho de agulha no universo, algo que permite projetar uma imagem de uma realidade situada em outra dimensão. Como se por meio desse furo, dois cones se tocassem nas pontas, um menor, que é o que está escrito no microconto, e outro maior, que é a imaginação a partir da leitura - pois, mais do que contar uma história, um microconto sugere diversas possibilidades para cada um completar as imagens, o roteiro, as alternativas de desdobramento.

Seja seu destino a publicação em celulares, camisetas, postais, folhetos na praia, cartazes nos postes, azulejos, hologramas, blogs, e-mails, no Twitter, o mero esquecimento ou o lixo, o microconto é um exercício de criatividade, síntese e algo muito divertido de escrever!

\* Carlos Seabra é editor multimídia, coordenador editorial no núcleo Publicações Educação da TV Cultura.

Fonte: *Revista Língua Portuguesa*, edição de abril de 2010.

## Microcontos de Carlos Seabra



Um queria respostas e o outro não entendia as perguntas. O sinal do recreio salvava ambos.

Fonte: <http://www.seabra.com/cgi-seabra/contos/randtxt.pl/contos2.html>. Acesso em: 7 ago. 2022.

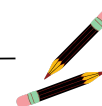
**Passo 2:** Após a leitura dos textos entregues aos alunos, o professor lançará as questões abaixo para reflexão:

Questões:

1. A partir da leitura do texto informativo e do microconto acima, destaque as características que nos fazem nomeá-lo como um microconto.
2. Um microconto, apesar de sintético, contém elementos essenciais a uma narrativa. Observe os elementos abaixo e indique-os no texto de Seabra.
  - Narrador
  - Enredo
  - Clímax
  - Desfecho
  - Personagens
  - Tempo
  - Ambiente

### AULA 3 - 50 MIN

---



**Passo 1:** O professor, após a correção e discussão das questões propostas no passo 2 da Aula 2, desafiará os alunos a escreverem um microconto em que seja inserido o diálogo criado no passo 1 da Aula 1.

**Passo 2:** O professor fará a correção dos microcontos de forma individual, entregará a correção na próxima aula para reescrita dos textos.

### AULA 4 - 50 MIN

---



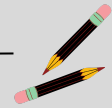
**Passo 1:** O professor entregará aos alunos os textos corrigidos e pedirá que façam a reescrita dos seus microcontos.

**Passo 2:** Após correções e reescritas, o professor fará a seguinte sugestão aos alunos:

Compartilhar os microcontos mais criativos (ou todos eles) nas redes sociais da escola. Caso a escola não possua redes sociais, compartilhar em murais ou espaços sociais da escola.



## AULA 1 - 50 MIN

**Passo 1**

1. a. V
- b. V
- c. V
- d. F
- e. V
- f. F
- g. F
- h. V
- i. V

**Passo 4**

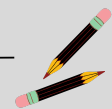
1. Resposta pessoal.
2. a) Resposta pessoal.  
    b) Resposta pessoal.
3. O quadro de Boldini é de uma mulher com um gato preto no colo. O pintor usou cores que contrastam com a delicadeza da figura feminina que aparenta estar feliz segurando o gato em seu colo. A pintura parece ser um flagrante do cotidiano.

## AULA 2 - 50 MIN

**Passo 1**

1. Hábitos noturnos como passear de noite pelas ruas e passar a maior parte do dia dormindo.
2. Provavelmente por conta da cor preta, também associada às trevas, ao obscuro.
3. Resposta pessoal.
4. Resposta pessoal.
5. Resposta pessoal.

## AULA 3 - 50 MIN

**Passo 1**

1. A imagem dois se parece com um desenho, uma caricatura. Apresenta as figuras de um gato preto e de um corvo.
2. Os animais inseridos na foto provocam mais dramaticidade a ela.
3. Resposta pessoal.

**Passo 1**

Texto completo:

**BIOGRAFIA:**

O enigmático olhar de Edgar Allan Poe parece habitar todas as suas obras. Nascido em Boston, no dia 19 de janeiro de 1809, Poe viveu em um família de atores, perdeu sua mãe com apenas 3 anos, foi adotado por um casal de Richmond, e, ao longo da vida, escreveu inúmeros contos e poesias tornando-se um dos maiores nomes da literatura gótica.

Em seu clássico retrato, Poe aparece com olhos complacentes e, ao mesmo tempo, entristecidos, como se quisesse que seus leitores, ao se depararem com a profundidade de suas histórias e poesias perfeitamente amarradas, adivinhassem o que se passava em sua mente perturbada e sombria naquele momento.

**POE NUNCA FOI ADOTADO OFICIALMENTE:**

Com a morte de sua mãe, vítima de tuberculose, e o abandono do pai, Poe foi criado pelo casal John e Frances Allan antes dos 3 anos de idade, mas sua educação foi cercada de rigidez pela nova família. Após o episódio, o pequeno Edgar Poe, passou a se chamar Edgar Allan Poe. Graças à família, Poe pôde estudar na Europa e tentar uma carreira acadêmica. Apesar de pertencer à família Allan, o autor terminou sem herança ou vínculo amoroso com seus pais adotivos.

**POE FOI CASADO COM A PRIMA VIRGINIA CLEMM:**

Algo considerado comum à época em que viveu, Poe se casou aos 27 anos com sua prima Virginia Clemm, de 13, em 1835. Ela morreu aos 24 anos, vítima de tuberculose, mesma doença que matou sua mãe, Eliza Poe.

**OS ASSASSINATOS DA RUA MORGUE É A PRIMEIRA HISTÓRIA MODERNA DE DETETIVES:**

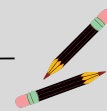
Antes mesmo de Sherlock Holmes e Hercule Poirot, Poe escreveu a primeira história moderna de detetives. Os Assassinatos da Rua Morgue e o Mistério de Marie Roget marcam a criação do estilo detetive literário que foi amplamente explorado na literatura. A primeira aparição do detetive Auguste Dupin, criado por Poe, foi em 1841.

**Passo 2**

(F) Reescrita: "Para incentivar a adoção e acabar com a desinformação em relação aos felinos pretos, a *Petlove* iniciou uma campanha chamada *Black Cat Friday*".

# INTRODUÇÃO

AULA 1 - 50 MIN



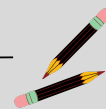
## Passo 2

1. Ainda há muito preconceito em relação aos gatos pretos e a sexta-feira 13 continua sendo uma superstição no imaginário das pessoas. É preciso cuidar desses felinos para que não sofram maus tratos por conta de mitos e superstições.
2. Tradicionalmente, principalmente na cultura ocidental, o número 13 e também a sexta-feira dão azar. É uma data, para a população, marcada como um dia de "maus agouros" e acontecimentos negativos.
3. Assim como a sexta-feira 13, o gato preto também representa, tradicionalmente, um indicador de azar e mau presságio. Ele recebeu essa reputação negativa durante a Idade Média, pois nesse período a cor escura do seu pelo foi associada à feitiçaria. Assim como a sexta-feira 13 também é associada às bruxas, à feitiçaria e aos "maus agouros".
4. Uma boa parte da população ainda lida com preconceito e até mesmo maltrata esses animais, principalmente nas sextas-feiras 13, pois acreditam que cruzar com um gato preto em uma sexta-feira 13 é sinônimo de azar.
5. Símbolo de azar, pois a imagem mostra um gato com apenas um olho e que possui um líquido vermelho, semelhante a sangue ao redor do corpo; além disso, ele se encontra sobre a cabeça de um cadáver.
6. Possíveis respostas: medo, calafrios, pavor, nojo, etc.
7. Em ambas há a figura do preto, mas na segunda figura o gato tem feições macabras, há a presença de sangue. A primeira figura mostra um gato bonito, comum e bem tratado. Só é possível vermos os olhos esquerdos dos gatos, um pela posição, o outro porque só possui um olho. A imagem 1 é uma campanha de prevenção a maus tratos contra os animais, especificamente, o gato preto. Já a imagem 2 é uma ilustração.

# LEITURA

AULA 1 - 50 MIN

---



## Passo 2

1. O texto está sendo narrado em primeira pessoa. Os elementos são os verbos de primeira pessoa como "espero", "posso", "passava", o pronome pessoal "eu", o pronome possessivo "meu (s)", "minha", o pronome oblíquo "me."
2. O narrador de primeira pessoa é também personagem da história contada e o narrador de terceira pessoa não participa da história como personagem, ele apenas narra os fatos.
3. O uso da primeira pessoa aproxima o leitor da narrativa, tornando-a mais verossímil e colocando o leitor em uma posição mais afetiva do que de julgamento das atitudes do narrador.
4. "A nossa amizade durou assim vários anos, durante os quais o meu temperamento e o meu carácter sofreram uma alteração radical - envergonho-me de o confessar - para pior, devido ao demónio da intemperança. De dia para dia me tornava mais taciturno, mais irritável, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Permitia-me usar de uma linguagem brutal com minha mulher. Com o tempo, cheguei até a usar de violência. Evidentemente que os meus pobres animaizinhos sentiram a transformação do meu carácter."

## Passo 3

Resposta pessoal.

AULA 2 - 50 MIN

---



## Passo 2

Resposta pessoal.

## Passo 3

Resposta pessoal.



### Passo 2

1. Resposta pessoal. **Sugestão:** O professor deverá explorar todas as possibilidades de respostas com os alunos.
2. Resposta pessoal. **Sugestão:** O professor deverá explorar todas as possibilidades de respostas com os alunos.



### Passo 5

**Momento 1:** "Uma noite, estava eu sentado meio aturdido num antro mais do que infamante, a minha atenção foi despertada por um objeto preto que repousava no topo de um dos enormes tonéis de gin ou de rum que constituíam o principal mobiliário do compartimento. Havia minutos que olhava para a parte superior do tonel, e o que agora me causava surpresa era o fato de não me ter apercebido mais cedo do objeto que estava em cima. Aproximei-me e toquei-lhe com a mão. Era um gato preto, um gato enorme, tão grande como Plutão e semelhante a ele em todos os aspectos menos num. Plutão não tinha sequer um único pêlo branco no corpo, enquanto este gato tinha uma mancha branca, grande, mas indefinida, que lhe cobria toda a região do peito. Quando lhe toquei, imediatamente se levantou e ronronou com força, roçou-se pela minha mão, e parecia contente por o ter notado. Era este, pois, o animal que eu procurava. Imediatamente propus a compra ao dono, mas este nada tinha a reclamar pelo animal, nada sabia a seu respeito, nunca o tinha visto até então. Continuei a acariciá-lo, e quando me preparava para ir para casa, o animal mostrou-se disposto a acompanhar-me. Permiti que o fizesse, inclinando-me de vez em quando para o acariciar enquanto caminhava."

**Momento 2:** "Quando chegou a casa, adaptou-se logo e logo se tornou muito amigo da minha mulher. Pela minha parte, não tardou em surgir em mim uma antipatia por ele. Era exatamente o reverso do que eu esperava, mas, não sei como nem o porquê, a sua evidente ternura por mim desgostava-me e aborrecia-me. Lentamente, a pouco e pouco, esses sentimentos de desgosto e de aborrecimento transformaram-se na amargura do ódio. Evitava o animal; um certo sentimento de vergonha e a lembrança do meu anterior ato de crueldade impediram-me de o maltratar fisicamente. Abstive-me, durante semanas, de o maltratar ou exercer sobre ele qualquer violência, mas, gradualmente, muito gradualmente, cheguei a nutrir por ele um horror indizível e a fugir silenciosamente da sua odiosa presença como do bafo da peste. O que aumentou, sem dúvida, o meu ódio pelo animal foi descobrir, na manhã do dia seguinte a tê-lo trazido para casa, que, tal como Plutão, tinha também sido privado de um dos seus olhos. Esta circunstância, contudo, mais afeição despertou na minha mulher, que, como já disse, possuía em alto grau aquele sentimento de humanidade que fora

em tempos característica minha e a fonte de muitos dos meus prazeres mais simples e mais puros. Com a minha aversão pelo gato parecia crescer nele a sua preferência por mim. Seguiu os meus passos com uma pertinácia que seria difícil fazer compreender ao leitor. Sempre que me sentava, enroscava-se debaixo da minha cadeira ou saltava-me para os joelhos, cobrindo-me com as suas repugnantes carícias. Se me levantava para caminhar, metia-se-me entre os pés e quase me fazia cair ou, fincando as suas garras compridas e aguçadas no meu roupão, trepava-me até ao peito. Em tais momentos, embora a minha vontade fosse matá-lo com uma pancada, era impedido de o fazer, em parte pela lembrança do meu crime anterior, mas, principalmente, devo desde já confessá-lo, por um verdadeiro medo do animal. Este medo não era exatamente o receio de um mal físico; no entanto, é me difícil defini-lo de outro modo. Quase me envergonhava admitir - sim, mesmo aqui, nesta cela de malfeitor, eu me envergonho de admitir - que o terror e o horror que o animal me infundia se viam acrescidos de uma das fantasias mais perfeitas que é possível conceber."

#### AULA 5 - 50 MIN

---



##### **Passo 1**

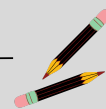
1. Sugestão (trecho 4 do texto): "Lentamente, a pouco e pouco, esses sentimentos de desgosto e de aborrecimento transformaram-se na amargura do ódio". "Em tais momentos, embora a minha vontade fosse matá-lo com uma pancada, era impedido de o fazer, em parte pela lembrança do meu crime anterior, mas, principalmente, devo desde já confessá-lo, por um verdadeiro medo do animal."

##### **Passo 2**

1. "A cela de mau feitor" pode ter o sentido de prisão, cadeia.
2. Uma hipótese é de que o narrador tenha sido preso pelos maus tratos infringidos aos gatos ou talvez por tê-los matado.

#### AULA 6 - 50 MIN

---



##### **Passo 2**

1. A diferença entre os gatos é a mancha branca do segundo gato, pois Plutão não tinha essa mancha. As semelhanças entre eles é o fato de serem pretos e não possuírem um dos olhos.
  2. Por se tratar de um conto de terror, é bem possível imaginar que o segundo gato seja o próprio Plutão, afinal de contas, o segundo gato tem comportamentos parecidos com os de Plutão, parecendo conhecer bem a casa e expressando afeto pelo narrador.
- OBS.: É possível que os alunos também respondam "não" para a questão dada. Sendo assim, peça aos alunos que justifiquem sua resposta.

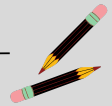
3. É possível que o gato tenha a mancha branca por ter sido arremessado à parede, como pensa o próprio narrador em "Minha mulher tinha-me chamado várias vezes a atenção para o aspecto da mancha de pelo branco de que já falei, e que era a única diferença aparente entre o estranho animal e aquele que eu tinha eliminado."

"Era agora a imagem de uma coisa abominável e sinistra: a imagem da forca!."

4. Resposta pessoal.

#### AULA 7 - 50 MIN

---



##### **Passo 1**

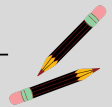
1. Resposta pessoal.

##### **Passo 4**

1. O narrador se mostra tranquilo, autoconfiante e certo de que seu crime não será descoberto.

#### AULA 8 - 50 MIN

---



##### **Passo 3**

1. A expressão "doze braços vigorosos atacavam a parede" é uma expressão que substitui a figura dos 6 policiais que estavam investigando a casa do narrador-personagem do conto "O gato preto" de Edgar Allan Poe.

2. A metonímia é uma figura de linguagem que visa substituir um termo por outro, usando uma característica do termo substituído de forma indireta, dando maior estilo ao texto. Ao substituir a figura dos seis policiais que estavam investigando a casa do narrador-personagem por "braços vigorosos", o autor confere ao texto mais intensidade e drama à cena descrita.

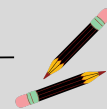
##### **Passo 4**

1. Resposta pessoal.

2. Resposta pessoal.

# INTERPRETAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN



## Passo 1

1. A esposa fazia frequentes alusões à crença popular que considera todos os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas.
2. O gato fugia do narrador, pois tinha medo dele e, por conta disso, o narrador se sentia agravado por esta evidente antipatia da parte de um animal que outrora tanto gostara dele, então, tomado pela perversidade, matou o gato.
3. Porque ele havia matado o gato e ficou com medo de a imagem do gato ser um presságio fantasmagórico de que o animal havia voltado para se vingar.
4. Com o tempo o seu caráter e temperamento sofreram uma alteração radical, devida à intemperança e, principalmente, à pior das doenças: o alcoolismo.
5. Ele estava com medo do fantasma do gato que havia aparecido na figura que ele viu na parede após o incêndio, então em um ato de quase remorso, ele procurou por um outro animal da mesma espécie e bastante parecido que preenchesse o seu lugar.
6. O narrador possuía um certo sentimento de vergonha por ter sido tão cruel com o Plutão, então, a lembrança do meu anterior ato de crueldade o impediu de maltratar fisicamente o segundo gato.
7. O segundo gato era muito parecido com Plutão, a única coisa que os diferenciava era uma mancha de pelo branca que o segundo gato tinha no peito. Esse fato já fazia o narrador ficar desconfortável, mas o que causou o verdadeiro pavor, foi essa mancha do segundo gato ter assumido a forma de uma forca, objeto que o homem havia utilizado para matar o primeiro gato.
8. "Ah, nem de dia nem de noite, nunca, oh!, nunca mais, conheci a bênção do repouso! Durante o dia o animal não me deixava um só momento. De noite, a cada hora, quando despertava dos meus sonhos cheios de indefinível angústia, era para sentir o bafo quente daquela coisa sobre o meu rosto e o seu peso enorme, encarnação de um pesadelo que eu não tinha forças para afastar, pesando-me eternamente sobre o coração."

AULA 2 - 50 MIN




9. No início do conto, somos apresentados a um homem de coração nobre e que amava os animais. No meio do conto, descobrimos que esse homem se tornou um alcoólatra, que desprezava e maltratava os animais e, também, a sua esposa, pois chegou a bater nela. Ao término do conto, vemos um personagem completamente transtornado, raivoso e perverso que, ao matar a própria esposa, não sentiu nenhum remorso, pelo contrário, vangloriando-se por ter escondido muito bem o cadáver dela.

10. Em sua esposa. Ele a matou com uma machadada na cabeça.
11. Cortar o corpo em pequenos pedaços e destruí-los um a um pelo fogo; abrir uma cova no chão da cave; deitá-lo ao poço do jardim; metê-lo numa caixa como qualquer vulgar mercadoria e arranjar um carregador para o tirar de casa e emparedá-lo na cave como, segundo as narrativas, faziam os monges da Idade Média às suas vítimas.
12. Porque ele ficou se gabando muito de ter feito um bom trabalho ao emparedar o cadáver da esposa na cave e quando os policiais estavam indo embora, ele fez questão de falar sobre as paredes e ao bater nelas com a bengala que estava na sua mão, ouviram como resposta o miado do gato. Então, os policiais derrubaram a parede e encontraram o cadáver.
13. Resposta pessoal.
14. Resposta pessoal.
15. Os dois eram pretos, possuíam um único olho, eram extremamente inteligentes e seguiam o narrador por todo o lado. A única diferença que possuíam é que o segundo gato possuía uma mancha de pelos brancos no peito e o Plutão era completamente preto.
16. Resposta pessoal.
17. Presente: "- Sim, mesmo aqui, nesta cela de malfeitor, eu me envergonho de admitir -".  
Pretérito: "Uma noite, estava eu sentado meio aturdido num antro mais do que infamante, a minha atenção foi despertada por um objecto preto que repousava no topo de um dos enormes toneis de gin ou de rum que constituíam o principal mobiliário do compartimento. Havia minutos que olhava para a parte superior do tonel, e o que agora me causava surpresa era o facto de não me ter apercebido mais cedo do objecto que estava em cima."
18. A utilização do presente é quando ele está nos contando a história e, o pretérito, é a história contada.
19. Resposta pessoal.

# PRODUÇÃO TEXTUAL

## AULA 1 - 50 MIN

---



### Passo 1


Resposta pessoal.

### Passo 2

Resposta pessoal.

## AULA 2 - 50 MIN

---



### Passo 2

1. Narrativa sintética, sem maiores detalhamentos, deixando que o leitor infira sobre os elementos que a compõem.

2.

- Narrador: narrador de 3ª pessoa, verbos como "queria", "entendia" e "salvava."
- Enredo: narra um diálogo, uma situação cotidiana escolar.
- Clímax: momento em que o "outro" não entendeu a pergunta, causa um certo desconforto para se saber qual seria a resposta.
- Desfecho: momento em que se encerra a narrativa: "o sinal do recreio salvava ambos."
- Personagens: são dois os personagens. Podem ser colegas de classe em um diálogo ou mesmo um professor fazendo perguntas aos alunos e um aluno sem entender as questões do professor.
- Tempo: narrativa no pretérito imperfeito do indicativo em que o fato ocorrido no passado não foi completamente terminado. O pretérito imperfeito do indicativo também pode ser usado como futuro do pretérito para indicar uma ação consequente de outra que acabou por não acontecer. Há também o uso do verbo "salvar" no pretérito imperfeito do indicativo que mostra uma ação habitual, corriqueira que, provavelmente, era comum, sempre acontecia.
- Ambiente: a sala de aula ou algum outro espaço escolar.

# 4

## "O Imortal Mortal"

de Mary Shelley

### Dados da aula



Público

alvo: Alunos do 1º ano do ensino médio.

Sequência  
Didática:

Esta sequência didática se divide em 4 Momentos: Motivação, Introdução, Leitura/Interpretação e Produção de Texto.

Duração das  
atividades: 12 aulas.



## 1º MOMENTO



### MOTIVAÇÃO

A Motivação se divide em 4 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é despertar a curiosidade dos alunos acerca da temática "A imortalidade" e, também, prepará-los para a leitura do conto "O Imortal Mortal" de Mary Shelley que é o foco central desta sequência didática.

AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá iniciar a aula compartilhando de modo impresso ou por meio do *datashow* a imagem abaixo:



Fonte: <https://cdn.falauniversidades.com.br/wp-content/uploads/2020/07/28105127/alquimista.jpg>. Acesso em: 2 set. 2022.

**Passo 2:** Após a partilha, o professor fará, de forma oral, os seguintes questionamentos:

1. Descreva o que você vê na imagem acima.
2. No link acima, de onde foi retirada a imagem, há o registro da palavra "alquimista" que significa: aquele que se ocupa da alquimia. O que vem a ser alquimia?
3. Em sua opinião, a poção que o alquimista está criando tem uma finalidade? Justifique.
4. Ao longo da história da humanidade sempre existiu um assunto que fascinou o ser humano: a imortalidade. Comente o que você sabe a respeito deste assunto.
5. O professor pedirá aos alunos que compartilhem com a turma filmes, séries, desenhos ou livros que tratem sobre a temática "Imortalidade".
6. Se você descobrisse que é imortal, o que você faria de diferente na sua vida?

AULA 2 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá organizar as carteiras da sala em formato de meia lua para promover um pequeno debate entre os alunos. O professor deverá iniciar a aula reproduzindo o trailer do filme *A Incrível História de Adaline* disponível no link ou no QR code:



<https://www.youtube.com/watch?v=ZzirthtD7kM>



**Passo 2:** Ao término da reprodução do trailer, o professor compartilhará com a turma a sinopse do filme de acordo com o modelo abaixo:

Adaline Bowman (Blake Lively) nasceu na virada do século XX. Ela tinha uma vida normal até sofrer um grave acidente de carro. Desde então, ela, milagrosamente, não consegue mais envelhecer, tornando-se um ser imortal com a aparência de 29 anos. Ela vive uma existência solitária, nunca se permitindo criar laços com ninguém para não ter seu segredo revelado. Ela conhece o jovem filantropo, Ellis Jones (Michiel Huisman), um homem por quem pode valer a pena arriscar sua imortalidade.

Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-227851/> Acesso em: 2 set. 2022. Adaptado.

**Passo 3:** Em seguida, o professor fará as seguintes perguntas oralmente para a turma:

1. A protagonista do filme, Adaline, está condenada a ver todas as pessoas que ama morrerem ao seu redor. Se você estivesse no lugar dela, aguentaria carregar esse fardo em troca da vida eterna? Por quê?
2. Na sinopse acima, descobrimos que no início do filme Adaline vive uma existência solitária, pois não se permite criar laços com ninguém para não ter seu segredo revelado. Entretanto, ela se apaixona e decide arriscar sua imortalidade por amor. Você faria a mesma escolha que Adaline fez ou preferiria continuar sozinho a evitar a dor de ver mais uma pessoa amada morrer? Quais razões lhe levou a escolher essa opção?
3. Para muitos, o medo da morte é mais assustador que viver eternamente na solidão. Você é uma dessas pessoas? Pensar na morte lhe assusta? Por quê?
4. Para você, a vida eterna é uma dádiva ou uma maldição? Use argumentos que convençam a turma sobre a sua escolha.
5. Você é imortal e já realizou todos os seus sonhos e por conta disso vive entediado. Então, você teve uma ideia genial: usará sua imortalidade para ajudar o mundo, mas, para isso, terá que escolher uma profissão que se encaixe perfeitamente com a missão que quer executar. Compartilhe com a turma qual seria essa profissão e os motivos que o fez escolhê-la.



**Passo 1:** O professor iniciará a aula passando o seguinte comando no quadro e pedirá aos alunos que copiem no caderno:



Imagine que, em um certo dia, você acorde e descubra que não pode mais se machucar. Com o passar do tempo, você percebe que não está mais envelhecendo, então descobre que se tornou uma pessoa imortal. Contudo, o que deveria ser visto como uma dádiva, acabou se tornando uma maldição, pois você já está vivo há milhões de anos, já vivenciou a humanidade sendo extinta e está sozinho no universo. Metaforicamente, você está em uma prisão perpétua dentro da solidária e a única coisa que lhe distrai é escrever poemas. Sendo assim, o seu próximo desafio é justamente este: **escrever um poema sobre a solidão ou sobre a maldição da imortalidade.**

**Passo 2:** Após copiarem o comando, o professor deverá orientar os alunos em relação à escrita poética através de uma roda de conversa em que todos compartilham suas experiências sobre o gênero poema. Em seguida, pedirá que os alunos façam a tarefa.



**Passo 1:** O professor iniciará a aula pedindo para os alunos formarem um círculo.

**Passo 2:** O professor pedirá que os alunos compartilhem com a turma a leitura, em voz alta, dos poemas criados.

## ALÉM DA SALA DE AULA



Filmes que tratam do tema imortalidade

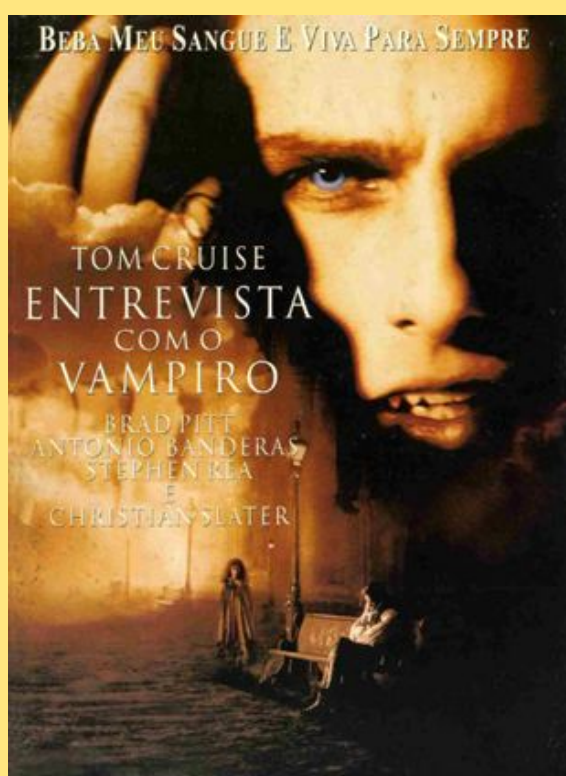


Fonte: [https://br.web.img3.acsta.net/c\\_310\\_420/medias/nmedia/18/95/59/60/20417256.jpg](https://br.web.img3.acsta.net/c_310_420/medias/nmedia/18/95/59/60/20417256.jpg). Acesso em: 2 set. 2022.

### HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL

**Sinopse:** Harry Potter (Daniel Radcliffe) é um garoto órfão de 10 anos que vive infeliz com seus tios, os Dursley. Até que, repentinamente, ele recebe uma carta contendo um convite para ingressar em Hogwarts, uma famosa escola especializada em formar jovens bruxos. Inicialmente, Harry é impedido de ler a carta por seu tio Válter (Richard Griffiths), mas logo ele recebe a visita de Hagrid (Robbie Coltrane), o guarda-caça de Hogwarts, que chega em sua casa para levá-lo até a escola. A partir de então, Harry passa a conhecer um mundo mágico que jamais imaginara, vivendo as mais diversas aventuras com seus mais novos amigos, Rony Weasley (Rupert Grint) e Hermione Granger (Emma Watson).

Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-29276/>. Acesso em: 2 set. 2022.



Fonte: [https://br.web.img3.acsta.net/c\\_310\\_420/medias/nmedia/18/96/54/43/20474255.jpg](https://br.web.img3.acsta.net/c_310_420/medias/nmedia/18/96/54/43/20474255.jpg). Acesso em: 2 set. 2022.

### ENTREVISTA COM O VAMPIRO

**Sinopse:** São Francisco, anos 1990. Um jornalista entrevista um jovem que afirma ser vampiro narrando suas experiências dos últimos 200 anos. Em *flashback*, conhecemos Louis de Pointe du Lac (Brad Pitt), um homem que perdeu a mulher em trabalho de parto. Com a ajuda de uma criatura da noite, Lestat de Lioncourt (Tom Cruise) se torna um vampiro e precisa aprender uma nova forma de vida.

Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-11234/>. Acesso em: 2 set. 2022.

## 2º MOMENTO



## INTRODUÇÃO

A Introdução se divide em 2 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é fazer com que os discentes conheçam a escritora Mary Shelley e sejam introduzidos às suas obras.

### AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá iniciar a aula entregando de forma impressa ou projetando no *datashow* as imagens abaixo:

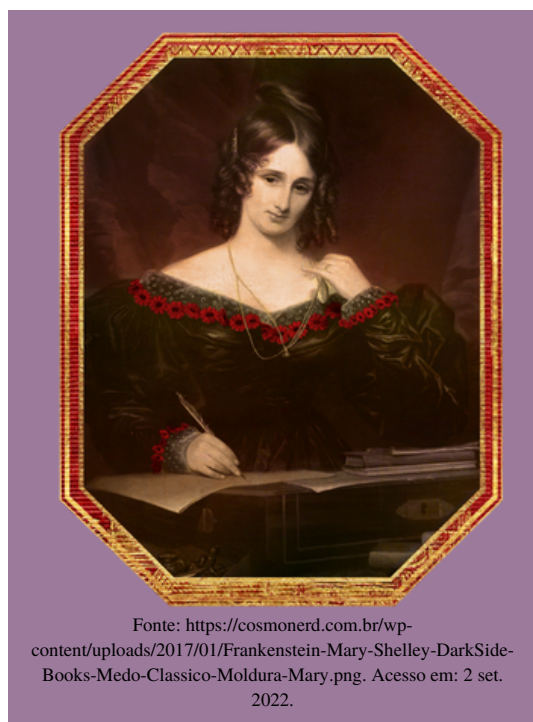


**Passo 2:** Após os alunos analisarem as imagens acima, o professor deverá realizar as seguintes perguntas oralmente:

1. Quem é o personagem presente nas imagens acima?
2. Na cultura popular, esse personagem é comumente chamado de Frankenstein, mas, na realidade, a criatura não possui um nome. Então, reflita, por que a maioria das pessoas o chama assim?
3. Se o monstro não é o Frankenstein, quem vocês acham que é o verdadeiro Frankenstein? Será que ele existe? Ou é apenas o nome de uma obra e não tem nada a ver com o texto em si?
4. Qual foi o primeiro contato que vocês tiveram com o personagem acima? Já assistiram a algum filme sobre ele? Ou leram algum livro? Conte sobre a sua experiência com Frankenstein para os colegas de turma.

**Passo 3:** Após as respostas dos alunos, o professor entregará de forma impressa ou projetará no *datashow* a imagem e o texto abaixo cuja biografia é da escritora Mary Shelley e convidará os alunos a acompanharem a leitura de sua biografia.

Vejam a imagem abaixo da escritora:



## Mary Wollstonecraft Shelley



MARY SHELLEY nasceu em Londres em 1797. Filha da pioneira do feminismo Mary Wollstonecraft e do filósofo William Godwin, teve a infância marcada pela tragédia da morte da mãe ocorrida apenas onze dias após seu nascimento devido a complicações no parto.

Em 1814, conheceu Percy Bysshe Shelley. Após o suicídio da primeira esposa dele, casou-se com Shelley em 1816, ato que a levou a ser repudiada pelo pai.

Entre 1818 e 1822, o casal viveu na Itália e teve quatro filhos, sendo que apenas um, Percy Florence, sobreviveu.

Após a morte do marido em um naufrágio, Mary decidiu voltar para a Inglaterra com o filho e viver como escritora profissional.

Além de *Frankenstein*, romance gótico fundamental na história do horror moderno e um dos livros fundadores da ficção científica, Mary Shelley escreveu contos, ensaios e romances entre os mais diversos gêneros, como *Valperga* (1823), *The Last Man* (1826), *Perkin Warbeck* (1830) e *Lodore* (1835). Organizou também a antologia poética de P.B. Shelley em 1839.

No dia 10 de fevereiro de 1851, Mary Shelley morreu em Londres. Entre seus diversos legados e sua importância ímpar, ela deixa conosco, acima de tudo, a marca de um cientista enlouquecido pelo poder e a sina de sua horrenda e infeliz criatura.

Fonte: SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017. Acesso em: 2 set. 2022. Adaptado.



**Passo 1:** Ao término da leitura da biografia da Mary Shelley, o professor deverá compartilhar com a turma, de forma impressa ou projetada no *datashow* a curiosidade a seguir:



### Conheça a história por trás da criação de *Frankenstein*

A ideia para *Frankenstein* surgiu em uma noite chuvosa de verão na Suíça.

Mary Shelley passava férias ao lado de dois poetas ingleses: Percy Bysshe Shelley, seu futuro marido, e o célebre Lord Byron, locatário da residência onde o casal estava hospedado. Como os três estavam presos em casa em função da tempestade, Lord Byron sugeriu um passatempo. O poeta, ícone do romantismo, desafiou cada um dos presentes a escrever uma história de fantasmas (e não poderia haver atmosfera mais adequada à temática!).

Em um primeiro momento, Mary Shelley relutou em aceitar o desafio. Alguns dias depois, entretanto, na madrugada de 16 de junho de 1816, a escritora teve a visão de um jovem estudante dando vida a ossos que havia recolhido de uma sepultura. Assim, com apenas 18 anos, Mary Shelley criou Frankenstein. A ideia virou um conto e foi apresentado aos demais presentes na casa.

Incentivada por Percy Bysshe Shelley, Mary trabalhou para desenvolver o conto e transformá-lo em um romance, essencialmente próximo da história original. No livro, o jovem estudante de medicina Victor Frankenstein (que, na cultura popular, acabou por emprestar ao monstro seu nome) dá vida a uma criatura a partir de cadáveres. O monstro, abandonado pelo criador, começa a assimilar os sentimentos humanos e a compreender sua triste condição, revoltando-se e perseguindo Frankenstein.

A primeira vez que Mary Shelley teve seu romance publicado foi sem seu nome, pois sua autoria era questionada sob argumento de que uma mulher tão jovem não poderia imaginar uma obra com aquela originalidade. Tornou-se um marco numa época em que o cenário literário era predominantemente dominado por homens. Mary Shelley foi inspirada por *A vindication on the rights of woman*, obra de sua mãe, a feminista *avant la lettre*, Mary Wollstonecraft, que carrega nas consequências de uma construção social de gênero a valorização de que homens são superiores às mulheres.

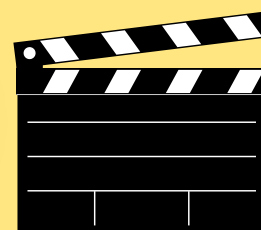
Fonte: <https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/323-conheca-a-historia-por-tras-da-criacao-de-frankenstein#:~:text=A%20primeira%20vez%20em%20que,era%20predominantemente%20dominado%20por%20homens>. Acesso em: 2 set. 2022. Adaptado.

**Passo 2:** Após a leitura, o professor deverá fazer as seguintes perguntas:

1. Vimos no texto acima que a Mary Shelley foi desafiada por Lord Byron, ícone do Romantismo, a escrever uma história de fantasmas. Então, ela criou um dos mais célebres romances góticos: *Frankenstein*. Poderíamos dizer que esta obra traz características do Romantismo? Se sim, quais?
2. Por que motivo a primeira obra publicada por Mary Shelley não recebeu sua autoria?
3. Como as mulheres eram vistas no século XIX quando a obra de Mary Shelley foi escrita?
4. Se Mary Shelley vivesse hoje em dia e assinasse sua obra *Frankenstein*, como você acredita que a obra seria recebida pelo público?

**Passo 3:** Atividade para casa. O professor pedirá aos alunos que assistam, em casa, ao filme *Mary Shelley* e ao episódio "The Haunting of Villa Diodati" do seriado *Doctor Who* para conhecimento sobre a vida, a obra e curiosidades sobre Mary Shelley.

## ALÉM DA SALA DE AULA



Fonte:

[https://br.web.img3.acsta.net/c\\_310\\_420/pictures/18/04/13/09/34/0554827.jpg](https://br.web.img3.acsta.net/c_310_420/pictures/18/04/13/09/34/0554827.jpg). Acesso em: 2 set. 2022.

**Veja a capa do filme *Mary Shelley*:**

MARY SHELLEY

**Sinopse:** A história do romance entre o carismático poeta Percy Shelley e Mary Wollstonecraft, uma jovem de 17 anos que viria a se tornar a aclamada escritora Mary Shelley.

Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-230645/>. Acesso em: 2 set. 2022.



Fonte:

<https://www.bbc.co.uk/programmes/p082x9r3/p0832h5x>. Acesso em: 2 set. 2022.

**Veja a capa do episódio de *Doctor Who*:**

Série: *Doctor Who*

Nome do Episódio: *The Haunting of Villa Diodati*

Temporada: 12 Episódio: 8

**Sinopse:** A trama se desenrola na Villa Diodati, mansão alugada por Lord Byron (Jacob Collins-Levy) em 1816. O poeta está reunido com Mary Shelley (Lili Miller), John Polidori (Maxin Baldry) e Claire Clairmont (Nadia Parkes) quando a Doutora (Jodie Whittaker) e seus companheiros batem à porta em meio à tempestade. O objetivo deles é testemunhar a noite em que o clássico *Frankenstein* seria escrito por Mary, porém acontecimentos estranhos parecem desviar o curso da história. O que eles descobrem logo em seguida é que a casa está envolvida por um filtro de percepção cuja finalidade é manter do lado de fora um visitante indesejado: Ashad, o Cyberman Solitário (Patrick O'Kane).

Fonte: <https://quartaparede.com.br/criticas/doctor-who-12x8-the-haunting-of-villa-diodati-review/>. Acesso em: 2 set. 2022.

## 3º MOMENTO



### LEITURA/ INTERPRETAÇÃO

O terceiro momento se divide em 4 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é realizar a leitura do conto "O Imortal Mortal" de Mary Shelley usando o texto de forma compartimentada para aprofundá-lo.

AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** Leitura compartimentada. O professor entregará, de forma impressa para os alunos, o conto a seguir. Na sequência, realizará a leitura oral das páginas 287 a 290 do conto "O Imortal Mortal" e os alunos acompanharão com uma leitura silenciosa. De acordo com as imagens abaixo:

## PARA ALÉM DO TEXTO

### O mito do Judeu Errante



Como aponta Câmara Cascudo, em *Dicionário do folclore brasileiro*, Ahasverus, o Judeu Errante, era um sapateiro em Jerusalém que, ao ver Cristo passando com a cruz sobre os ombros, teria dito ao Salvador, empurrando-o: "Vá andando, vá logo". Jesus, como represália, o teria condenado a vagar sem descanso nem rumo certo até o final dos tempos.

Conforme diz Marie-France Rouart, em *Dicionário dos mitos literários*, distintas denominações foram atribuídas ao herói: para os poetas alemães, ele se tornou o Judeu Eterno; para os ingleses, o Judeu Vagabundo; para os espanhóis, o Judeu que espera por Deus. O mito recebeu várias interpretações ao longo dos séculos, em diferentes lugares, mas sempre mantendo essa estrutura básica. Embora as primeiras manifestações da lenda datem do século XIII, nos oitocentos é que o mito do Judeu Errante ganhou versões literárias que o celebrizaram: a epopéia *Ahasverus* (1833), de Edgar Quinet; o romance-folhetim *O Judeu Errante* (1844-1845), de Eugène Sue; e o romance inacabado *Isaac Laquedem* (1853), de Alexandre Dumas pai.

Fonte: <https://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/voce-conhece-o-mito-do-judeu-errante/>. Acesso em: 2 set. 2022.

## TRECHO 1

### O IMORTAL MORTAL

16 de julho de 1833

Esta é uma data memorável para mim. Nela, completo os meus trezentos e vinte e três anos!

O judeu errante? Certamente não. Mais de dezoito séculos se passaram sobre a cabeça dele. Em comparação, sou um imortal muito jovem. Seria, então, imortal? Essa é uma pergunta que me tenho feito, dia e noite, pelos últimos trezentos e três anos, e ainda não fui capaz de responder. Hoje mesmo encontrei um fio de cabelo grisalho em meio aos meus cachos castanhos, e isso sem dúvida significa decrepitude. No entanto, ele pode ter ficado escondido ali por trezentos anos — afinal, algumas pessoas ficam com o cabelo totalmente branco antes dos vinte.

Contarei minha história e o leitor deve julgar por si. Vou revelar minha vida e, assim, poderei passar algumas poucas horas de uma longa eternidade que se tornou demasiadamente enfadonha para mim. Para sempre! Isto seria possível: viver para sempre? Ouvi falar de encantamentos em que as vítimas foram mergulhadas em um sono profundo e acordaram, depois de cem anos, com a mesma disposição de antes; ouvi falar dos sete adormecidos — desta maneira, ser imortal não seria um fardo muito grande, mas o peso do tempo interminável, a tediosa passagem das horas que se sucedem! Como foi feliz o lendário Nour-Jahad...! Mas vamos à minha história.

Todo mundo já ouviu falar de Cornélio Agrippa. Sua memória é tão imortal quanto suas artes me tornaram. Todo mundo também conhece a história de seu aprendiz que, por descuido, durante a ausência de seu mestre, despertou um demônio do mal e foi destruído por ele. O rumor desse acidente, verdadeiro ou falso, foi acompanhado por diversos inconvenientes que se apresentaram ao renomado filósofo. Todos os seus alunos o abandonaram de uma vez só; seus empregados desapareceram. Ele não tinha ninguém por perto para colocar carvão em suas fornalhas que queimavam sem descanso enquanto dormia, ou para observar as cores mutáveis de suas poções enquanto estudava. Os experimentos falharam um após o outro porque apenas um par de mãos era insuficiente para completá-los: os espíritos das trevas zombavam dele por não ser capaz de manter um único mortal ao seu serviço.

Na época, eu era muito jovem, muito pobre e muito apaixonado. Fora aluno de Cornélio por cerca de um ano, embora estivesse ausente quando o acidente ocorreu. Quando retornei, meus amigos imploraram para que não voltasse à residência do alquimista. Estremeci quando ouvi a história pavorosa que me contaram; não foi necessário um segundo aviso; e quando Cornélio me ofereceu um saco de ouro caso eu permanecesse sob seu teto, senti como se o próprio Satã me tentasse. Meus dentes bateram, meu cabelo ficou em pé... e corri o mais rápido que meus joelhos trêmulos permitiram.

Meus passos vacilantes se dirigiram para onde, durante dois anos, eles eram atraídos todas as noites: uma nascente de água fresca e pura, a borbulhar levemente, ao lado da qual se demorava uma garota de cabelos escuros, cujos olhos radiantes estavam fixos no caminho que eu costumava trilhar toda noite. Não me lembro de momento algum em que não tenha amado Bertha; fomos vizinhos e companheiros de brincadeiras desde a infância — os pais dela, assim como os meus, eram de origem humilde mas respeitável, e nosso apego mútuo foi motivo de prazer para eles. Em um mau momento, uma febre maligna levou seu pai e sua mãe, deixando Bertha órfã. Ela teria encontrado um lar embaixo de meu teto paterno, mas, infelizmente, uma velha senhora de um castelo nas proximidades — rica, sem filhos e solitária — declarou sua intenção de adotá-la. Desde então, Bertha passou a se vestir com seda, habitava um palácio de mármore e consideravam-na altamente favorecida pela sorte. Entretanto, em sua nova condição, entre novos companheiros, Bertha manteve-se fiel ao amigo de seus dias mais modestos: ela inúmeras vezes visitou o chalé de meu pai e, quando foi proibida de continuar indo, caminhava pelo bosque vizinho e ia me encontrar ao lado da fonte, à sombra.

Bertha declarava com frequência que não devia para sua nova protetora obrigação alguma tão sagrada quanto a que nos unia. No entanto, eu ainda era pobre demais para me casar, e ela se cansou de ficar aflita por minha causa. Tinha um espírito altivo, porém impaciente, e ficava irritada com os obstáculos que impediam nossa união. Reencontramo-nos agora, depois de um tempo afastados, e ela havia sido insistentemente assediada em minha ausência; queixou-se de forma um tanto amarga e quase me repreendeu por ser pobre. Respondi precipitadamente:

— Sou honesto, apesar de pobre! Se não fosse, poderia ficar rico em breve!

Essa exclamação rendeu mil perguntas. Temi chocá-la se revelasse a verdade, mas ela a arrancou de mim e, em seguida, lançando-me um olhar de desprezo, disse:

— Você finge amar e tem medo de enfrentar o Diabo por minha causa!

Proteste dizendo que somente temia ofendê-la, enquanto ela insistia na magnitude da recompensa que eu receberia. Assim encorajado — humilhado por ela —, guiado por amor e esperança, rindo de meus temores recentes, com passos rápidos e coração leve, voltei para aceitar a oferta do alquimista e na mesma hora instalei-me em meu posto.

Um ano se passou. Tornei-me possuidor de uma quantia de dinheiro significativa. O hábito havia afugentado meus medos. Apesar da mais árdua vigilância, jamais deparara com o rastro de um casco fendido, nem o silêncio zeloso de nossa moradia foi alguma vez perturbado por uivos demoníacos. Prossegui com meus encontros furtivos com Bertha e comecei ter esperança — apenas esperança —, mas não perfeita alegria, pois Bertha imaginava que amor e segurança eram inimigos, e seu prazer era dividi-los em meu peito. Embora sincera de coração, tinha modos um tanto levianos, e eu era ciumento como um turco. Desprezava-me de mil maneiras, mas nunca reconhecia estar errada. Deixava-me louco de raiva e, em seguida, forçava-me a lhe pedir perdão. Às vezes, considerava que eu não era suficientemente submisso e contava a história de um rival favorito de sua protetora. Ela estava cercada por jovens vestidos de seda — os ricos e alegres —; que possibilidade teria o aluno de Cornélio, vestindo trajes deprimentes, se comparados a eles?

Em certa ocasião, o filósofo exigiu tanto do meu tempo que não fui capaz de ir ao seu encontro, como de costume. Ele estava envolvido em alguma obra grandiosa, e fui forçado a permanecer, dia e noite, alimentando as fornalhas e vigiando os preparados químicos. Bertha ficou me esperando perto da fonte em vão. Seu espírito arrogante se inflamou com essa negligência, e quando enfim saí às escondidas durante os poucos minutos que me eram atribuídos para descanso, esperando que me consolasse, recebeu-me com desdém, dispensou-me com desprezo e jurou que qualquer homem, que não aquele incapaz de estar em dois lugares ao mesmo tempo por amor a ela, poderia possuir sua mão. Ela iria se vingar! E, de fato, o fez. Em meu lúgubre retiro, fiquei sabendo que ela tinha ido caçar acompanhada por Albert Hoffer. Ele era o favorito de sua protetora, e os três passaram em cavalgada diante de minha janela esfumaçada. Tive a impressão de que mencionaram meu nome, seguido por um riso de escárnio, enquanto os olhos escuros de Bertha fitavam com desprezo minha moradia.

O ciúme, com todo o seu veneno e tormento, entrou em meu peito. Ora derramava uma torrente de lágrimas, pensando que nunca poderia chamá-la de minha; e, sem demora, rogava mil pragas e maldições por sua inconstância. Contudo, ainda precisava atizar os fogos do alquimista e observar as mudanças de suas poções ininteligíveis.

Cornélio estava de vigília há três dias e três noites, sem fechar os olhos. O progresso de seus alambiques mostrava-se mais lento do que ele esperava: apesar da ansiedade, o sono pesava sobre suas pálpebras. Repetidas vezes afastou a sonolência com energia sobre-humana; vez ou outra, ela lhe roubou a consciência. Fitava os cadinhos melancolicamente.

— Ainda não está pronto — murmurava. — Outra noite se passará antes que o trabalho esteja concretizado? Winzy, você está alerta, é fiel. Você dormiu, meu rapaz, dormiu na noite passada. Olhe aquele frasco de vidro. O líquido que ele contém é de uma cor rosa suave: acorde-me no momento em que começar a mudar de cor; até lá, posso fechar meus olhos. Primeiro ficará branco e depois emitirá lampejos dourados, mas não espere até que isso aconteça; quando a cor rosada esmaecer, desperte-me.

1 O judeu errante, ou *Ahasverus*, é um personagem pertencente à tradição oral cristã. Ahasverus atravessou o caminho de Jesus, quando ele estava a caminho do Calvário, e este lhe amaldiçoou, condenando-o a errar pelo mundo até o fim dos tempos. [NE]

2 Protagonista de uma história da irlandesa Frances Sheridan, *The History of Nourjahad*. Também aborda a questão da imortalidade na literatura e na mitologia. Lucy Morisson e Staci Stone. A Mary Shelley Encyclopedia. London: Greenwood Press, 2003, p. 307.

Fonte: SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017, p. 287-299.

**Passo 2:** Ao término da leitura, o professor pedirá para os alunos responderem no caderno às questões a seguir que deverão estar, preferencialmente, impressas juntamente com o conto. Caso não seja possível a impressão, pedir aos alunos que copiem em seus cadernos:

1. Leia a caixinha de curiosidade e responda: Quem foi o Judeu Errante?
2. Qual foi a punição que o Judeu Errante recebeu por ter empurrado Jesus?
3. O que o Judeu Errante e o protagonista do conto de Shelley têm em comum? E o que têm de diferente?
4. Para o narrador, qual o maior fardo que a imortalidade carrega?
5. Quais razões levaram o narrador a aceitar a trabalhar com Cornélio Agrippa?
6. Por que Winzy se considerava inferior em relação aos demais pretendentes de Bertha?
7. Em sua opinião, a forma como Bertha trata Winzy é saudável? Ou ela demonstra possuir traços de uma pessoa tóxica? Justifique com uma passagem do texto.
8. Qual você acredita ser a finalidade do líquido rosa criado por Cornélio Agrippa?

AULA 2 - 50 MIN



**Passo 1:** Leitura compartimentada. O professor entregará, de forma impressa, para os alunos, o conto a seguir. Na sequência, ele realizará a leitura oral das páginas 290 a 294 do conto "O Imortal Mortal" e os alunos acompanharão com uma leitura silenciosa.

## TRECHO 2

Mal pude ouvir as últimas palavras, pois foram murmuradas em sonolência. Nem assim ele cedeu totalmente à natureza.

— Winzy, meu rapaz — falou —, não toque no recipiente nem o coloque em seus lábios: é um filtro amoroso, um filtro para curar o amor; não lhe agradaria deixar de amar sua Bertha. Cuidado, não beba! E ele dormiu. Sua venerável cabeça se afundou no peito e eu mal ouvia sua respiração regular. Por alguns minutos, observei o recipiente: o tom rosado do líquido manteve-se inalterado. Então, meus pensamentos devanearam — foram visitar a nascente e se estenderam em milhares de cenas encantadoras que nunca mais se repetiriam... Nunca! Serpentes e víboras habitavam meu coração enquanto metade da palavra «Nunca!» se formava em meus lábios. Moça falsa; falsa e cruel! Nunca mais sorriria para mim como sorriu aquela noite para Albert. Mulher desprezível e detestável! Eu não ficaria sem vingança: ela veria Albert expirar aos seus pés, morreria sob minha desforra. Sorriria desdenhosa e triunfante; sabia de meu infortúnio e de seu próprio poder. Todavia, que poder tinha ela? O poder de despertar meu ódio, meu desprezo absoluto, meu... ah, tudo, exceto indiferença! Se eu pudesse conseguir isso — se fosse capaz de olhar para ela com desinteresse, transferindo meu amor rejeitado para uma moça mais leal e sincera, isso seria de fato uma vitória!

Um lampejo dardejou diante de meus olhos. Esquecera-me da poção do perito; olhei para ela maravilhado: clarões de admirável beleza, mais brilhantes do que os emitidos pelo diamante quando sobre ele incidem os raios do sol, resplandeciam na superfície do líquido. Um agradável odor perfumado tomou meus sentidos; o frasco parecia um globo vivo resplandecente, adorável aos olhos e muito convidativo ao

paladar. O primeiro pensamento, instintivamente inspirado pelo sentido mais grosseiro, foi: «« Eu quero... preciso beber». Levei o frasco aos lábios. «Isso vai me curar do amor, da tortura!» Já tinha bebido metade do líquido mais delicioso jamais provado pelo paladar do homem quando o filósofo começou a despertar. Assustei-me... derrubei o recipiente... o fluido inflamou-se e se espalhou reluzente pelo chão, enquanto eu sentia Cornélio apertando meu pescoço e gritando de maneira estridente:

— Desgraçado ! Você destruiu o trabalho de minha vida!

O filósofo não percebeu que eu havia bebido parte de sua poção. Sua noção, com a qual concordei tacitamente, era que eu tinha erguido o frasco por curiosidade, e que, assustado com seu brilho e os clarões de intensa luz que emanava, deixara-o cair. Nunca o desmenti. O fogo causado pela poção foi extinto, a fragrância evaporou-se, ele se acalmou, como um filósofo deve fazer diante das mais duras provações, e dispensou-me para que eu fosse descansar.

Não tentarei descrever o sono de glória e alegria que inundou minha alma de serenidade durante as horas restantes daquela noite memorável. As palavras seriam representações fracas e superficiais do prazer, ou da felicidade, que tomou conta de meu peito quando acordei. Eu flutuava — meus pensamentos estavam no céu. À terra parecia o paraíso, e a herança que eu deixaria seria um rastro de prazer. "Isto é estar curado do amor!, pensei. Verei Bertha hoje, e ela encontrará seu amado frio e indiferente: feliz demais para ser desdenhoso, porém completamente desinteressado!"

As horas passaram voando. O filósofo, confiante de que havia sido bem-sucedido e acreditando que poderia sê-lo mais uma vez, recomeçou o preparo da mesma poção. Ocupou-se com seus livros e suas drogas, e eu tinha um dia de folga. Vesti-me com cuidado; olhei-me em um escudo antigo, mas muito bem polido, que me servia de espelho; achei que minha aparência tinha melhorado maravilhosamente. Corri para além dos limites da cidade, com alegria na alma e a beleza do céu e da terra ao meu redor. Dirigi os passos rumo ao castelo — podia olhar suas torres majestosas com leveza no coração, pois estava curado do amor. Minha Bertha me viu de longe, enquanto eu subia a estrada. Não sei que súbito impulso animou meu peito, mas, quando me viu, desceu os degraus de mármore saltitando com a leveza de uma corça, correndo em minha direção. Porém, outra pessoa também me avistara. A velha bruxa de alta estirpe, que se considerava sua protetora, embora fosse sua tirana, também tinha me visto; coxeou ofegante até o terraço; uma ama, tão feia quanto ela, segurava a cauda de seu vestido e a abanava enquanto ela andava apressada e detinha minha bela moça, dizendo:

— O que é isso, ousada senhora ? Aonde vai com tanta pressa ? Volte para sua gaiola, os gaviões estão à solta !

Bertha agarrou as mãos da velha — seus olhos ainda voltados em minha direção enquanto eu me aproximava. Percebi a disputa. Como eu execrava a velha encarquilhada que impedia os bondosos impulsos do coração mole da minha Bertha. Até aquele momento, o respeito por sua posição fez com que eu evitasse a senhora do castelo; agora, desdenhava essa fútil consideração. Estava curado do amor e alçado acima de todos os temores humanos; adiantei-me rapidamente e logo cheguei ao terraço. Como Bertha estava linda! Os olhos faiscantes, as bochechas afogueadas de impaciência e raiva; estava mil vezes mais graciosa e encantadora do que nunca. Eu não mais a amava — oh, não! Eu a adorava, venerava, idolatrava! Naquela manhã, ela havia sido pressionada, com veemência mais acentuada que a costureira, para que consentisse em se casar de imediato com meu rival. Foi recriminada pelo encorajamento que lhe havia demonstrado, ameaçada de ser colocada porta afora em desgraça e vergonha. Seu espírito orgulhoso se rebelou diante da ameaça; mas quando ela se lembrou do desprezo que tinha acumulado por mim e como, talvez, por causa disso, tivesse perdido quem ela agora considerava seu único amigo, chorou de remorso e raiva. Cheguei naquele instante.

— Oh, Winzy! — exclamou. — Leve-me para a casa de sua mãe ; desejo me livrar rapidamente dos detestáveis luxos e das angústias desta nobre moradia. Conduza-me à pobreza e felicidade.

Apertei-a em meus braços com arrebatamento. A velha senhora ficou sem palavras de tanto ódio e irrompeu em insultos somente quando estávamos longe, a caminho de minha casa. Minha mãe recebeu a bela fugitiva, que havia escapado de sua gaiola dourada para a natureza e liberdade, com ternura e alegria;

meu pai, que nutria amor por ela, acolheu-a de coração; foi um dia de regozijo, que dispensou o acréscimo da poção celestial do alquimista para saciar-me de prazer.

Logo após esse dia agitado, tornei-me marido de Bertha. Deixei de ser aluno de Cornélio, mas continuei seu amigo. Sempre lhe fui grato por ter propiciado, inadvertidamente, aquele delicioso gole de um elixir divino, o qual, em vez de curar-me do amor (triste cura, remédio solitário e melancólico para males que são lembrados como bênçãos!), inspirou-me coragem e determinação, conquistando, assim, um tesouro inestimável em minha Bertha.

Frequentemente relembro com admiração aquele período de embriaguez extasiante. A bebida de Cornélio não cumpriu a tarefa para a qual, segundo ele, havia sido preparada, mas seus efeitos foram mais potentes e prósperos do que podem expressar as palavras. Eles tinham esvanecido aos poucos — embora tenham durado muito tempo —, pintando a vida com cores esplendorosas. Bertha muitas vezes maravilhava-se com minha leveza de coração e singular alegria, pois antes eu era bastante sério, ou até mesmo triste, em minha disposição. Ela me amava mais por meu temperamento animado, e nossos dias eram repletos de alegria. Cinco anos depois, fui subitamente chamado à cabeceira de Cornélio, que estava à beira da morte. Tinha mandado me chamar às pressas, implorando minha presença imediata. Encontrei-o estirado em sua cama, mortalmente debilitado; toda a vida que ainda lhe restava animava seus olhos penetrantes, que estavam fixos em um recipiente de vidro cheio de um líquido róseo.

— Contemple — disse ele com a voz frágil e entrecortada — a vaidade dos desejos humanos! Pela segunda vez, minhas esperanças estavam prestes a se realizar; pela segunda vez, elas foram destruídas. Olhe aquele líquido. Lembra-se de que cinco anos atrás preparei um igual, como mesmo êxito? E então, como agora, meus lábios sedentos esperavam saborear o elixir imortal, mas você o tirou de mim e é tarde demais! Falou com dificuldade e desabou em seu travesseiro. Não pude deixar de dizer:

— Como, venerado mestre, uma cura para o amor poderia lhe devolver a vida?

Um débil sorriso brilhou em seu rosto enquanto eu ouvia atentamente sua resposta quase ininteligível.

— Uma cura para o amor e para todas as coisas: o elixir da imortalidade. Ah, se eu agora pudesse bebê-lo, viveria para sempre!

Enquanto ele falava, um clarão dourado reluziu do fluido; uma fragrância que me era familiar espalhou-se pelo ar; ele se levantou, fraco como estava — a força pareceu milagrosamente retornar ao seu corpo —, e estendeu a mão. Uma forte explosão me assustou; um raio de fogo brotou do elixir e o frasco de vidro que o continha foi reduzido a estilhaços! Voltei os olhos para o filósofo: ele tinha caído para trás — seus olhos estavam vidrados e as feições, rígidas. Estava morto!

No entanto, eu vivia e viveria para sempre! Assim disse o desafor. Tunado alquimista e, durante alguns dias, acreditei em suas palavras. Lembrei-me da embriaguez gloriosa que se seguiu ao meu gole roubado. Refleti sobre a mudança que sentira em meu corpo, em minha alma, a palpante elasticidade de um, a leveza flutuante da outra. Olhei-me no espelho e não pude perceber qualquer mudança em minha fisionomia durante os cinco anos que se passaram. Lembrei-me das cores radiantes e do aroma agradável daquela deliciosa bebida — digna da dádiva que era capaz de conceder: eu era, então, imortal!

Poucos dias depois, ri de minha credulidade. O antigo provérbio que diz "ninguém é profeta em sua própria terra" mostrava-se verdadeiro no que dizia respeito a mim e ao meu falecido mestre. Eu o amava como homem, respeitava-o como sábio, mas achava ridícula a noção de que fosse capaz de dominar os poderes das trevas, e escarnecia do medo supersticioso que as pessoas comuns tinham dele. Era um filósofo sábio, mas não tinha familiaridade com quaisquer espíritos, exceto aqueles feitos de carne e osso. Sua ciência era meramente humana; e as ciências humanas, logo me convenci, jamais poderiam conquistar as leis da natureza a ponto de aprisionar a alma para sempre dentro de sua morada carnal. Cornélio tinha preparado uma bebida que refrescava a alma, mais inebriante do que vinho, mais doce e perfumada do que qualquer fruta: provavelmente possuía fortes poderes medicinais, dando alegria ao coração e vigor aos membros; mas seus efeitos se desgastariam; já haviam diminuído em meu corpo. Era um sujeito de sorte por ter bebido espíritos de saúde e alegria, e talvez de vida longa, das mãos de meu mestre; mas minha sorte terminava aí: longevidade era muito diferente de imortalidade.

**Passo 2:** Ao término da leitura, o professor pedirá para os alunos responderem no caderno as questões a seguir, que deverão, preferencialmente, estar impressas, juntamente com o conto. Caso isso não seja possível, passar as questões na lousa para os alunos copiarem.

1. Qual foi a motivação de Winzy para beber a poção?
2. Após tomar a poção, Winzy ficou extremamente feliz. Explique o que causou toda essa alegria.
3. O que a senhora que vivia com a Bertha quis dizer com: "Volte para sua gaiola, os gaviões estão à solta?"
4. Descobrimos que após tomar a poção, Winzy percebeu que adorava, venerava e idolatrava Bertha. Será que a poção não fez efeito? Ou será que ela teve um efeito reverso? Crie uma teoria que explique essa mudança de comportamento.
5. O que levou Bertha a renunciar à riqueza e aos luxos que possuía na casa da senhora com quem morava?
6. Winzy disse que "a bebida de Cornélio não cumpriu a tarefa para a qual, segundo ele, havia sido preparada, mas seus efeitos foram mais potentes e prósperos do que podem expressar as palavras". Quais foram esses efeitos?
7. Através da leitura, descobrimos que o líquido criado por Cornélio era, na realidade, o elixir da imortalidade. Você acertou? Explique sua resposta.
8. De acordo com seus conhecimentos, qual a diferença entre longevidade e imortalidade?

AULA 3 - 50 MIN

---



**Passo 1:** Leitura compartimentada. O professor entregará, de forma impressa para os alunos, o conto a seguir. Na sequência, ele realizará a leitura oral das páginas 290 a 294 do conto "O Imortal Mortal" e os alunos acompanharão com uma leitura silenciosa.

### TRECHO 3

Continuei a alimentar essa crença por muitos anos. Às vezes, um pensamento passava por minha cabeça: estaria o alquimista de fato enganado? No entanto, minha crença habitual era a de que eu teria o mesmo destino de todos os filhos de Adão em meu tempo determinado — um pouco tarde, mas ainda em uma idade natural. Contudo, era indiscutível que eu mantinha uma aparência maravilhosamente jovem. Riam de mim por causa de minha vaidade em consultar o espelho com tanta frequência, porém não o consultava em vão — minha fronte não tinha rugas; minhas bochechas, meus olhos... toda a minha pessoa continuava com a aparência imaculada de meu vigésimo aniversário.

Eu estava preocupado. Olhava a beleza desbotada de Bertha — eu mais parecia seu filho. Pouco a pouco, nossos vizinhos começaram a fazer observações semelhantes, e descobri finalmente que era chamado de "cesdante enfeitado". A própria Bertha foi ficando apreensiva. Tornou-se ciumenta e rabugenta, e finalmente começou a me questionar. Não tivemos filhos; tínhamos apenas um ao outro; e embora, à medida que envelhecia, seu espírito vivaz se misturasse um pouco ao mau humor, e sua beleza estivesse tristemente diminuída, acarinhava-me em meu coração tal como a amante que idolatrara no passado, a esposa que eu havia buscado e conquistado com um amor tão perfeito.

Nossa situação por fim se tornou intolerável: Bertha tinha cinquenta anos, eu, vinte. Por pura vergonha, adotara, com certa moderação, hábitos de uma idade mais avançada: já não me juntava à dança entre os jovens alegres, mas meu coração saltitava com eles enquanto eu refreava os pés; e forjei uma figura lamentável entre os patriarcas do povoado. Porém, antes da época à qual me refiro, as coisas se alteraram: éramos completamente evitados; éramos — pelo menos, eu era — acusados de manter um relacionamento iníquo com alguns dos supostos amigos de meu antigo mestre. Tinham pena da pobre Bertha, mas fugiam dela. Eu era visto com horror e repulsa.

O que podíamos fazer? Ficávamos sentados ao pé da lareira — a pobreza se fez sentir, pois ninguém queria comprar os produtos de minha fazenda; e muitas vezes me vi forçado a viajar mais de trinta quilômetros até algum lugar onde não fosse conhecido para vender nossas mercadorias. E verdade que tínhamos economizado um pouco para um dia ruim — e esse dia havia chegado.

Sentávamos diante da lareira solitária — o jovem de coração envelhecido e sua esposa idosa. Bertha novamente insistiu em saber a verdade: Recapitulou tudo o que já tinha ouvido falar sobre mim e acrescentou suas próprias observações. Esconjurou-me para que eu rejeitasse o feitiço; descreveu como cabelos grisalhos eram muito mais graciosos do que meus cachos castanhos; discorreu sobre a reverência e o respeito devido à idade, como eram preferíveis à consideração insignificante prestada às simples crianças — eu imaginava que os desprezíveis dons da juventude e a boa aparência prevaleceriam sobre a desgraça, o ódio e o desprezo? Não; no final, eu seria queimado como um praticante de magia negra, enquanto ela, a quem eu não tinha me dignado a comunicar qualquer parte de minha boa sorte, talvez fosse apedrejada como minha cúmplice. Por fim, insinuou que eu deveria compartilhar meu segredo, concedendo-lhe os mesmos benefícios dos quais desfrutava, senão ela me denunciaria — e, então, se desfez em lágrimas.

Assediado desse modo, achei que era melhor contar a verdade. Revelei-lhe os fatos da maneira mais terna e mencionei apenas uma vida muito longa, e não a imortalidade — o que, de fato, coincidia melhor com minhas noções. Quando terminei, levantei-me e disse:

— E agora, Bertha, vai denunciar o amante de sua juventude? Eu sei que não. Mas é duro demais, minha pobre esposa, que você deva sofrer por causa de meu azar e das artes malditas de Cornélio. Vou deixá-la, você tem riqueza suficiente, e seus amigos retornarão em minha ausência. Vou embora; jovem como pareço e forte como sou, posso trabalhar e ganhar meu pão entre estranhos, insuspeito e desconhecido. Eu a amei na juventude; Deus é testemunha de que não a abandonaria na velhice, mas sua segurança e felicidade exigem isso.

Peguei meu gorro e segui em direção à porta; no mesmo instante, os braços de Bertha estavam em volta de meu pescoço e seus lábios pressionados contra os meus.

— Não, meu marido, meu Winzy — disse —, não vá sozinho: leve-me com você, vamos embora deste lugar e, como você mesmo disse, entre estranhos ficaremos seguros e livres de suspeitas. Não sou velha de mais a ponto de envergonhá-lo, meu Winzy; e ousa dizer que o feitiço em breve desaparecerá, e, com a bênção de Deus, você se tornará mais idoso na aparência, como lhe convém. Você não deve me abandonar. Retribuí de coração o abraço da boa alma.

— Não vou, minha Bertha; mas se não fosse por sua causa, eu não teria pensado em tal coisa. Serei seu marido fiel e sincero enquanto você não for tirada de mim e cumprirei meu dever até o fim.

No dia seguinte, nos preparamos discretamente para emigrar. Fomos obrigados a fazer grandes sacrifícios pecuniários — foi impossível evitar. Conseguimos uma quantia suficiente para nos manter pelo menos enquanto Bertha vivesse; e, sem nos despedirmos de ninguém, deixamos nosso país natal para encontrar refúgio em uma parte remota no oeste da França.

Foi cruel tirar a pobre Bertha de seu povoado natal e da convivência com seus amigos de juventude, levando-a para outro país, com uma nova língua e costumes diferentes. O estranho mistério de meu destino tornou essa mudança irrelevante para mim; mas eu tinha profunda compaixão por ela e fiquei contente ao perceber que encontrara compensação por seus infortúnios em uma variedade de circunstâncias um tanto ridículas. Longe de todos os cronistas mexeriqueiros, ela procurava diminuir a evidente disparidade de idade entre nós por meio de uma infinidade de artifícios femininos: ruge, roupas jovens e hábitos tipicamente juvenis. Não poderia ficar zangado — eu próprio não usava uma máscara? Por que implicar com a dela apenas pelo fato de ser menos bem-sucedida? Entristecia-me profundamente quando lembrava que minha Bertha, a quem amara tão carinhosamente e que conquistara com tanta emoção — a menina de olhos e cabelos escuros, com sorrisos de encantadora malícia e passos de corça —, era essa velha ciumenta, amaneirada de sorriso afetado. Deveria reverenciar suas madeixas grisalhas e bochechas murchas; mas nestas condições! Era culpa minha, eu sabia; no tanto, assim deplorava esse tipo de fraqueza humana.

**Passo 2:** Ao término da leitura, o professor pedirá para os alunos responderem no caderno as questões a seguir que deverão estar impressas com o conto. Se não for possível a impressão, o professor pedirá aos alunos que copiem em seus cadernos.

1. Qual razão levava Winzy a consultar frequentemente o espelho? Ele era um homem vaidoso?
2. O que levou os demais moradores da redondeza a começarem a evitar Winzy?
3. Em sua opinião, por que Winzy disse para Bertha que teria uma vida muito longa ao invés de dizer que ele era imortal?
4. Quais as razões que fizeram o narrador dizer para Bertha que iria embora sozinho?
5. Para Winzy, a imortalidade havia sido um presente ou uma maldição?

#### AULA 4 - 50 MIN



**Passo 1:** Leitura compartimentada. O professor entregará, de forma impressa para os alunos, o conto a seguir. Na sequência, ele realizará a leitura oral das páginas 297 a 299 do conto "O Imortal Mortal" e os alunos acompanharão com uma leitura silenciosa.

### TRECHO 4

Seu ciúme nunca descansava. Sua principal ocupação era descobrir e, apesar das aparências, eu estava envelhecendo. De fato, acredito e a pobre alma me amava com sinceridade em seu coração, mas mulher alguma jamais demonstrou carinho de maneira tão atormentada. Ela recebia rugas em meu rosto e decrepitude em meu caminhar, enquanto prosseguia com vigor juvenil, parecendo o mais novo em meio a vinte jovens. Nunca me atrevi a abordar outra mulher: em certa ocasião, ando que a beldade do vilarejo me fitava com agrado, trouxe-me uma peruca grisalha. Seu discurso constante entre conhecidos era que, embora eu parecesse tão jovem, a ruína agia dentro de mim: e afirmava que o pior sintoma era minha saúde aparente. Minha juventude era uma doença, ela dizia, e eu precisava estar preparado em todos os momentos, se não para uma morte súbita e medonha, pelo menos para despertar em uma manhã com cabelos brancos, encurvado e com todas as marcas da idade avançada. Deixava-a falar — muitas vezes, me juntei a ela em tais suposições. Suas advertências estavam de acordo com minhas incessantes especulações a respeito de meu estado, e eu tinha um interesse sincero, embora doloroso, em escutar tudo o que sua sagacidade e imaginação fértil pudessem revelar sobre o assunto.

Por que insistir nesses pormenores? Vivemos ainda por muitos e longos anos. Bertha ficou parálitica, confinada a uma cama; cuidei dela como uma mãe cuidaria do filho. Ela se tornou irritadiça e continuou tendo na mesma tecla: quanto tempo eu poderia sobreviver a ela. Ter cumprido rigorosamente minhas obrigações em relação a Bertha sempre foi uma fonte de consolo para mim. Ela havia sido minha na juventude, foi minha quando envelheceu e, por fim, quando cobri de terra seu cadáver, chorei ao sentir que tinha perdido a única coisa que realmente me ligava à humanidade.

Desde então, muitos têm sido meus cuidados e minhas aflições, poucos e vazios meus prazeres! Interrompo aqui minha história; não seguirei adiante. Um marinheiro sem leme ou bússola, atirado a um mar tempestuoso; um viajante perdido em um vasto deserto, sem um ponto de referência ou uma rocha para se guiar — assim tenho sido: mais perdido, mais desesperado do que qualquer um deles. Um navio que se aproxima ou a luz vinda de alguma choupana distante pode salvá-los; — mas não tenho um farol, exceto a esperança da morte.

Morte! Misteriosa e mal-encarada amiga da fraca humanidade! Por quê, entre todos os mortais, apenas eu fui poupado de seu abrigo protetor? Oh, a paz da sepultura, o silêncio profundo do túmulo de ferro! Que os pensamentos cessassem de surgir em meu cérebro e que meu coração não mais batesse com emoções variadas apenas por novas formas de tristeza!

Sou imortal? Volto à minha primeira pergunta. Em primeiro lugar, não seria mais provável que a poção do alquimista estivesse repleta de longevidade, e não de vida eterna? Essa é minha esperança. E também é preciso lembrar que bebi apenas metade da poção. Não seria necessária sua totalidade para completar o encanto? Ter ingerido metade do elixir da imortalidade me torna apenas meio imortal — meu para sempre fica, portanto truncado e nulo.

Todavia, indago novamente, quem sabe contar os anos de metade da eternidade? Frequentemente tento imaginar por qual regra o infinito pode ser dividido. Às vezes, imagino o avanço da idade sobre mim á encontrei um fio de cabelo grisalho. Tolo! Eu lamento? Sim, o medo da idade e da morte muitas vezes se instala friamente em meu coração; e quanto mais eu vivo, mais temo a morte, mesmo abominando a vida. Tal enigma é o homem — nascido para perecer — enquanto guerreia, como eu, contra todas as leis estabelecidas de sua natureza.

Não fosse essa anomalia de sentimentos, eu certamente poderia morrer: o remédio do alquimista não seria à prova de fogo, de espada ou de águas sufocantes. Contemplei as profundezas azuis de muitos lagos plácidos e a correnteza turbulenta de muitos rios possantes, e posso dizer que a paz habita essas águas; contudo, desviei meus passos para viver mais um dia. Tenho me perguntado se o suicídio seria um crime para alguém que somente desta maneira poderia abrir os portais do outro mundo. Tenho feito de tudo, exceto apresentar-me como soldado ou duelista, uma objeção à destruição de meus... não, eles não são meus companheiros mortais, e, portanto, eu me esquivei. Não são meus companheiros. A força inesgotável de vida em meu ser e a efêmera existência deles nos coloca em polos amplamente opostos. Eu não poderia levantar a mão contra o mais desprezível ou o mais poderoso entre eles.

Desta maneira tenho continuado a viver por muitos anos, sozinho e cansado de mim mesmo, desejoso da morte, sem poder nunca vir a falecer; um imortal mortal. Nem a ambição, nem a avareza podem entrar em meus pensamentos, e o amor ardente que corrói meu coração — sem jamais ser correspondido, sem nunca encontrar um igual em quem se consumir — vive ali apenas para me atormentar.

Hoje mesmo concebi um plano com o qual poderei encerrar tudo — sem suicídio, sem fazer de outro homem um Caim: uma expedição à qual nenhuma forma mortal jamais poderia sobreviver, mesmo que dotada com a juventude e a força que habitam o meu ser. Assim, porei minha imortalidade à prova e descansarei para sempre — ou retornarei como um prodígio e benfeitor da espécie humana.

Antes de partir, uma deplorável vaidade me levou a escrever estas páginas. Não gostaria de morrer sem deixar um nome para trás. Três séculos se passaram desde que emborquei a bebida fatal: outro ano não deve se completar antes que, encontrando gigantescos perigos — enfrentando o frio intenso em sua própria casa; agoniado pela fome, pela fadiga e pela tempestade —, eu entregue aos elementos destrutivos do ar e da água este corpo, uma jaula por demais tenaz para uma alma que tem sede de liberdade; ou, caso sobreviva, meu nome deverá ficar registrado como um dos mais famosos entre os filhos dos homens; então, tendo cumprido minha tarefa, adotarei meios mais resolutos e, espalhando e aniquilando os átomos que compõem meu ser, porei em liberdade a vida aprisionada dentro de mim e tão cruelmente impedida de elevar-se desta terra obscura para uma esfera mais apropriada à sua essência imortal.



**Passo 2:** Ao término da leitura, o professor pedirá para os alunos responderem no caderno as questões a seguir, que se encontram impressas, juntamente com o conto.

1. Quais as causas dos ciúmes de Bertha?
2. Bertha acreditava que a imortalidade de Winzy era uma doença. Segundo ela, como essa doença poderia estar se propagando no corpo do seu esposo?
3. Explique o motivo que levava Winzy a temer a morte, mesmo abominando a vida.
4. Se você estivesse no lugar do Winzy, você se mataria, deixaria alguém lhe matar ou viveria eternamente, sendo sozinho e infeliz?
5. Comente: por que Winzy é um imortal mortal?

## 4º MOMENTO



### PRODUÇÃO TEXTUAL

A Produção Textual se divide em 2 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é exercitar a criatividade e a escrita dos alunos por meio da criação de um final alternativo para o conto "O Imortal Mortal" de Mary Shelley.

#### AULA 1 - 50 MIN

---



**Passo 1:** O professor iniciará a aula dizendo aos alunos que o personagem Winzy finaliza a sua narrativa nos contando que havia concebido um plano que poderia encerrar tudo, ou seja, sua imortalidade. Entretanto, o conto termina e o leitor não descobre qual era esse plano. Sendo assim, sua missão é escrever um final alternativo, no qual Winzy consegue colocar um fim na sua imortalidade. Porém, se atentem ao fato de que não pode ser por meio de uma atitude suicida, pois o narrador deixa claro no conto que o seu plano não envolve um suicídio.

**Passo 2:** O professor recolherá as produções textuais para correção.

#### AULA 2 - 50 MIN

---



**Passo 1:** O professor devolverá as produções textuais corrigidas aos alunos para reescrita.

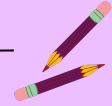
**Passo 2:** O professor pedirá aos alunos que compartilhem, através da leitura, os finais alternativos criados por eles.



### AULA 1 - 50 MIN

---

#### Passo 2

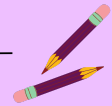


1. Um homem velho realizando algum experimento químico.
2. Prática de caráter místico muito usada na Idade Média. Reunia a ciência, a arte e a magia. Teve como um dos seus principais objetivos a tentativa de obter o elixir da vida, que garantiria a imortalidade e a cura das doenças corporais.
3. Resposta pessoal.
4. Resposta pessoal.
5. Resposta pessoal.
6. Resposta pessoal.

### AULA 2 - 50 MIN

---

#### Passo 3



1. Resposta pessoal.
2. Resposta pessoal.
3. Resposta pessoal.
4. Resposta pessoal.
5. Resposta pessoal.

### AULA 3 - 50 MIN

---

#### Passo 2



1. Resposta pessoal.

# INTRODUÇÃO

## AULA 1 - 50 MIN

---



### Passo 2

1. O monstro de Frankenstein.
2. **Sugestão:** Há uma associação entre o título da obra, Frankenstein, e o monstro que foi criado.
3. O nome Frankenstein, na realidade, é o sobrenome do cientista Dr. Victor Frankenstein que criou o monstro.
4. Resposta pessoal.

## AULA 2 - 50 MIN

---



### Passo 2

1. A obra de Mary Shelley traz características do ultrarromantismo: temáticas sobre a morte, a melancolia, o tédio, o pessimismo, o gosto pelo mórbido, a insatisfação, o amor não correspondido e o escapismo, ou seja, a fuga da realidade.
2. As mulheres eram vistas como indivíduos capazes apenas de cozinhar, costurar e ficar em casa esperando pelos seus maridos e cuidando dos filhos. Não eram vistas como seres que poderiam ser cultos, inteligentes e capazes de escrever obras magníficas.
3. O cenário literário era predominantemente dominado por homens e as mulheres não tinham nenhuma credibilidade, já que não eram consideradas capazes de entender sobre assuntos sérios como a ciência.
4. **Sugestão:** Provavelmente a obra seria bem recebida pelo público e pela crítica. hoje em dia as mulheres já ocupam um espaço na Literatura que antes era só dos homens.

## LEITURA/INTERPRETAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN



### Passo 2

1. O Judeu Errante foi um sapateiro que vivia em Jerusalém que, ao ver Cristo passando com a cruz sobre os ombros, teria dito ao Salvador, empurrando-o: "Vá andando, vá logo."
2. Ele foi condenado a vagar, sem descanso nem rumo certo, até o final dos tempos.
3. Semelhanças: são imortais.  
Diferenças: o Judeu Errante viveu mais de 18 séculos, era um imortal velho, e, o Winzy, é um imortal jovem, havia vivido até o momento da narrativa, trezentos e três anos.
4. O peso do tempo interminável e a tediosa passagem das horas que se sucedem.
5. Ser um homem podre e apaixonado por uma mulher com quem não poderia se casar, por não ter dinheiro.
6. Porque os demais pretendentes de Bertha eram jovens muito bem vestidos, usavam roupas de seda e eram ricos e alegres.
7. Resposta pessoal.
8. Resposta pessoal.

AULA 2 - 50 MIN



### Passo 2

1. Curar o amor que sentia por Bertha, ou seja, deixar de amá-la.
2. Ele acreditava que estava curado do amor que sentia por Bertha e ficou extremamente feliz em imaginar que, quando o encontrasse, se depararia com um homem frio, indiferente e completamente desinteressado.
3. Ela quis dizer para Bertha voltar para dentro de casa, pois havia um homem lá fora interessado na moça.
4. Resposta pessoal.
5. Winzy se tornou um homem corajoso e determinado, por conta disso conseguiu conquistar e se casar com Bertha. Ela, por sua vez, passou a amá-lo muito e os dois eram muito felizes.
6. Resposta pessoal.
7. Longevidade: duração da vida mais longa que o comum.  
Imortalidade: viver para sempre.



**Passo 2**

1. Ele não era uma pessoa vaidosa, consultava o espelho frequentemente para ver se estava envelhecendo ou se conseguia notar alguma diferença em seu corpo.
2. Os moradores tinham repulsa e medo do Winzy, pois ele não envelhecia. Além disso, eles acreditavam que ele mantinha um relacionamento iníquo com alguns dos supostos amigos do Cornélio.
3. Resposta pessoal.
4. Ele não queria que ela sofresse por ele ter sido amaldiçoado com a imortalidade. Além disso, acreditava que se partisse, os amigos de Bertha voltariam a conviver com ela.
5. Uma maldição, pois ele viu a mulher que tanto amava envelhecer e morrer.

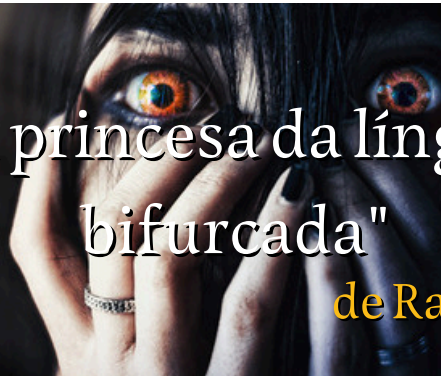


**Passo 2**

1. Winzy não envelhecer e continuar um homem com vigor juvenil e a diferença de idade entre eles.
2. Bertha acreditava que a imortalidade de Winzy não passava de uma doença, que fazia o corpo ser jovem exteriormente, mas, que no interior, o corpo estaria em ruínas. Segundo ela, ou Winzy morreria de uma hora para outra, ou acordaria em um certo dia com todas as marcas da idade avançada que não havia aparecido até o presente momento.
3. Ele tinha medo de morrer, pois sabia que a única forma de encontrar a paz da sepultura seria se matando e ele não conseguia colocar um fim na própria vida. Ele desejava e temia a morte na mesma proporção.
4. Resposta pessoal.
5. Porque ele é um imortal que pode dar um fim à imortalidade se matando, visto que é um homem mortal. Então, como ele mesmo diz: "o remédio do alquimista não seria à prova de fogo, de espadas ou de águas sufocantes", ou seja, se ele se matasse, daria um fim à sua vida mortal e, conseqüentemente, à imortal também.

# "A princesa da língua bifurcada"

de Ransom Riggs



## Dados da aula



Público

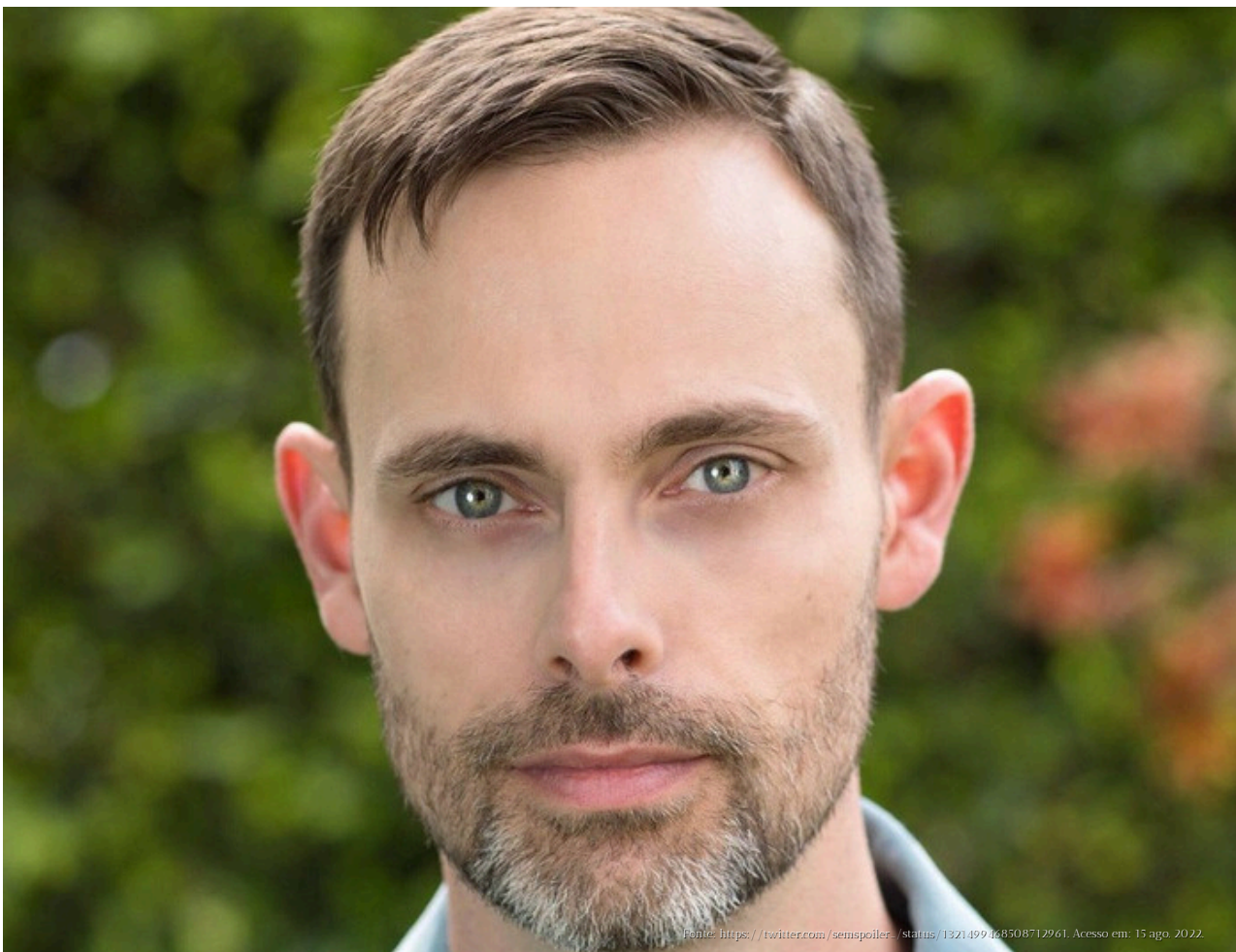
alvo: Alunos do 1º ano do ensino médio.

Sequência Didática:

Esta sequência didática se divide em 5 Momentos: Motivação, Introdução, Leitura, Interpretação e Produção de Texto.

Duração das atividades:

12 aulas.



## 1º MOMENTO



### MOTIVAÇÃO

A Motivação se divide em 3 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é despertar a curiosidade dos alunos a partir de informações sobre o gênero, temática e autor do conto "A princesa da língua bifurcada" que faz parte a obra *Contos Peculiares* escrita por Ransom Riggs.

#### AULA 1 - 50 MIN

---



**Passo 1:** O professor deverá dar início à aula com o seguinte questionamento:

Hoje vamos começar nossa aula conversando sobre um termo que é a palavra "peculiar". Diga o que você sabe sobre o significado desta palavra e dê exemplos de uso em frases.

**Passo 2:** Após os comentários dos alunos, o professor apresentará em forma de xerox o significado da referida palavra de acordo com o dicionário:

#### O que é Peculiar?

Peculiar significa característico, especial, algo que é próprio de uma pessoa ou coisa. Em alguns casos, a palavra peculiar pode ter um sentido depreciativo, sendo usada como um sinônimo de estranho, esquisito ou invulgar.

#### Exemplos:

Ele se destaca porque tem uma forma peculiar de se vestir.

Quando você conversar com elas, verá que são pessoas bem peculiares.

Fonte: <https://www.significados.com.br/peculiar/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Em seguida, o docente fará as seguintes indagações (atividade oral):

1. Podemos pensar que cada ser humano é alguém peculiar. Descreva uma peculiaridade sua.
2. Ser peculiar em alguma coisa é sempre bom ou é sempre ruim? Por quê?
3. Que tipo de característica você gostaria de ter que o diferenciaria ainda mais das outras pessoas? Comente.

#### AULA 2 - 50 MIN

---



**Passo 1:** O professor exibirá em *Power Point* ou em xerox a fotografia da cena abaixo e fará algumas perguntas a partir da observação da imagem:



Fonte: <https://nanossaestante.com.br/2016/09/o-lar-das-criancas-peculiares-resenha/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

1. Vocês já assistiram ao filme *O lar das crianças peculiares* (2016)? Observe a cena acima, escolha um dos personagens e descreva as características que lhe chamaram mais a atenção.
2. Qual seria a peculiaridade do personagem escolhido por você? Comente.

**Passo 2:** O professor entregará aos alunos o xerox da sinopse de um dos contos do livro *Contos Peculiares* chamado "A princesa da língua bifurcada". Levantará algumas questões sobre o gênero sinopse (atividade oral).

#### SINOPSE:

Jacob (Asa Butterfield) é um jovem que quando pequeno sempre acreditou nas histórias fantásticas de seu avô (Terence Stamp), mas, conforme foi crescendo, sua fé nelas acabaram por completo, exatamente como as crianças deixam de acreditar em Papai Noel ou em Coelhoinho da Páscoa. No entanto, quando seu avô morre misteriosamente, Jacob fica bastante desconfiado de que, no fundo, as histórias sempre foram verdadeiras.

Depois de ler uma carta da Miss Peregrine (Eva Green) para seu avô e aconselhado pela psiquiatra, Jacob embarca com seu pai para uma ilha pouco habitada a fim de encontrar o orfanato em que seu avô viveu, mas descobre que o lugar foi bombardeado durante a Segunda Guerra e ninguém sobreviveu. No entanto, a partir do segundo ato do filme, Jacob começa a explorar o local e assim descobre uma fenda que o leva para a época em que todos do orfanato ainda estão vivos.

Peregrine, a diretora do Orfanato, consegue criar uma fenda no tempo, reiniciando o dia do bombardeio e assim as crianças nunca envelhecem. Junto com Jacob, vamos conhecendo as peculiaridades de cada um e os inimigos que os perseguem, os etéreos, criaturas que se alimentam dos olhos dos peculiares. Descobrimos que Jacob não é um garoto tão comum como ele pensa que é, sendo o único que pode salvar as crianças de seus perseguidores.

Fonte: <https://nanossaestante.com.br/2016/09/o-lar-das-criancas-peculiares-resenha/>. Acesso em: 15 ago. 2022. Adaptado.

1. Quando queremos assistir a um filme ou ler um livro que não conhecemos, recorremos a uma síntese da história, normalmente chamada sinopse. Além de nos informar sobre a leitura ou sobre o filme, que outra função você percebe em uma sinopse?
2. O que é importante em uma sinopse para que ela motive a leitura de uma obra, por exemplo, sem contar toda a história para o leitor?
3. Retome a cena do passo 1 desta aula e imagine a história do personagem que você escolheu para registrar sua peculiaridade. Agora, de maneira clara e objetiva, redija uma sinopse possível para uma história com esse personagem.

AULA 3 - 50 MIN



**Passo 1:** O docente retomará o assunto da aula anterior a partir do filme comentado e exibirá no *datashow* o trailer oficial dele através do link ou QR code abaixo:





<https://www.youtube.com/watch?v=DNn2F2nlky8>




Após isto, o professor informará aos alunos que:

O filme *O Lar das Crianças Peculiares* foi adaptado de uma série de 3 livros intitulada *O Lar da Srta. Peregrine para crianças peculiares* que foi escrita por um autor chamado RANSOM RIGGS. Na sequência, apresentará à turma a biografia do autor em *Power Point* ou em folha xerocada.

## *Ransom Riggs*



*Ransom Riggs cresceu na Flórida e hoje mora na cidade que se tornou o lar das crianças peculiares: Los Angeles. Sempre seguiu uma dieta à base de histórias de fantasmas e comédias britânicas, o que provavelmente explica o estilo de seus romances. Não são poucas as chances de ele estar escondido debaixo da sua cama neste exato momento, observando você (vá conferir). Se não o achar lá, você certamente vai encontrá-lo no Twitter: @ransomriggs.*

*Algumas de suas obras:*



Fonte: <https://www.intrinseca.com.br/autor/296/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

O professor então deverá perguntar aos alunos:

1. Vocês conhecem estas obras? Quais delas? Comente sobre o enredo ou algum personagem (caso os alunos não conheçam as obras, comentar um pouco sobre o livro *Contos Peculiares* de onde o conto a ser estudado foi retirado).

Após as discussões, informar aos alunos que um conto do livro *Contos Peculiares* será apresentado nas próximas aulas. O nome desse conto é "A princesa da língua bifurcada".



## PARA LER MAIS:

Vocês sabiam que Ransom Riggs, inspirado em fotografias antigas e bizarras que colecionava, criou sua famosa trilogia *O Orfanato da Srta. Peregrine para crianças peculiares*? Veja algumas fotos:



Fonte: [http://lounge.obviousmag.org/cafe\\_nao\\_te\\_deixa\\_mais\\_cult/2013/12/um-livro-que-surgiu-a-partir-de-fotografias-bizarras.html](http://lounge.obviousmag.org/cafe_nao_te_deixa_mais_cult/2013/12/um-livro-que-surgiu-a-partir-de-fotografias-bizarras.html). Acesso em: 15 ago. 2022.



**Sugestão:** Para saber mais sobre esse curioso hábito de Ransom Riggs, vale a pena acessar o link anterior e o link ou QR code:

<https://twitter.com/ransomriggs>

## 2º MOMENTO



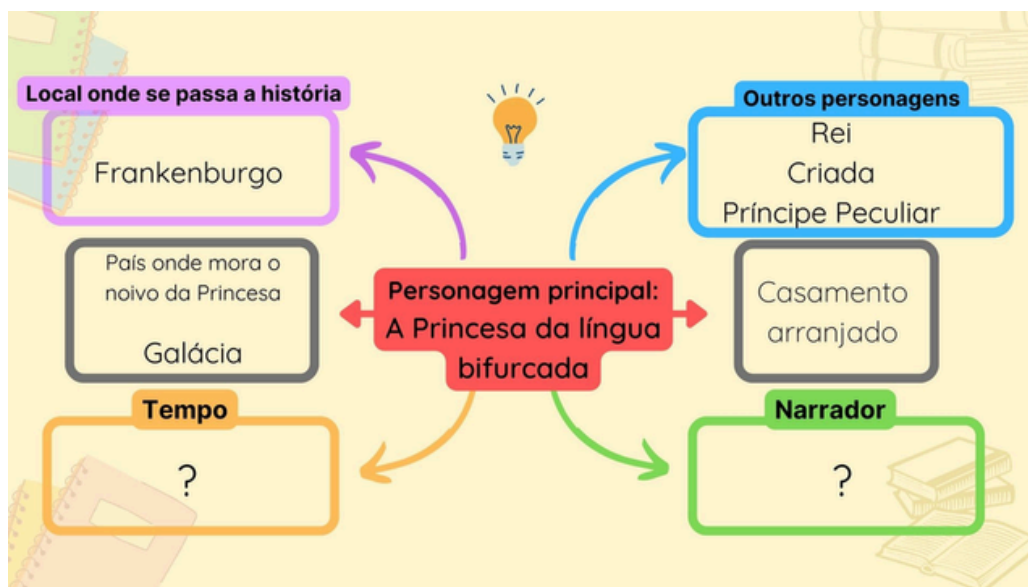
### INTRODUÇÃO

A Introdução possui 2 aulas de 50 min. O objetivo desta aula é preparar os alunos para a leitura do conto "A princesa da língua bifurcada" que é o foco central desta sequência didática.

AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá iniciar a aula apresentando os personagens, os lugares e algumas características do conto "A princesa da língua bifurcada" através do seguinte mapa mental em um *datashow* ou colado à cartolina (ou outro material) em forma de painel. Deverá, também, xerocar esse mapa mental para os alunos colarem em seus cadernos para uso posterior à análise do mapa.



Logo em seguida, o professor irá anunciar que o texto a ser trabalhado nas próximas aulas é intitulado "A princesa da língua bifurcada" que faz parte de um livro do autor Ransom Riggs.

**Passo 2:** O professor pedirá aos alunos que se organizem em duplas e com base no mapa mental apresentado, de forma oral, deverão responder às perguntas de 1 a 5. A pergunta de número 6 deverá ser respondida no próprio mapa mental após a leitura do conto que será feita no 3º Momento desta sequência didática:

1. O conto é a narração de uma história. O que você espera encontrar nessa história?
2. A princesa do conto não possui um nome comum, ela é conhecida por uma peculiaridade. Qual?
3. Com base no mapa mental em análise, onde se passará a história? Justifique.
4. No conto, há o "noivo" da princesa e o "príncipe peculiar". A quem vocês acham que se refere o casamento arranjado? Por quê?

5. Vocês acham que a princesa da língua bifurcada terá um final feliz ou um final triste? Justifique.
6. Após a leitura do conto de Ransom Riggs, "A princesa da língua bifurcada", complete os quadros do mapa mental que estão sinalizados pelas interrogações.

## AULA 2 - 50 MIN



**Passo 1:** Após as atividades da Aula 1, o professor irá apresentar o seguinte fato histórico no *Power Point*, preferencialmente, ou através de material impresso e entregue aos alunos para que respondam, ainda de forma oral, as questões abaixo.

### SEM AMOR, NEM CALOR: O CASAMENTO ARRANJADO DE DOM JOÃO VI E CARLOTA JOAQUINA

A união foi um pedido de Portugal para melhorar a relação entre os reinos. No entanto, os pombinhos se detestavam.

ANDRE NOGUERA, publicado em 17/01/2020,



Madrid, 1783. Na sede da Corte Espanhola, chegava o enviado da Coroa Portuguesa, o Conde de Loureçal, representante do Rei Pedro III de Portugal, para realizar o pedido oficial do himeneu, ou seja, o casamento entre seu segundo filho, Infante D. João, e a primogênita do herdeiro do trono espanhol, D. Carlota Joaquina. Já, naquele momento, viu-se que esse acordo seria turbulento: desde o dia, o representante português alegou antipatia com a pequena princesa espanhola.

Portugal queria traçar uma união diplomática (e, claro, não política) entre as Coroas Ibéricas para fim de proteção e confiança mútua naquele momento de perda de centralidade de ambos os Reinos no cenário europeu.

O objetivo eram negociações diplomáticas de apaziguamento e um arranjo dinástico entre as Coroas que já possuíam herdeiros definidos. A Espanha, ao mesmo tempo, necessitava de boas relações com o vizinho. Muitos nobres portugueses temiam o desencadeamento de uma nova União Ibérica, mas a rainha Maria I sabia que a Espanha não tinha força para tanto.

Nesse confuso cenário, dois anos de negociações foram necessários para que, em 8 de maio de 1785, fosse normalizado o contrato de casamento entre as partes. Com isso, seria selada a amizade entre Portugal e Espanha. No entanto, o choque entre as realidades foi forte. A Corte espanhola, ambígua, fazia suas princesas passarem por uma etiqueta rígida, ao mesmo tempo em que possuía uma rainha progressista que fazia grandes festas no Palácio, criando um ambiente de verdadeira alegria e liberdade, se comparado com as demais cortes europeias. Já o Palácio Português era espaço de um forte catolicismo tradicional e conservador enquanto os portugueses possuíam um forte receio em relação aos espanhóis.

Por isso, foram necessários muitos anos de negociações.

Por terem relações parentais e pelo fato de que, enquanto João tinha 18 anos, Carlota era uma criança de 10, foi necessário uma dispensa papal para a consumação do casamento. Após tal realização, foi outorgado o acordo de capitulações matrimoniais no Palácio Espanhol, em uma cerimônia com estilo e pompa em que representantes de ambas as Cortes testemunharam o acordo, seguido da confirmação do noivado e de um banquete.

Nesse meio tempo, Carlota Joaquina passou por embaraçosos testes da Corte Portuguesa que exigia da moça postura e decoro. Com representantes de ambos os Reinos, Carlota realizou o procedimento e passou com excelência. Ela, destacam os que a conheceram, era absurdamente inteligente.

Depois de toda essa ladainha, foi considerado correta a realização do casamento e Carlota, então, seguiu em uma comitiva espanhola em direção a Lisboa, sendo recebida no Palácio do Paço de Vila Viçosa. Em 1785, casou-se com João, dando origem ao que a Europa inteira considerava o casal mais horrendo do continente. Era o preguiçoso príncipe barrigudo de olhos esbugalhados e a vaidosa menina ossuda, ainda jovem demais para gerar descendentes.

A situação complicou-se ainda mais com o crescimento de Carlota. Ambiciosa e impulsiva, ela casou-se com um príncipe paspalho de uma rainha detestada pela Europa (mesmo que, depois, ambas se tornassem grandes amigas) que se tornou herdeiro do Império após a morte de seu irmão, D. José.

Carlota era neta preferida do Rei Carlos III da Espanha e, por isso, era obstinada, inteligente e ardilosa, sendo submetida como consorte de uma dinastia extremamente fechada. Por isso, tramou contra João (quando já era o sexto, Rei de Portugal, Algarves e, ainda, Brasil) em diversas ocasiões e quase conseguiu tomar o trono e se tornar rainha absoluta de Portugal algumas vezes.

Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-casamento-arranjado--dom-joao-vi--carlota-joaquina-portugal-espanha.phtml>. Acesso em: 15 ago. 2022. Adaptado.

1. Diga o que vocês sabem sobre casamentos arranjados e comentem.
2. Segundo a notícia acima, qual teria sido o motivo de D. João VI ter se casado com Carlota Joaquina?
3. Que outros casamentos arranjados de nossa história oficial vocês conhecem? Comentem.
4. Apesar de não ser costume em nossa cultura atual, os casamentos arranjados, em outros países, continuam sendo praticados. Indiquem qual ou quais países ainda possuem essa prática. Qual a sua opinião sobre isso?

## 3º MOMENTO



### LEITURA/ INTERPRETAÇÃO

A Leitura se divide em 2 aulas de 50 min. O objetivo desta aula é realizar a leitura oral do conto "A princesa da língua bifurcada" através da participação dos alunos.

AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá apresentar o conto do Ransom Riggs aos alunos em forma de xerox. Ele entregará as cópias para cada aluno e, assim, começarão a leitura.

**Observação:** Os alunos realizarão a leitura em voz alta. Dependendo do número de alunos em sala de aula, a leitura será dividida em frases ou parágrafos e, se for uma sala menor, a leitura poderá ser dividida por páginas.

#### A princesa da língua bifurcada



No antigo reino de Frankenburgo havia uma princesa que escondia um segredo peculiar: em sua boca havia uma comprida língua bifurcada e, em suas costas, escamas cintilantes em formato de losangos. Como ela tinha desenvolvido essas características serpentina durante a adolescência e raramente abria a boca, por medo de ser descoberta, a princesa conseguira mantê-las em segredo de todos, menos de sua criada pessoal. Nem seu pai, o rei, sabia.

A princesa levava uma vida solitária, pois raramente falava com alguém, por medo de que os outros vissem sua língua bifurcada. Mas seu verdadeiro problema era outro: ela ia se casar com um príncipe da Galácia. Os dois nunca tinham se visto, mas a beleza da princesa era tão famosa que o rapaz concordara com o casamento mesmo assim. Eles se conheceriam no dia do casamento, que se aproximava rapidamente. A união fortaleceria as relações entre Frankenburgo e a Galácia, asseguraria prosperidade para as duas regiões e permitiria a criação de um pacto de defesa contra o odiado inimigo comum, o belicoso principado da Frísia. A princesa sabia que o casamento era necessário para a política, mas estava aterrorizada, temendo que o príncipe a rejeitasse assim que descobrisse seu segredo.

— Não se preocupe — disse a criada. — Ele vai ver seu rosto lindo, conhecer seu coração lindo e perdoar o resto.

— E se ele não perdoar? Nossa melhor esperança de paz estará arruinada, e vou passar o resto da vida como uma solteirona!

O reino se preparou para o casamento da realeza. O palácio foi enfeitado com sedas douradas, e chefs de todo o país chegaram para preparar um opulento banquete. Por fim, chegou o príncipe, com seu séquito. Ele saiu da carruagem e saudou calorosamente o rei.

— E minha noiva, onde está? — perguntou ele.

O príncipe foi levado a um salão, onde a princesa o aguardava.

— Princesa! — exclamou o príncipe. — A senhorita é ainda mais bonita do que sua reputação me levou a acreditar.

A princesa sorriu e fez uma reverência, mas não abriu a boca para falar.

— Qual o problema? Eu a deixei sem fala com minha beleza? A princesa corou e balançou a cabeça.

— Ah, então você não me acha bonito, é isso? — disse ele.

Alarmada, a princesa tornou a balançar a cabeça (não era isso o que ela quisera dizer!), mas notou que só estava piorando as coisas.

— Diga alguma coisa, filha, isto não é hora de ficar com a língua presa! — reclamou o rei.

— Perdoe-me, senhor, mas talvez a princesa ficasse mais à vontade se conversasse com o príncipe em particular — disse a criada.

O príncipe assentiu, agradecido.

— Não é apropriado — resmungou o rei. — Mas acho que nas atuais circunstâncias... Os guardas conduziram o príncipe e a princesa a uma sala onde poderiam ficar a sós.

— E então, o que acha de mim? — perguntou o príncipe depois que os guardas foram embora.

— Você é muito bonito — respondeu a princesa, cobrindo a boca com a mão.

— Por que você esconde a boca quando fala? — perguntou o príncipe.

— É meu hábito. Desculpe se você acha estranho.

— Você é estranha. Mas eu posso aprender a viver com isso, considerando sua beleza! O coração da princesa se elevou, mas despencou outra vez na terra com a mesma rapidez. Seria apenas questão de tempo até que o príncipe descobrisse seu segredo.

Embora pudesse esperar até que estivessem casados para revelá-lo, ela sabia que isso não seria certo.

— Tenho uma confissão a fazer — disse ela, ainda cobrindo a boca. — E tenho medo de que você não queira se casar comigo quando souber o que é.

— Bobagem. O que é? Ah, não... Não somos primos, somos?

— Não é isso.

— Bom, nada me faria desistir de me casar com você — afirmou o príncipe, confiante.

— Espero que você seja um homem de palavra — disse a princesa, então tirou a mão e mostrou a ele a língua bifurcada.

— Pelos céus! — exclamou o príncipe, recuando.

— E não é só isso — disse a princesa, que, tirando um braço do vestido, mostrou a ele as escamas nas costas.

O príncipe ficou embasbacado e, depois, furioso.

— Eu nunca me casaria com um monstro como você! Não posso acreditar que você e seu pai tentaram me enganar! — esbravejou ele.

— Ele não fez nada! Meu pai não sabe nada sobre minha condição!

— Pois vai ficar sabendo! Isso é um ultraje!

O príncipe saiu da sala para contar tudo ao rei e a princesa foi atrás, implorando que ele não fizesse isso.

Foi só então que cinco assassinos frísios, que tinham se disfarçado de cozinheiros, sacaram punhais do bolo e saíram correndo da cozinha em direção ao quarto do rei. O príncipe estava prestes a revelar o segredo da princesa quando eles derrubaram a porta. Enquanto os assassinos matavam os guardas, o

covarde rei mergulhou em um guarda-roupa e se escondeu embaixo de uma pilha de roupas.

Os assassinos se viraram para o príncipe e a princesa.

— Não me matem! — gritou o príncipe. — Sou apenas um garoto de recados de outro país!

— Boa tentativa — disse o líder dos assassinos. — Você é o príncipe da Galácia e veio para se casar com a princesa e formar uma aliança contra nós. Prepare-se para morrer!

O príncipe correu até uma janela e tentou abri-la à força, deixando a princesa sozinha para enfrentar os assassinos. Quando eles correram em direção a ela, com os punhais em mãos, ela sentiu uma estranha pressão atrás da língua.

Os assassinos se lançaram sobre a princesa, que lançou jatos de veneno peçonhento no rosto de cada um. Todos caíram encolhidos no chão e morreram, menos um; o quinto assassino escapou do quarto, aterrorizado.

A princesa ficou mais surpresa que qualquer um, pois não sabia que era capaz de fazer aquilo; afinal, nunca tinha sido ameaçada de morte antes. O príncipe, que já estava com metade do corpo para fora da janela, voltou para o quarto e olhou tanto para os assassinos mortos quanto para a princesa, impressionado.

— Agora você vai se casar comigo? — perguntou ela.

— Não mesmo! Mas, como sinal de gratidão, não vou contar a seu pai o motivo.

Ele pegou um dos punhais dos assassinos e, correndo de um em um, apunhalou os cadáveres deles.

— O que está fazendo? — perguntou a princesa, perplexa. O rei saiu do guarda-roupa.

— Eles foram mortos? — perguntou o monarca, com a voz trêmula.

— Sim, sua majestade. Eu os matei! — afirmou o príncipe, erguendo o punhal. A princesa ficou chocada com a mentira, mas segurou a língua.

— Magnífico! Você se tornou o herói de Frankenburgo, meu rapaz, e no dia de seu casamento! — exclamou o rei.

— Ah... quanto a isso, lamento informar que não haverá casamento.

— O quê?! Por que não? — vociferou o rei.

— Acabei de saber que a princesa e eu somos primos. É uma pena!

E, sem sequer olhar para trás, o príncipe deixou o quarto, reuniu seu séquito e partiu em sua carruagem.

— Isso é uma afronta! Esse rapaz tem tanto parentesco com minha filha quanto eu com esta cadeira. Minha família não será tratada desse jeito.

O rei ficou tão furioso que ameaçou entrar em guerra contra a Galácia. A princesa tinha consciência de que não podia permitir isso e, portanto, certa noite, solicitou uma audiência a sós com o pai, para revelar o segredo que guardara por tanto tempo. Ele cancelou os planos de guerra, mas ficou com tanta raiva da filha e se sentiu tão humilhado que a trancou na cela mais úmida do calabouço.

— Além de ser uma mentirosa e um monstro, você não serve para o casamento! — vociferou ele através das barras da cela.

Ele disse isso como se fosse o maior dos pecados.

— Mas, pai, eu ainda sou sua filha, não sou?

— Não mais — respondeu ele, e lhe deu as costas.

A princesa podia usar seu veneno ácido para derreter a tranca da cela e escapar, mas optou por aguardar, na esperança de que o pai reconhecesse seu erro e repensasse sua decisão. Por meses ela sobreviveu de mingau e passou as noites tremendo de frio no chão de pedra, mas o pai não apareceu. A única visita que a princesa recebia era de sua criada.

Um dia, a criada chegou com notícias.

— Meu pai me perdoou? — perguntou a princesa, ansiosa.

— Não. Ele disse ao reino que você morreu. Seu funeral será amanhã.

A princesa ficou arrasada. Naquela mesma noite, ela fugiu do calabouço, escapou do palácio e,

junto com a criada, deixou para trás o reino e sua antiga vida. As duas viajaram disfarçadas por meses, percorrendo o país sem rumo, prestando serviços domésticos onde fosse possível. A princesa sujava o rosto de terra para não ser reconhecida e nunca abria a boca para falar com ninguém além da criada, e a criada, por sua vez, dizia a todos que a garota de rosto sujo com quem viajava era muda.

Certo dia, elas ouviram falar sobre um príncipe, do distante reino da Trácia, cujo corpo às vezes assumia uma forma muito peculiar e se tornara escândalo nacional.

— Será que é verdade? Será que ele é como eu? — indagou a princesa.

— Acho que vale a pena descobrir — disse a criada.

Então elas partiram em uma longa viagem. Levaram duas semanas para atravessar a cavalo o Deserto Impiedoso e mais duas semanas para atravessar de navio a Grande Catarata. Quando finalmente chegaram ao reino da Trácia, estavam queimadas pelo sol e pelo vento e quase sem recursos.

— Não posso conhecer o príncipe desse jeito! — disse a princesa.

Por isso, elas decidiram gastar o pouco dinheiro que lhes restava em uma casa de banhos, onde se lavaram, se perfumaram e passaram óleos no corpo. Quando saíram, a princesa estava tão bonita que deixou boquiabertos todos que a olhavam, fossem homens ou mulheres.

— Vou mostrar ao meu pai que é possível alguém querer se casar comigo! Vamos conhecer esse príncipe peculiar.

As duas foram até o palácio e perguntaram pelo príncipe, mas receberam uma resposta muito decepcionante.

— Lamento, mas o príncipe faleceu — informou um guarda do palácio.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntou a criada.

— Ele foi acometido por uma doença misteriosa e morreu à noite. Foi tudo muito repentino.

— Exatamente a mesma coisa que o rei disse que aconteceu com a senhora — sussurrou a criada para a princesa.

Naquela noite, elas penetraram nas masmorras do palácio às escondidas e encontraram, na cela mais escura e úmida, uma lesma de jardim gigante com a cabeça de um jovem muito bonito.

— O senhor é o príncipe? — perguntou a criada a ele.

— Sim, sou — respondeu a criatura repulsiva. — Quando fico deprimido, meu corpo se transforma em uma massa gelatinosa e trêmula. Quando finalmente descobriu isso, minha mãe me trancou aqui embaixo, e agora, como podem ver, eu me tornei uma lesma quase dos pés à cabeça. — O príncipe rastejou na direção das grades da cela, seu corpo deixando um rastro de mancha escura no chão. — Mas tenho certeza de que ela vai pensar melhor e me soltar em breve.

A princesa e a criada trocaram um olhar de constrangimento.

— Bem, temos uma boa e uma má notícia — falou a criada. — A má notícia é que sua mãe disse a todo mundo que você morreu.

O príncipe começou a se lamentar e a gemer, e logo um par de antenas gelatinosas começou a crescer em sua testa. Agora, até sua cabeça estava assumindo as características de lesma.

— Espere! Ainda tem a boa notícia! — tentou a criada.

— Ah, sim, esqueci — disse o príncipe, e as antenas pararam de crescer. — E o que é?

— Esta é a princesa de Frankenburgo — disse a criada.

A princesa deu um passo à frente, entrando em um foco de luz, e pela primeira vez o príncipe viu sua grande beleza.

— Você é uma princesa? — gaguejou ele, arregalando os olhos.

— Isso mesmo — confirmou a criada. — E ela veio resgatá-lo. O príncipe ficou empolgado ao ouvir a notícia.

— Não acredito! Mas como?

Suas antenas estavam encolhendo, e a massa que constituía a parte superior de seu corpo já começava a se separar, recuperando a forma de braços e de um tronco humano. Ele estava voltando ao normal.

— Assim! — disse a princesa, e cuspiu um jato de ácido venenoso na porta da cela do príncipe.

A fechadura chiava e fumegava conforme derretia. O príncipe recuou, assustado.

— O que você é? — perguntou ele.

— Eu sou peculiar, como você! Quando meu pai descobriu meu segredo, também me renegou e me prendeu. Sei como está se sentindo!

Enquanto ela falava, a língua bifurcada saiu brevemente de sua boca.

— E sua língua... é parte do que há de... de errado com você?

— A língua e isto — disse a princesa, tirando um braço do vestido para mostrar a ele as escamas que cobriam suas costas.

— Entendo. Eu deveria ter imaginado que era bom demais para ser verdade — disse o príncipe, novamente com a voz triste.

Quando uma lágrima escorreu por seu rosto, seus braços começaram a desaparecer junto ao tronco, formando novamente uma massa trêmula de corpo de lesma.

— Por que você está triste? Nós formamos um par perfeito! Juntos, podemos mostrar a nossos pais que somos aptos para o casamento, que não somos lixo. Podemos unificar nossos reinos e um dia, talvez, tomar nosso trono de direito — disse a princesa.

— Você só pode estar louca! — gritou o príncipe. — Como eu poderia amá-la? Você é repulsiva, uma aberração!

A princesa ficou sem fala. Não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Ah, isso é tão humilhante! — gritou o príncipe.

Então, antenas brotaram da testa dele, seu rosto desapareceu e ele se transformou em lesma dos pés à cabeça, estremecendo e gemendo enquanto tentava chorar sem boca.

A princesa e a criada viraram o rosto, com ânsia de vômito, e foram embora, deixando o príncipe ingrato para apodrecer no calabouço.

— Chega de príncipes para mim. Peculiares ou não — disse a princesa.

Elas cruzaram novamente a Grande Catarata e o Deserto Impiedoso, voltando para casa. Encontraram o reino em guerra contra a Galácia e a Frísia, que tinham se unido contra Frankenburgo. O rei havia sido deposto e preso, e os frísios o tinham substituído por um duque. Esse duque era um homem solteiro, que, depois de estabelecer seu domínio e pacificar o país, começou a procurar uma noiva. O emissário enviado por ele encontrou a princesa trabalhando em uma estalagem.

— Você aí! — gritou ele ao vê-la limpando uma mesa. — O duque está à procura de uma noiva.

— Boa sorte para ele. Não estou interessada.

— Sua opinião não importa — retrucou o emissário. — Venha comigo imediatamente.

— Mas eu não sou da realeza! — mentiu ela.

— Isso também não importa. O duque quer a mulher mais bonita do reino, e pode muito bem ser você.

A princesa estava começando a ver a beleza como uma maldição.

Ela recebeu um belo vestido para usar e foi levada até o duque. Quando o viu, um calafrio percorreu o corpo da jovem: aquele duque frísio era um dos homens que tinham tentado matá-la; era o assassino que fugira.

— Eu a conheço de algum lugar? Você me é familiar — disse o duque.

A princesa estava cansada de se esconder e de mentir, por isso contou a verdade.

— Você tentou me matar uma vez, a mim e a meu pai. Já fui a princesa de Frankenburgo.

— Achei que você tivesse morrido!

— Não. Meu pai mentiu.

— Então eu não fui o único que tentou matar você — disse o homem, com um sorriso.

— Acho que não.

— Gosto de sua honestidade. Gosto também de sua coragem. Você tem uma constituição forte, e nós, frísios, admiramos isso. Não posso fazer de você minha esposa, porque você poderia me matar durante o

— Acho que não.

— Gosto de sua honestidade. Gosto também de sua coragem. Você tem uma constituição forte, e nós, frísios, admiramos isso. Não posso fazer de você minha esposa, porque você poderia me matar durante o sono, mas, se aceitar, gostaria de nomeá-la minha conselheira. Seu ponto de vista único seria muito valioso.

A princesa aceitou de bom grado. Ela voltou a morar no palácio com sua criada, assumiu uma posição de destaque no governo do duque e nunca mais cobriu a boca para falar, pois não precisava mais esconder quem era.

Passado algum tempo, ela fez uma visita ao pai, que continuava preso no calabouço.

Ele usava uma roupa de aniagem suja e não parecia nada majestoso.

— Vá embora daqui. Você é uma traidora e eu não tenho nada para lhe dizer — rosnou ele.

— Bom, eu tenho uma coisa para dizer ao senhor. Embora ainda esteja com raiva, quero que saiba que o perdoo. Hoje eu entendo que o que fez comigo não foi a atitude de um homem mau, mas de um homem comum.

— Está bem, obrigado pelo lindo discurso. Agora vá embora.

— Como quiser.

A princesa se afastou, mas parou à porta.

— Por falar nisso, estão planejando enforcá-lo amanhã de manhã.

Com essa notícia, o rei se encolheu em posição fetal e caiu no choro. Era uma cena tão patética que a princesa sentiu pena. Apesar de tudo o que seu pai tinha feito, naquele momento a mágoa que ela sentia se desfez. Ela usou seu veneno para derreter a tranca da cela, tirou-o dali, disfarçou-o de mendigo e o mandou fugir na mesma direção para a qual ela própria fugira uma vez. Ele não agradeceu, nem mesmo olhou para trás. Quando o pai desapareceu de vista, a princesa foi tomada por uma súbita felicidade desmedida, pois seu ato de bondade havia libertado os dois.

Fonte: RIGGS, Ransom. *Contos Peculiares*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

## AULA 2 - 50 MIN

---



**Passo 1:** Caso não tenha sido possível terminar a leitura do conto na aula anterior, começar esta aula com o conto "A princesa da língua bifurcada", de Ransom Riggs, a partir do ponto interrompido.

**Passo 2:** Ao terminar a leitura, confira com os alunos as respostas dadas corrigindo-as novamente se necessário.

## 4º MOMENTO



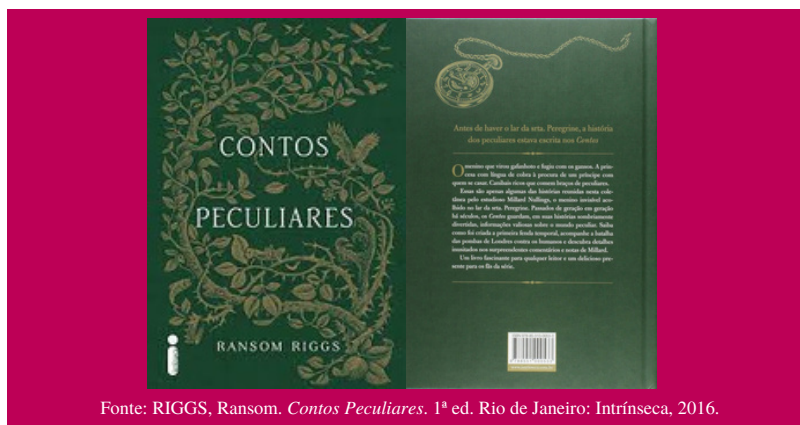
## INTERPRETAÇÃO

A Interpretação se divide em 2 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é realizar a interpretação do conto "A princesa da língua bifurcada" a partir de perguntas que deverão ser registradas no caderno de aula dos alunos através de xerox ou passadas na lousa. Os alunos também deverão responder de forma escrita em seus cadernos para correção do professor.

AULA 1 - 50 MIN



**Observação:** O professor deverá corrigir oralmente as questões de interpretação, recorrendo ao registro das respostas corretas, toda vez que se fizer necessário para entendimento de todos.



Fonte: RIGGS, Ransom. *Contos Peculiares*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

**Passo 1:** Após a leitura do conto, nas aulas anteriores, o professor lançará as seguintes perguntas xerocadas ou escritas na lousa para cópia e resposta dos alunos.

1. O final do conto superou suas expectativas ou não? Justifique.
2. Comente a frase extraída do livro: "A princesa estava começando a ver sua beleza como uma maldição".
3. Veja o *meme* abaixo da *Monalisa* e responda ao que se pede:



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/422142165073168508/>.  
Acesso em: 15 ago. 2022.

- a. No meme com o quadro da famosa pintura de Leonardo da Vinci, *Monalisa*, há uma frase que diz: "Bela, recatada e do 'lar'". O que essa frase quer dizer?
  - b. Qual a relação que se pode estabelecer entre a frase e o quadro de da Vinci?
  - c. Em relação ao conto "A princesa da língua bifurcada", que relações podemos estabelecer entre ele, o quadro *Monalisa* e a frase do meme?
  - d. Assim como a *Monalisa*, a princesa também tinha como principal atributo sua beleza. A beleza, em muitas culturas ao longo da história, foi o único motivo para que os homens se interessassem pelas mulheres e quisessem se casar com elas. Diante disso, responda: o que a beleza significa para a princesa neste conto e se a princesa está destinada a unicamente exercer o papel de esposa.
4. Com base no significado do termo feminismo:

O feminismo é um movimento que luta pela igualdade social e de direitos para as mulheres e busca combater o modelo social baseado no patriarcado e os abusos e a violência contra as mulheres.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/422142165073168508/>. Acesso em :15 ago. 2022.

- a. A princesa pode ser considerada uma personagem feminista. Por quais motivos você acha que essa afirmativa é verdadeira? Justifique.
- b. Quais motivos levam o príncipe da Galácia a desejar o casamento com a princesa da língua bifurcada? Exemplifique com elementos do texto.
- c. O papel do pai da princesa pode ser considerado machista? Comente.
- d. Vocês acham que ela, no final do conto, conseguiu conquistar sua igualdade social e de direitos ou apenas se tornou uma garota destinada a servir os outros? Explique.

## AULA 2 - 50 MIN

---



**Passo 1:** O professor iniciará a aula propondo uma configuração diferente para o espaço em sala de aula: pedir aos alunos que organizem suas carteiras em formato de meia-lua.

**Passo 2:** Após organizar o ambiente, o professor passará a corrigir as questões de Interpretação, levando os alunos a realizarem uma discussão acerca da maneira como se comportam as personagens do conto e sobre a temática "feminismo".

## 5º MOMENTO



### PRODUÇÃO TEXTUAL

A Produção Textual se divide em 3 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é que os discentes possam internalizar os conhecimentos adquiridos sobre o conto, expressando-se através de uma produção de texto.

#### AULA 1 - 50 MIN



**Passo 1:** O professor deverá apresentar aos alunos o gênero resenha (em folhas xerocadas) conforme o modelo abaixo, levantando algumas questões:

#### A Duras Penas

Edna Rezende

Livro de contos *A duras penas* estabelece individualidades entre o canto (sua voz) e a fala da experiência.

Qual é a individualidade de um pássaro? Seu canto, suas plumagens, seu voo? O que faz com que nós os narremos sob a ótica do narrador, eu, ou numa terceira pessoa? Há um colorido de fábula num conto passaredo? Sinto que ao pegar uma coletânea de voos distintos de narrações, o voo é sempre diferente de um e de outro. É como se coubesse um afeto em cada história particular de um passarinho. Mas como se narra uma história dessa? A duras penas? Não com a leveza da levi-dura-ta-ção [...].

Edna Rezende não cria propriamente um fabular conto de pássaros no seu *A duras Penas*. Embora haja uma fluida moralidade perpassando cada conto seu. A fábula ensina, Edna já prefere experienciar um mote, um conto sobre certa ave. Há certos pássaros que preferem narrar na primeira pessoa, como se fosse a sua canção, a sua voz. Partem do testemunhal como a Cacatua, o coleiro, Joanhina de barro, este por sinal, de apertar o coração. Coleiro faz uma bela composição antinatural, revertendo símbolos ou mitos, colocando amizade de um pássaro com uma cobra. O pássaro na gaiola, e a cobra livre. A rica matiz simbólica perpassa o conto de uma melodia diáfana.

Mas e quando os narradores se distanciam da voz ou do canto da ave? Como perpassa a afetividade deles? Até numa galinha meio paralítica, o afeto recai como um esteio do concavo carinho. O engano aqui talvez seja camuflado de intenções pormenores [...] Tanta galinha para se pegar [...].

Edna para cada conto em terceira pessoa prepara uma afetividade própria do dono ou amigo para narrar seu pequeno portentor de asas. Como o Melro, assaz preto, que a narradora por sinal tem um pai caçador de gatos [...], simbologia aqui jaz tanto no bicho quanto numa provável alteridade felina, caçadora [...].

São tantos contos pintados como uma aquarela por Edna, mas dois me chamaram bastante atenção. O do Pintassilgo e do Pardal. O primeiro, pela completa falta de laços entre a narradora e o pássaro. O animal como matriz identitária, oprimido pela personagem-fala. E, o pardal, talvez o mais belo em termos de imagens poéticas, onde quase num desenho japonês, vemos aquela concentração de imagens e ação dentro de um pequeno pedaço de novelo desfechado. O final parece estabelecer toda uma linguagem para o conto todo que não é atravessado pelo pássaro em sua corporeidade. Mas o final, perdão, pardal, é lindo, como o livro todo.

Fonte: ANDRADE, Fernando. Disponível em: <https://www.literaturaechedura.com.br/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Após a leitura da resenha acima, discorra sobre as seguintes questões:

1. Qual o objetivo do gênero resenha?
2. Quais são as diferenças entre resumos e resenhas?
3. Assim como todos os textos, a resenha contém partes que a identificam e a distinguem de outros gêneros textuais. Sendo assim, identifique no texto alguns elementos constitutivos como o nome da obra resenhada, o panorama inicial, opinião do autor da resenha sobre a obra.
4. Resenhas são utilizadas como uma forma de produção textual crítica sobre livros. Em qual parte, vocês identificam a crítica feita por Fernando Andrade acerca do livro?

## AULA 2 - 50 MIN



**Passo 1:** A resenha acima servirá como modelagem para que o professor peça aos alunos que escrevam uma resenha sobre o conto "A princesa da língua bifurcada". Para auxiliar os alunos na construção do texto, além de corrigir as questões da Aula 1, o professor deverá entregar o esquema abaixo para que os alunos possam se guiar. No final da aula, o professor deverá recolher as resenhas para correção:

Para uma boa resenha, é importante se atentar para os elementos abaixo:

1. Faça um título para a resenha;
2. Apresente o conto: faça um panorama inicial;
3. Descreva a estrutura do conto: tipo de narrador; tipo de discurso escolhido pelo autor; se o conto é dividido em capítulos ou não;
4. Fale sobre o conteúdo do conto;
5. Faça sua análise crítica do conto;
6. Identifique o público-alvo do conto e faça recomendações;
7. Discorra um pouco sobre o autor.

Fonte: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/781/2020/11/Cartilha-Resenhando.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022. Adaptado.



**Passo 1:** O professor deverá entregar as resenhas dos alunos corrigidas e pedir que reescrevam o texto revisando os pontos que foram assinalados na correção.

**Passo 2:** Após a reescrita, o professor poderá sugerir que os alunos troquem entre si os textos, leiam e, no final, escolham a resenha que melhor tenha apresentado o conto. Depois da resenha escolhida, compartilhá-la com toda a escola em um mural.



### AULA 1 - 50 MIN

---



#### **Passo 1**

1. Resposta pessoal.

#### **Passo 2:**

1. Resposta pessoal. O professor deverá explorar todas as respostas dadas pelos alunos.
2. Resposta pessoal. O professor deverá explorar todas as respostas dadas pelos alunos.
3. Resposta pessoal. O professor deverá explorar todas as respostas dadas pelos alunos.

### AULA 2 - 50 MIN

---



#### **Passo 1**

1. Resposta pessoal.
2. Resposta pessoal.

#### **Passo 2:**

1. Tem como função resumir a história e causar curiosidade no leitor, motivando-o a ler uma obra ou a assistir a um filme.
2. Que a sinopse apresente uma síntese com os pontos fortes da história, sem contar todo o conteúdo.
3. Resposta pessoal.

### AULA 3 - 50 MIN

---



#### **Passo 1**

1. Resposta pessoal.

# INTRODUÇÃO

## AULA 1 - 50 MIN

---



### Passo 2

1. Resposta pessoal.
2. "[...] em sua boca havia uma comprida língua bifurcada e, em suas costas, escamas cintilantes em formato de losangos."
3. A cidade onde se passa a história é Frankenburgo. Há no mapa mental um ícone de cor roxa que apresenta essa informação.
4. Ao "noivo", pois este substantivo o nomeia como o escolhido para se casar com a princesa da língua bifurcada.
5. Resposta pessoal.
6. Responder no próprio mapa mental dado pelo professor após a leitura do conto.

## AULA 2 - 50 MIN

---



### Passo 1

1. Resposta pessoal.
2. A união foi um pedido de Portugal para melhorar a relação entre os reinos.
3. Resposta pessoal.
4. Os casamentos arranjados ou forçados ainda existem em alguns países do mundo, a exemplo de Níger, Mali e Burkina Faso, que ficam no continente africano. Segundo o Relatório da Amnistia Internacional (2016), Burkina está em os 10 países com mais casos, sendo que uma em cada duas mulheres nesse país casa-se antes dos 18 anos e mais da metade (51,3%) entre os 15 e 17 são casadas, mas há registros de casos de casamentos forçados de meninas de 11 anos. O mesmo relatório aponta que os principais motivos dos casamentos arranjados nesses países são reforçar alianças familiares, adquirir estatuto social ou troca de bens, dinheiro ou serviços.

# LEITURA/INTERPRETAÇÃO

AULA 2 - 50 MIN

---



## **Passo 2**

Voltar à questão de número 6, da Aula 1 (Introdução), Passo 2:

Tempo: marcado pelo uso do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito do indicativo.

Narrador: apresenta-se na 3ª pessoa do discurso (alguém que conta a história sem se envolver nela).

# INTERPRETAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN



## Passo 1

1. Resposta pessoal.
2. Resposta pessoal.
3. a) Tem como sentido retratar a mulher como um exemplo para a sociedade de beleza, discrição e dedicação ao lar.  
b) A beleza e o sorriso enigmático de Monalisa são destacados pelos críticos de todo o mundo e o quadro de Da Vinci tem recebido muitas releituras na arte e na cultura. O *meme* em questão é uma delas. É possível que seu autor tenha intencionalmente conjugado a imagem de Monalisa ao "Bela, recatada e do lar" para se valer da popularidade e do sorriso de Monalisa para ironicamente destacar o conteúdo misógino da frase em questão.  
c) A princesa da língua bifurcada pode ser considerada enigmática pelo fato de esconder uma de suas peculiaridades, a língua bifurcada, assim como a peculiaridade da figura de Monalisa seria seu sorriso que encerra um enigma que até hoje mexe com o imaginário das pessoas. A frase utilizada torna-se paradoxal em relação ao conto e à obra de da Vinci, pois ambos não se encaixam no exemplo que se quer de uma mulher recatada, do lar e obediente. Tanto a princesa quanto Monalisa podem ser consideradas à frente de seu tempo.
4. a) Porque ela não se conforma com um casamento forçado. Prefere lutar pelo amor, mesmo que isso signifique perder seu status e liberdade.  
b) A beleza e discrição.  
c) Sim. A partir do momento que ele se coloca como soberano e dono da vida de sua filha, a princesa da língua bifurcada.  
d) A princesa consegue a felicidade quando, ao libertar seu pai, se sente também livre.

## PRODUÇÃO TEXTUAL

AULA 1 - 50 MIN



### Passo 1

1. Resposta pessoal.
2. O resumo apresenta apenas a síntese de uma obra, já a resenha apresenta a obra a partir do ponto de vista de quem a analisa.
3. Os elementos constitutivos da obra são: o título da obra *A Duras Penas*; o panorama geral pode ser identificado neste trecho: "Embora haja uma fluida moralidade perpassando cada conto seu. A fábula ensina, Edna já prefere experienciar um mote, um conto sobre certa ave. Há certos pássaros que preferem narrar na primeira pessoa, como se fosse a sua canção, a sua voz"; a opinião do autor da resenha pode ser exemplificada no trecho: "A rica matiz simbólica perpassa o conto de uma melodia diáfana."
4. "Livro de contos *A duras penas* estabelece individualidades entre o canto (sua voz) e a fala da experiência. Qual é a individualidade de um pássaro? seu canto, suas plumagens, seu voo? O que faz com que nós os narremos sob a ótica do narrador, eu, ou numa terceira pessoa? Há um colorido de fábula num conto passaredo? Sinto que ao pegar uma coletânea de voos distintos de narrações, o voo é sempre diferente de um e de outro. É como se coubesse um afeto em cada história particular de um passarinho. Mas como se narra uma história dessa? A duras penas? Não com a leveza da levi-dura-ta-ção [...]. Edna Rezende não cria propriamente um fabular conto de pássaros no seu *A duras Penas*. Embora haja uma fluida moralidade perpassando cada conto seu. A fábula ensina, Edna já prefere experienciar um mote, um conto sobre certa ave. Há certos pássaros que preferem narrar na primeira pessoa, como se fosse a sua canção, a sua voz".





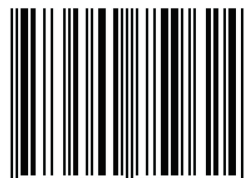


**INSTITUTO FEDERAL**  
SUDESTE DE MINAS GERAIS

Campus  
Juiz de Fora

ISBN: 978-65-00-75962-4

100



9 786500 759624